

100 Anos DE ARTE E CULTURA



THEATRO CARLOS GOMES  THEATRO ALBERTO MARANHÃO

CLAUDIO GALVÃO

© Copyright CLAUDIO Augusto Pinto GALVÃO

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida,
desde que citada a fonte.

Reservados todos os direitos desta edição ao autor

Editora: RN Econômico Empresa Jornalística Ltda.

Rua São Tomé, 398, Centro, Natal/RN

Equipe Editorial

Art&C Comunicação Integrada

Projeto Gráfico

Danilo Medeiros

Diretor de arte

Fabício Cavalcante

Ass. de arte

Tarcísio Rosas

Revisão

Giovanni Sérgio

Fotos da capa e contra-cap

Gildete Moura de Figueirêdo

Normalização Bibliográfica

Catálogo na Publicação: *Gildete Moura de Figueirêdo –CRB-4/319*

Galvão, Claudio.

Teatro Carlos Gomes – Alberto Maranhão; cem anos

de arte e cultura/Claudio Augusto Pinto Galvão. Natal:

Editor, 2005, 200 p. il. Inclui bibliografia

1. Teatro – História – Rio Grande do Norte. 2. História –
Teatro - Rio Grande do Norte. I. Título. II.

DCU 792 (812.3) (091)

CDD 792.09 (812.3)

L'Ordre de me remettre
la Région d'Ormeau

vous serai bien obligé de
les lui faire parvenir, pour
ma réception

Recevez Monsieur
considération distinguée
P'atour

Campenot



AGRADECIMENTOS

À Direção do Diário de Natal e ao seu Setor de Pesquisa, pelo seu Supervisor José Aldemir Fernandes Lopes e funcionários Cristiane Rodrigues, Jaqueline Maia Franco, João Maria de Araújo e Osnilda Figueiredo Lopes, pela colaboração recebida durante o trabalho.

Ao Arquivo do Teatro Alberto Maranhão, através de sua coordenadora Verônica de Oliveira Neta, pela sua dedicação e competência.

Ao Arquivo Público do Estado do RN pelo seu funcionário José Salvino Sobrinho, sempre disponível e colaborador.

À Biblioteca Central Zila Mamede – UFRN.

À documentalista Gildete Moura de Figueiredo, pelo cuidado e competência na normalização bibliográfica.

Ao revisor Tarcisio Rosas, pela eficiente ajuda.

À FFL Software e Hardware PI – Consultoria e Assessoria em Informática Avançada.

Ao Instituto Histórico e Geográfico do RN, pela colaboração de suas funcionárias Antonieta Freire de Sousa e Maria Lúcia da Silva.

Às pesquisadoras Ana Verônica Oliveira Silva e Rosélia Cristina de Oliveira, pela inestimável ajuda na pesquisa documental.

Aos informadores e colaboradores Anchieta Xavier (fotojornalismo), Augusto Maranhão, Carlos Alberto de Lima, Carlos Furtado, Carlos Sérgio Borges, Cinira Wanderley Raymond, Cléa Bezerra de Mello Centeno, Fernando Abbott Galvão, Fernando Freire Lisboa, Jair Maciel Figueiredo, João Batista de Carvalho Neto (SBAT), José Liberal de Castro, Lenício Queiroga, Luís Gonçalves Meira Bezerra, Luíza Meira Pires, Marcelo Fernandes de Oliveira, Marília Azevedo, Memorial Câmara Cascudo, Olímpio Maciel, Protásio Pinheiro de Melo, Racine Santos, Roni Soares, Sílvia Ramalho Dantas, Solange Gameiro, Sônia Santos, Wanie Rose Medeiros

Aos colaboradores residentes na França:

Cécile Coutin, Conservateur en Chef do Departamento das Artes do Espetáculo da Biblioteca Nacional, Paris.

Christian Midol, familiar de Eugène Carpezat.

Elisabeth Robert-Dehault, Presidente da Associação para a Salvaguarda do Patrimônio Metalúrgico da Haute-Marne. Vice-Prefeita de Saint-Dizier e Conselheira Geral do Departamento da Haute-Marne.

Laure Demargerie, Bibliotecária encarregada da documentação sobre escultura do Museu de Orsay, Paris.

Yves Delachaux, Diretor de Exportação da Fundação de Arte GHM, França.

PRESENTAÇÃO



O Teatro Alberto Maranhão é mais que uma casa de espetáculos ou um belo exemplar do patrimônio arquitetônico. Ele é um ponto de convergência da nossa cultura e da nossa história. Nesse palco centenário, construímos, com palavras e luzes, sons e cores, muito do que fomos e do que somos.

O TAM possibilitou o surgimento de uma dramaturgia potiguar, abrindo as cortinas para o talento de autores, atores e encenadores locais. Também tem sido um centro de valorização da cidadania, acolhendo eventos políticos e experiências sociais como a da Universidade Popular, aqui rememorada pelo professor Cláudio Galvão.

O livro vai além de resgatar e fixar a memória do TAM, e, por extensão, de Natal e do Rio Grande do Norte. Ele não é uma simples coletânea de vinhetas históricas ou de nostalgias douradas. Em suas páginas, pulsam pessoas, épocas, idéias e emoções tão vivas quanto devem ser a história e a cultura de um povo.

Wilma de Faria

Governadora do Rio Grande do Norte

<i>9</i>	OS TEATROS ANTES DO THEATRO
<i>23</i>	DO SONHO À REALIDADE
<i>43</i>	OS PRIMEIROS
<i>59</i>	OS GRANDES MOMENTOS DO TEATRO CARLOS GOMES
<i>93</i>	MAIS HISTÓRIA
<i>131</i>	NOMES DO TEATRO
<i>171</i>	OS DIRETORES
<i>181</i>	ALBERTO MARANHÃO - O PATRONO
<i>185</i>	O ANO DO CENTENÁRIO
<i>192</i>	BIBLIOGRAFIA

cada uma da
cidade de
Theatral - esprol
arandense - e que, pa
ndo-se a llicca da bo
são administratira
de funcionamento p
forças ditas e bidad
inter: para Directores da
ter Vice Consul, fo a que
io Dir. Juvenio: para 1.
o bem como a Guerra
10 de



S TEATROS ANTES DO THEATRO

NOTÍCIAS DISTANTES

A mais antiga notícia documentada sobre uma encenação na cidade de Natal deve-se a uma correspondência de D. João V, rei de Portugal, dirigida ao Governador e Capitão-general da Capitania de Pernambuco, em que informa que o Capitão-mor do Rio Grande (do Norte), em carta dirigida à Sua Majestade, comunica que, ao tomar conhecimento do casamento do príncipe português D. José com a princesa espanhola Dona Maria Ana, fez festejar devidamente o evento nessa capitania, *com nove dias sucessivos com comédias e várias festas de cavalo e outras celebrações iluminando-se três noites todas as casas da dita cidade avantejando-se nas ruas, pois se acendiam nela oitenta luzes cada noite sendo toda esta despesa a sua custa*, assim descreve o documento.¹

O documento real está datado de 23 de agosto de 1730. O casamento de D. José (futuro D. José I) – que possuía o título de Príncipe do Brasil – com Dona Maria Ana Vitória de Bourbon, verificou-se a 19 de janeiro de 1729. Havendo o casamento dos príncipes se verificado a 19 de janeiro de 1729 e sabendo-se que a carta do Capitão-mor do Rio Grande ao Rei de Portugal era datada de 10 de maio de 1729, as comemorações natalenses com suas encenações evidentemente se verificaram entre estas duas datas.

Embora não se possa alcançar o sentido exato da palavra comédia àquela época, certamente pode-se entender que

1.
CARTAS RÉGIAS sobre a
Capitania do Rio Grande do Norte.
Revista do Instituto Histórico e
Geográfico do Rio Grande do Norte. v.
14, n. 1-2, 1916, p. 42.

signifique encenações teatrais, mais certamente feitas ao ar livre. Pena que o documento não forneça outras informações.

Durante a fase colonial decerto foram empregados procedimentos cênicos pelos religiosos catequizadores junto aos indígenas locais. Não há textos conhecidos até o momento que possam confirmar esta hipótese. Entretanto, tais atividades eram rotineiramente utilizadas em outras regiões do Brasil e certamente ocorreram no Rio Grande do Norte, através da ação dos jesuítas que coordenavam aldeamentos indígenas em diversos pontos do interior. Os episódios religiosos, amplamente encenados em Portugal, seriam levados para a colônia com objetivos catequistas. Não há porque ser entendido de outro modo.

Uma Postura da Câmara Municipal da Cidade do Natal, datada de 14 de julho de 1830, dispõe sobre espetáculos públicos:

A Câmara Municipal faz saber aos habitantes de seu Município que havendo disposto a Lei de 1º de outubro de 1828 etc.

1º Que de ora em diante nem uma pessoa possa apresentar farsa de máscaras, comédias, cavalladas, dança de corda, painéis circulados de fogo artificial, sem proceder licença desta câmara pela qual pagará trezentos e vinte réis por cada um dos ditos espetáculos que quiser apresentar.²

2.
Documento original
pertencente ao Instituto
Histórico e Geográfico
do RN.

A referência a farsa de máscaras e comédias não permite dúvidas quanto à apresentação sistemática de encenações, e a sua organização através de um documento legal induz a supor a importância e a constância de sua presença.

O SÉCULO XIX

Notícias sobre a arte teatral na Natal dos anos 1800, suas atividades e locais onde se realizavam devem-se, na maior parte, a Luís da Câmara Cascudo, em sua *HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL*. Algumas de suas crônicas intituladas *Acta Diurna*, publicadas em jornais da década de 1940, também versaram sobre o tema.

Este, por sua vez, teve como principal fonte para estas informações o seu amigo Joaquim Lourival Soares da Câmara (1849-1926), mais conhecido na cidade como “Professor Panqueca”. O seu apelido se deveu a um personagem que interpretara, ele que fora ator amador na maioria das sociedades teatrais em atividade na Natal do século XIX. Melhor fonte não poderia haver e o Historiador da Cidade não deixou de reconhecê-la e indicá-la em seus escritos. Sobre ele publicou a *Acta Diurna* intitulada “Panqueca”, a 6 de março de 1940 e “O centenário do professor Joaquim Lourival”, a 20 de junho de 1949.³

3.
CASCUDO, Luís
da Câmara. Panqueca.
A República,
Natal, 6 de março
de 1940. *Acta Diurna*.



1841 SOCIEDADE DO TEATRO NATALENSE

Por ordem cronológica, o primeiro local conhecido que serviu de teatro na cidade foi um barracão de palha construído onde atualmente se encontra o prédio do antigo Dispensário “Sinfrônio Barreto”. Estava em atividade em 1841 e pertencia à Sociedade de Teatro Natalense, na ocasião dirigida por Matias Carlos de Vasconcelos Monteiro.

Um incêndio, supõe-se proposital, destruiu o teatro improvisado. O presidente da sociedade que o mantinha pediu ao Presidente da Província uma verba para a sua reconstrução, nela informando que o teatro antes possuía cenário e mecanismos necessários às encenações.

O Vice-Presidente da Província André de Albuquerque Maranhão, em Relatório de 7 de setembro de 1843 informa a disponibilidade de uma verba para a Sociedade e

[...] ordenou que fosse a mencionada quantia passada por empréstimo, na forma determinada, e com as precisas cautelas, ao Diretor da Sociedade Teatral; mas apesar de existirem desde muito na Tesouraria Provincial as necessárias ordens para aquele fim, ainda o mencionado Diretor não se apresentou a receber a referida

4.
Relatório apresentado
à Assembléia Provincial
do RN pelo Vice-Presidente
André de Albuquerque
Maranhão no dia 7 de
setembro de 1843.

*quantia, a qual existe por este motivo
ainda depositada no Cofre Provincial.*⁴
(RIO GRANDE DO NORTE, 2001)

Não são conhecidas as razões da desistência e não há
mais notícia do “teatro” da Sociedade de Teatro Natalense.

1853 AMADORES

Um segundo “teatro”, ainda construído igualmente com
palha por amadores e no mesmo local do anterior, teve fim
semelhante, incendiando-se no ano de 1853. Não há maiores
detalhes de sua história.

1854 SOCIEDADE THEATRAL APÓLLO RIOGRANDENSE



Em 1854, um grupo de amadores fundava a *Sociedade
Theatral Apóllo Riograndense*. Seu remanescente Livro de
Matrícula (dos participantes) indica os nomes dos dirigentes:
Diretor, Vice-Cônsul Joaquim Inácio Pereira Junior;
1º secretário, Tenente Manoel Ferreira Nobre Junior;
2º secretário, Capitão João Ferreira Nobre; Tesoureiro,
Thomaz Seabra de Mello; Procurador: José Pereira de
Azevedo Junior. Conselheiros, Tenente-Coronel Francisco
Pereira Cavalcanti, Manoel Onofre de Andrade, Fócio Joaquim
do Rego Barros e Antônio Benevides Seabra de Mello.

O mesmo documento informa que a Sociedade alugou
a Manoel Martins dos Santos Romano *a sua propriedade, que
serve de teatro desta capital, e n’ella serão dados os espetáculos,
a que se propõe a nossa sociedade.*

Pelo que se pode deduzir do texto acima, o imóvel servia
de teatro desta capital, ou seja, já era usado como teatro e não
apenas seria assim utilizado pela Sociedade. Era, sem dúvida,
um prédio com condições para encenações, que já acolhia
grupos amadores para suas apresentações.⁵

Indica Luís da Câmara Cascudo com segurança onde
estava este *theatro*, decerto baseado na informação do já
referido Professor Joaquim Lourival Soares da Câmara, filho
do poeta Lourival Açucena, este participante da *Sociedade
Apóllo Natalense*. Localizava-se onde se encontra o Instituto
Histórico e Geográfico, com a frente para a Rua Grande,
atual Praça André de Albuquerque. E que teve duas
apresentações, apenas...⁶

5.
Livro de Matrícula da Sociedade
Apóllo Riograndense. [Natal], 1854.
Manuscrito de 24 de setembro de 1854.
Acervo do Memorial Luís da Câmara
Cascudo. Foto: Anchieta Xavier.

6.
CASCUDO, Luís da Câmara.
O teatro em Natal. A República,
Natal, 15 ago.1940a. Acta Diurna.

1860
A PRIMEIRA
TENTATIVA
OFICIAL

Os problemas conseqüentes à ausência de uma edificação apropriada para o exercício das artes cênicas em Natal eram, certamente, grande obstáculo ao seu desenvolvimento, considerando-se a freqüente atividade das sociedades de amadores.

A 24 de fevereiro de 1860, vários deputados apresentaram um projeto à Assembléia Legislativa Provincial, visando à construção de um prédio destinado às representações teatrais em Natal.⁷ Assinaram a proposta os deputados Luís Carlos Lins Wanderley, Octaviano Cabral Raposo da Câmara, Manoel Ferreira Nobre Junior, José Moreira Brandão Castelo Branco, Miguel Joaquim de Almeida Castro, padre Francisco de Paula Soares da Câmara, padre Tomás Pereira de Araújo, Luís Bezerra Augusto da Trindade e o padre Francisco Justino Pereira de Brito. Autorizava-se o Presidente da Província a empregar uma verba *com a construção de um teatro no lugar conveniente desta capital*.

Passaram-se dois anos até que, em 1862, recebesse parecer contrário da Comissão de Fazenda, justificada por ausência de recursos, *embora o projeto não seja destituído de alguma utilidade*.⁸

7. À época, o Brasil estava em pleno Governo imperial, os atuais Estados eram denominados Províncias e governados por um Presidente. O poder legislativo era exercido por uma Assembléia Legislativa Provincial.

8. CASCUDO, Luís da Câmara, *HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL*, capítulo XXI.



1865-1866
TERCEIRO
TEATRO
DE PALHA

Uma terceira tentativa de se construir outro teatro de palha se verificou no mesmo local onde se haviam incendiado os dois que lhe antecederam. Corriam os anos de 1865-66, quando o País enfrentava a guerra do Paraguai, e certas autoridades recrutavam à força “voluntários” para serem mandados para o combate. Uma dessas ocasiões ocorreu em plena função do teatro, que foi cercado e alguns jovens presos e encaminhados para o Exército. Supõe-se que, temendo novo recrutamento forçado, o terceiro teatro de palha tenha sido propositalmente incendiado.⁹

9. CASCUDO, Luís da Câmara, *HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL*, capítulo XXI.

1868
AO AR LIVRE

Há registro de uma primeira tentativa de se fazer teatro ao ar livre em Natal. A Sociedade Dramática Natalense encenou um espetáculo, a 25 de dezembro de 1868, em um sítio localizado no Barro Vermelho, propriedade do padre Bartolomeu Fagundes de Vasconcelos. Esteve presente o Presidente da Província Manoel José Marinho da Cunha,

10. CASCUDO, Luís da Câmara. *O teatro em Natal*. A República, Natal, 17 ago. 1940b, Acta Diurna.

11. CASCUDO, Luís da Câmara. *HISTÓRIAS QUE O TEMPO LEVA*, 1924.

autoridades e o povo em geral. Além da luz do luar, muitos colaboraram com candeeiros para iluminar o local.¹⁰ Foi encenada a peça “Camila no subterrâneo ou Os salteadores do Monte-Negro”. Em outro escrito, Câmara Cascudo informa a realização de uma reprise, atendendo a pedidos, no mesmo local, a 1º de janeiro de 1869.¹¹

1880-1894 O TEATRO SANTA CRUZ

Em 1873, o Presidente da Província, João Capistrano Bandeira de Melo Filho, promulgou a Lei de n. 678, de 6 de agosto, concedendo ao comerciante João Chrysostomo de Oliveira, *o privilégio por vinte anos para edificar um teatro nesta capital*. Previa, ainda, a lei em seu Art. 2º – *Este privilégio cessará se o concessionário não der começo às obras do teatro no prazo de dois anos, e as não concluir em cinco, a contar da data desta lei*.¹² Não foi possível localizar a data do início da construção, mas o concessionário aproveitou seu privilégio.

A próxima fonte a fornecer informações sobre os antigos teatros natalenses é a *BREVE NOTÍCIA SOBRE A PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE*, publicado em 1877. Seu autor, Manoel Ferreira Nobre, cita o teatro Recreio Natalense, existente na Cidade Alta, dirigido por Pedro Celestino Barbosa Tinoco. Destaca a apresentação de um variado espetáculo realizado a 9 de abril de 1877, em benefício da pobreza do sertão, vítima da seca.

No bairro da Ribeira estava em atividade o teatro particular denominado Vôo Dramático, mantido por uma sociedade composta de negociantes e moços de boa roda.

Quanto ao andamento da obra do Teatro Santa Cruz, é o mesmo Manoel Ferreira Nobre que informava, em 1877:

*Está em construção na Cidade Alta, um belo edifício, de propriedade do cidadão João Chrysostomo de Oliveira, para servir de teatro, com todas as condições requeridas em tais edificações.*¹³

12. Coleções de Leis Provinciais do RN dos anos 1872 a 1873. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

13. NOBRE, Manoel Ferreira. *BREVE NOTÍCIA SOBRE A PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE*, 1971.

14. Coleções de Leis Provinciais do Rio Grande do Norte: 1877. Natal, Tipografia do Correio do Natal, 1878. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

Decerto o prazo se encerrara e o edifício não estava concluído. A concessão foi, então, renovada pelo Presidente da Província José Nicolau Tolentino de Carvalho, através da Lei n. 820, de 11 de dezembro 1877 que, em seu artigo único, estabelecia que o novo prazo para a [...] *edificação de uma casa de teatro nesta capital, fica elevado a mais cinco anos, contados da data em que finalizar o primeiro*. [...] ¹⁴

Não foi encontrado um documento que informasse a data precisa da inauguração do primeiro teatro da cidade. Não é possível lembrar-se esta iniciativa do comerciante João Crisóstomo de Oliveira sem uma referência fortemente elogiosa, principalmente porque o teatro não foi feito para exploração comercial por seu proprietário. Decerto nada lucrava com sua criação, a não ser o prazer de prestar um benefício. Câmara Cascudo recomenda:

*Quando fizerem a história do pequenino surto teatral no Rio Grande do Norte, no cimo do frontão, escrevam o nome de João Crisóstomo de Oliveira, exemplo sem igualha, atitude sem réplica, apóstolo sem discípulo, no auxílio à cultura ambiental.*¹⁵

Em 1880 já estava o Teatro Santa Cruz prestando seus serviços à comunidade. Entre os atores e companhias que ali atuaram, o mais antigo nome a destacar é o de um dos mais famosos atores brasileiros, José de Lima Penante que, já em agosto, apresentava-se no novo teatro.¹⁶ Notícias de 1881 e 1882 ainda informam sua atividade na cidade.

Em janeiro de 1886 Lima Penante voltava ao Estado, em companhia da atriz portuguesa Helena Balsemão¹⁷; em fevereiro, apresentaram-se em Macaíba; em março, os freqüentadores do Teatro Santa Cruz assistiram a apresentação da opereta “O Periquito”, considerada como *sucesso na corte com mais de trezentas apresentações*.¹⁸

Além de diversas encenações em Natal, a Companhia apresentou-se em todas as cidades à margem das estações de trem até Nova Cruz. Sabe-se pouco sobre a música que era ouvida durante as apresentações. O musicista natalense Francisco Fernandes Barros, a pedido da atriz Helena Balsemão, regeu a orquestra nas encenações do grupo no Teatro Santa Cruz.

Câmara Cascudo acrescenta: *Nas noites de representação, a música de seu Cãindo (Cândido José de Melo) que era a mesma de seu Carneiro (Francisco Xavier Carneiro dos Anjos), passava tocando o “dobrado” inseparável, “QUINZE DIAS DE VIAGEM”.*

O historiador, que decerto conheceu o edifício antes de suas reformas, descreve o seu interior:

Quatro portas abriam para a “Travessa Visconde de Inhomirim” (Rua João Pessoa),¹⁹ dando para

15.
CASCUDO, Luís da Câmara.
O Teatro em Natal: Teatro Santa Cruz. A República, Natal, 21 ago. 1940c. Acta Diurna.

16.
[TEATRO Santa Cruz]
O Correio do Natal, 6 ago. 1880.

17.
Sobre Penante e Helena Balsemão, ver
SALLES, Vicente.
O TEATRO NA VIDA DE JOSÉ
DE LIMA PENANTE: UM ATOR DO
SÉCULO XIX, 2000.

18.
[TEATRO Santa Cruz]
O Correio do Natal, 24 mar. 1886.

19.
Travessa Visconde de Inhomirim a
partir de 1888. Antes, Travessa do Teatro.

um amplo saguão, de onde subiam duas escadas laterais, levando para um pequeno sótão que iniciava a fila dos camarotes, à direita e esquerda. No térreo, corriam as cadeiras e o palco estava no fundo, tomando toda parte posterior. As janelas refrescavam, com tacanissas, escondendo o auditório dos olhares da rua. Do hall para o salão havia portas em ogivas, cerradas com reposteiros, à hora de iniciar-se a função.²⁰

O Teatro Santa Cruz era o ambiente ideal para as grandes manifestações cívicas e patrióticas. Como exemplo, considere-se que no seu recinto foi fundada a Libertadora Norte-rio-grandense, sociedade liderada por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, que objetivava a libertação dos escravos no Estado.

A reunião de fundação se realizou às 12h do dia 1º de janeiro de 1888. Na ocasião, Pedro Velho propôs para a presidência o vigário da matriz, Padre João Maria Cavalcanti de Brito. A instituição constituiu-se, inicialmente, de cinquenta e quatro membros. Deliberou-se que as reuniões da Libertadora ficariam se realizando no palco do Teatro Santa Cruz.

Na segunda reunião, ainda no mesmo local, deliberou-se que, a partir da próxima sessão, todos os encontros se verificariam na sede do *Club Familiar*, localizada na Praça da Alegria (atual Praça Padre João Maria). Tal procedimento evitaria os incômodos da colocação de mesas e cadeiras no palco do Teatro Santa Cruz.²¹

Volta o Teatro Santa Cruz a participar do movimento abolicionista, dessa vez ao acolher as festividades comemorativas da libertação dos escravos, realizadas a 19 de maio de 1888, seis dias após a Lei Áurea. Pela precisão dos detalhes e curiosidades encontradas, transcreve-se o texto integralmente:

20.
CASCUDO, Luís da Câmara,
O Teatro em Natal (V): Teatro Santa Cruz.
A República, 21 ago. 1940.
A descrição acima coincide, em grande
parte, com a planta do auditório da Rádio
Nordeste, depois Cinema Nordeste.

21.
ATA da 1ª reunião. Boletim
da Sociedade Libertadora Norte-rio-
grandense, Natal, n. 1, 8 jan. 1888a.
ATA da 2ª reunião. Boletim
da Sociedade Libertadora Norte-rio-
grandense, Natal, n. 2, 23 jan. 1888b.

*Sociedade Dramática Particular União
Natalense – Sábado, 19 do corrente. Pomposo
espetáculo em grande gala para festejar a Áurea
Lei (sic) de 13 de maio, que apagou para sempre
da História Brasileira a nódoa infame da escla-
vidão, que enegrecia suas brilhantes páginas.
Logo que sua Exa. o Sr. Presidente da Província
se dignar comparecer à tribuna, a música tocará
uma das melhores peças do seu repertório, findo
o qual subirá o pano perante a Augusta Efigie
de Sua Majestade o Imperador e em alusivo*

quadro alegórico da magnânima Lei e humanitário gabinete de 10 de março.

Será cantado por toda a sociedade o “Hino da Liberdade”.

Depois de meia hora, subirá à cena o sempre festejado e importante drama em três atos e um quadro “29 ou A Honra e Glória”, no qual tomará parte toda a sociedade.

O teatro será elegantemente decorado.

Principiará às 8 horas da noite.

As pessoas que se dignarem comparecer à nossa festa deverão mandar cadeiras devidamente marcadas, até as 4 horas do dia do espetáculo.

Tendo de fazer-se despesas imperiosas, roga-se aos Ilmos. Srs. Sócios subscritores, que mandem receber os seus bilhetes até as duas horas da tarde da sexta-feira 18 do corrente, em nome do Tesoureiro Joaquim Ignácio Rodrigues Pessoa, na Rua Visconde do Rio Branco n. 27, a quem deverão remeter as importâncias de suas assinaturas.”²²

Ainda no mesmo ano de 1888, outro evento patriótico, agora para comemorar o aniversário da independência do Brasil.

Na noite de 7 de setembro o Teatro Santa Cruz teve sua platéia lotada pelo povo e autoridades. A responsabilidade da encenação esteve a cargo da Companhia União Natalense e a arrecadação foi destinada ao Hospital de Caridade. Cantou-se o Hino Nacional enquanto se abria o palco e nele se via, caprichosamente adornada, a efígie do Imperador. O Vice-Presidente da Província, Francisco Amintas da Costa Barros, comandou os “vivas” de praxe. Encenou-se a peça “O Poder do Ouro” e os atores em cena foram: Emídio Getúlio, B. Câmara, J. Damasceno, Joaquim Rodrigues, M. Tinoco e L. Gleidhert. Destaque-se a presença de duas mulheres entre as atrizes – fato pouco comum na época – a *novíssima Maria Cândida e a veterana Maria Epifânia*.²³

Dois anos depois, já proclamada a República, continuavam os eventos comemorativos.

A 5 de agosto, aniversário do Presidente Deodoro da Fonseca, assistiu-se a um espetáculo de gala com o drama “A Louca ou O Riso da Dor”, do autor conterrâneo Luís Carlos Lins Wanderley. Antes, verificou-se um cortejo em homenagem ao Presidente. Na ocasião, viu-se no palco não mais o retrato do Imperador e sim a efígie do Presidente, *colocada em um modesto, decente e rico dossel*. Levantado

22.
Gazeta do Natal, 19 maio 1888.
Rua Visconde do Rio Branco, atual
Avenida Rio Branco.

23.
Correio do Natal, 15 set. 1888.
Crônica teatral (!) assinada por alguém com
o pseudônimo de Winckelmann.

o pano, a música tocou a “Marselhesa”, e o Governador deu vivas à República. Entre os artistas, destacou-se a conhecida atriz *Honória dos Reis, que foi a heroína da festa e o alvo de merecidas saudações.*²⁴

Espectáculos beneficentes eram também realizados no palco do Teatro Santa Cruz. No domingo, 19 de junho de 1892, a Phoenix Dramática encenou o drama de Quintino Bocaiúva “Os Mineiros da Graça”, em benefício das famílias dos naufragos do navio brasileiro “Solimões”. Ezequiel Wanderley recitou o poema “Caritas”, de seu irmão Segundo Wanderley. Destacou-se uma cena representando o naufrágio, descrita sem detalhes.²⁵

O Teatro Santa Cruz continuou a prestar serviços de cultura e recreação à pequena cidade, mas ao se considerar alguns comentários, parece que em 1892 o prédio não estava muito bem conservado. Em vista da possibilidade da apresentação de uma companhia teatral, disse um jornal:

*Entretanto, cabe-nos aqui solicitar um retelhamentozinho no Santa Cruz, para não dar ocasião ao uso de abrirem-se tantos guarda-chuvas, como em uma das últimas representações da Phoenix.*²⁶



O prédio do Teatro Santa Cruz desde 1888 vinha sofrendo processo na justiça. É o que se pode concluir do edital de arrematação, publicado no jornal *GAZETA DO NATAL*, a 25 de fevereiro daquele ano. O executante chamava-se Francisco Artur Bowen. Na ocasião, o imóvel já pertencia ao tenente-coronel José Domingues de Oliveira, filho do primeiro proprietário, e estava avaliado em 30 contos para pagamento da quantia de 8:903\$500 e mais custas.

Em janeiro de 1894 apresentava-se a Companhia Cômico-Lírico-Dramática de A. Peres. Não há mais notícias de outros artistas nos meses posteriores. É possível que esta tenha sido a última a encenar naquela casa.²⁷

Às 8 horas da manhã de 17 de abril, o Teatro Santa Cruz encerrava suas atividades. São conhecidas as notícias do desabamento de seu teto em dia de forte chuva. A julgar-se pelo que noticiou um jornal da cidade, não desabou apenas o teto: desabou o edifício deste teatro, propriedade do coronel José Domingues de Oliveira.

Outra informação corrobora para concluir-se que o estrago foi maior do que apenas o desabamento do teto:

24. Gazeta do Natal, 9 ago. 1890.

25. A República, Natal, 28 jun. 1892. Faleceram o 1º tenente Afrodísio Fernandes Barros e Antônio Jorge d'Ávila Cavalcanti.

26. O Santelmo, Natal, 15 ago. 1892.

27. São as notícias dos únicos jornais disponíveis de 1894: A República (13/01) e O Rio Grande do Norte (19/01).

Caiu o teto de chapa, arruinando umas e levando outras paredes em sua queda! Foi um desastre. (...) O Presidente da Intendência Fabrício Pedroza, compareceu logo no lugar do sinistro e providenciou, mandando demolir as paredes que ainda ameaçavam cair, para não ofenderem aos transeuntes.²⁸

Por sorte o acidente não ocorreu durante uma apresentação e não houve vítimas a lamentar. A lamentar-se apenas a ausência do único teatro, que faria falta durante os dez anos seguintes.

O prédio do Teatro Santa Cruz localizava-se na esquina da Rua do Sarmento, depois Visconde de Inhomirim e atualmente Rua João Pessoa, com a Rua Gonçalves Ledo. Pertencia a Áureo Paiva quando foi ocupado pela Escola Técnica de Comércio de Natal, de 1º de maio de 1927 a 31 de dezembro de 1950. Demolido para construir-se a Rádio Nordeste (1958) abriga, no momento, o cinema e rádio do mesmo nome.

28.
O NORTISTA, 20 abr. 1894.



Antigo prédio da Escola Técnica de Comércio de Natal, atual Rádio Nordeste, onde se localizava o Teatro Santa Cruz. Foto de autor não-identificado.

1895-1904 OS TEATROS IMPROVISADOS

Após a perda do Teatro Santa Cruz, segue-se a fase dos teatros improvisados, localizados na Ribeira e Cidade Alta, os dois bairros que compunham a cidade.

A ausência de diversão estimulava à criação de sociedades teatrais amadoras: o problema era o lugar apropriado para as encenações. Igualmente, companhias itinerantes continuavam a visitar a cidade. O precário noticiário dos jornais da época fornece alguns elementos a considerar.

Em 1895, um ano após a ruína do Teatro Santa Cruz, encontrava-se em atividade o “Teatro Recreio Familiar”

onde, a 23 de maio, a “Sociedade 13 de Maio” encenou “Brasileiros e Portugueses”, de Segundo Wanderley. Estas apresentações se verificavam no teatrinho da Rua Visconde do Rio Branco (atual Avenida Rio Branco).²⁹

Em junho do mesmo ano, estava em Natal a Companhia Lírica de Operetas. A notícia jornalística informa sobre a sua apresentação do domingo, dia 2:

*Às 8 h 30m da noite regurgitava de espectadores o grande armazém na Rua do Palácio onde, à falta de edifício próprio nesta capital, o que é lastimável, improvisou-se de momento um teatro, cuja lotação é talvez superior a 300 pessoas. Neste precário ambiente foram encenadas, entre outras, as operetas “A Mascote” e “Os sinos de Cordeville”.*³⁰

Ainda em junho, funcionava na Ribeira o “*Club Dramatico Natalense*”, e os seus amadores “tratam de armar e preparar com esmero e gosto o teatrinho em que pretendem dar suas apresentações e espetáculos mensais.” Em outubro, a “Sociedade 13 de Maio” adquiria e fazia reformas no prédio da Ribeira onde funcionava o “*Club Dramatico Natalense*”.³¹

Em novembro, a “Sociedade 26 de maio” anunciava trabalhos num teatro à Rua Nova.

29.
O NORTISTA, Natal, 23 de maio;
O NORTISTA, Natal, 26 jul. 1895b.

30.
O NORTISTA, Natal, 6 jun. 1895a.

31.
O RIO GRANDE DO NORTE,
Natal, 28 jun. 1895a.

1894 HOUE UM “TEATRO RECREIO FAMILIAR”?

É o que se pode deduzir do escasso material informativo dos jornais.

A primeira referência encontrada está em *O ESTADO*, 7 de outubro de 1894, quando de uma encenação da Sociedade Dramática Particular 13 de Maio. Tudo indica que o Teatro Recreio Familiar pertencia a esta Sociedade, pois a 23 de novembro o mesmo jornal indicava outra apresentação *no seu quente teatrinho da antiga Rua Nova*.³² Em janeiro de 1895 a Sociedade estava em atividade, no mesmo local; a 10 de março, comentava o redator:

*[...] E se não tivéssemos o petit Teatro Recreio Familiar com a Sociedade “13 de Maio”, não sairíamos nunca dessa vida monótona e torporizante.*³³

32.
Atual Avenida Rio Branco.

33.
O ESTADO, 10 mar. 1895.
32 Atual Rua Chile.

No jornal *O RIO GRANDE DO NORTE* lê-se (31 de maio de 1895) que a Sociedade 13 de Maio encenou, a 23 de maio

(sua 20ª *soirée dramática*), no seu pequeno teatro, literalmente repleto, a peça “Brasileiros e Portugueses”, de Segundo Wanderley. A encenação realizada a 15 de junho de 1895, relata a revista *OÁSIS*, verificou-se no seu teatro *Recreio Familiar*. Já na notícia da apresentação de “A Louca da Montanha”, de Segundo Wanderley, a 27 de julho, não é mais mencionado o local das encenações.

A partir desta data desapareceram as referências ao Teatro Recreio Familiar. O jornal *O NORTISTA* noticiou, a 23 de outubro de 1895c, que a Sociedade 13 de Maio havia adquirido um teatro à Rua Tarquínio de Souza³⁴, na Ribeira. Notícias posteriores referem-se apenas a apresentações no teatro da Ribeira.

Que poderia ter sido o Teatro Recreio Familiar? Certamente a adaptação de um imóvel, sem nenhum caráter de permanência. Deve ter vivido entre outubro de 1894 a junho de 1895.

Onde se localizava? Na Rua Nova, atual Avenida Rio Branco; é só o que se sabe. Ali, entretanto, sonhavam com um grande teatro a melhor equipe de amadores da cidade: Honória Reis, Virgílio Benevides, Emídio Getúlio, Antônio Marinho Pessoa, Lila, João Pó Caldas, A. Leitão, Virgílio e Zózimo Garcia, Teófilo Marinho, José Mariano Pinto, Souto Neto, Alfredo Seabra, Carlos L’Eraistre, José Rodrigues Leite e tantos outros.

34.
Atual Rua Chile.

livros para a
sociedade honoraria da
maternal - ed. 1854
reclarado nos termos
mentos, as guias
das, e por via
como a rubrica
de que uso.
ria de sociedade
no Rio Grande
do Natal em
de 1854.
Cafun

O SONHO À REALIDADE

O MOVIMENTO PRÓ TEATRO

No ano de 1897, o jornal *A REPÚBLICA* comunicava (21/04) que a Companhia Japonesa não daria nenhum espetáculo em Natal por falta de uma casa própria para os seus trabalhos. A 24, voltando de Canguaretama onde, decerto, se apresentou, a Companhia exibiu-se em Natal, graças à iniciativa de um comerciante que cedeu suas instalações. Assim comentou o jornal:

Enquanto as nossas condições econômicas não permitem a construção de um teatrinho apropriado ao nosso meio, melhoramentos por todos os motivos necessário e útil e para a aquisição do qual, sujeitamo-nos aos suadouros que nos proporcionam as improvisadas casas de espetáculos, que até hoje têm servido às diversas companhias que têm vindo ao nosso Estado.

Iniciava-se, então a campanha para a construção de um teatro em Natal. Longo editorial publicado a 11 de maio daquele ano, no mesmo “A República”, abordava o assunto e comentava:

[...] Sujeitando-nos, como tantas vezes nos sujeitamos, a passar algumas horas asfixiados em

armazéns de açúcar onde algum pequeno grupo artístico, mais corajoso ou mais necessitado, sujeita-se também a trabalhar quando, desgarrado e perdido, aporta as nossas plagas, pouco hospitaleiras a artistas; temos, apesar de tudo, homens com bastante aptidão, com bastante critério e com suficiente perseverança – susceptível de ser fortalecido logo que não faltem-lhes o apoio e a adesão de todos – para levar a cabo um pequeno empreendimento desta natureza. O que falta-nos, pois?

Ao que se pode concluir do texto adiante (18/05), já se tornava clara a necessidade da construção de um teatro e a adesão do Governo de Estado estava assegurada:

Um Teatro - Não foi em pura perda a nossa propaganda para a construção de um teatro em nossa capital. Estamos informados que, além do concurso de particulares, que já agora não se frustram a contribuir para esse melhoramento, necessário e útil, o Exmo. Sr. Governador do Estado está disposto a destinar ao teatro uma parte da nova emissão de apólices, subordinando essa despesa à rubrica orçamentária de obras públicas.



Em outubro (8), boas notícias no mesmo “A República”:

Um dos nossos repórteres trouxe-nos, ontem, a agradável informação de que S. Ex. o Governador do Estado cogita de, logo que sejam terminadas as obras do quartel do Batalhão de Segurança (Polícia Militar), iniciar a construção de um teatro entre os dois bairros desta cidade, à qual servirá de modelo o teatro Apolo do Rio de Janeiro. Antecipamos os parabéns à população desta cidade.³⁵

Mesmo assim, continuavam as sociedades amadoras. A Sociedade *Phoenix Dramatica Natalense* era fundada a 20 de setembro 1897, tendo como presidente o poeta e teatrólogo Segundo Wanderley e encenava... no pequeno teatro da Phoenix.

³⁵.
A REPÚBLICA, Natal, 21 abr.;
11 maio; 18 maio; 8 out. 1897.

Governador Joaquim FERREIRA CHAVES. Em sua administração (1896-1900) foi iniciada a construção do Theatro Carlos Gomes. Foto de autor não-identificado. Acervo do IHG do RN.



A CONSTRUÇÃO (1898-1904)

1898 é o ano decisivo: o Governador Ferreira Chaves,³⁶ em comemoração ao segundo aniversário de sua administração e após inaugurar o novo quartel do Batalhão de Segurança, ordenou a edificação do desejado teatro.

Em abril, iniciava-se a construção. O local: um extenso terreno que, durante o período chuvoso, tornava-se alagado e insalubre, denominado Praça da República. O Ato Administrativo datado do dia 2 designa o 1º escriturário do Corpo de Fazenda, Teodósio Paiva, para administrar as obras de reconstrução da casa da Coroa (estação de trens na margem norte do rio Potengi) e construção de um teatro nesta capital, vencendo a gratificação de 100\$000 réis.

Uma data pode ser considerada como início dos trabalhos de construção: a 14 de abril, Teodósio Paiva *tomou as dimensões do terreno onde vai ser edificado o Theatro Carlos Gomes, na Praça da República.*³⁷

Seriam quatro anos de trabalho e expectativa.

36. Joaquim Ferreira Chaves Governou o Estado no período de 25/03/1896 - 25/03/1900 e, em segunda administração, 1º/01/1914 - 1º/01/1920.

37. A REPÚBLICA, Natal, 15 abr. 1898a.

AS SOCIEDADES AMADORAS E SEUS “TEATRINHOS”

Enquanto se processava a construção, continuavam persistindo os atores amadores. Às vezes, o público não cooperava. Não compareceu, como era esperado, ao Teatro Recreio Familiar, no dia 10 de novembro de 1894, mesmo que o drama “Emília ou 4 anos depois”, seguida da comédia de Ezequiel Wanderley “Efeitos da quebra-deira” tivessem, como complemento, a música da banda do 34º Batalhão de Infantaria: *Nossa terrinha é mesmo assim, e depois se queixam que vivem em uma pasmaceira completa por falta de distração.*³⁸

Em 1899, a Sociedade Dramática 12 de Outubro encenava num teatrinho à Rua Visconde do Rio Branco. Ali foi feita uma homenagem ao Exército e à Marinha, no dia da Proclamação da República.

No mesmo ano fundava-se, a 12 de outubro, a Sociedade Dramática Particular Segundo Wanderley, com 1ª récita no sábado, dia 23, e montava seus espetáculos no seu teatrinho à Rua do Comércio (Rua Chile).

Algumas alterações na construção do futuro Teatro Carlos Gomes foram feitas durante o trabalho, conforme criticava um jornal oposicionista:

*Novo teatro. Não satisfeito com o tamanho dos fundos do teatro, onde tem que ser palco, vai mandar o Dr. Governador desmanchar o respectivo paredão já feito, e que mede uns dois metros de altura, – mandando construir novo com espaço para admitir mais no comprimento duas janelas. As ordens estão dadas e a pedra chegada. É o faz e o desfaz – porque o Estado pode tudo para S. Exa. Nunca menos de uns três contos em pura perda.*³⁹

1900 prenunciava muitos eventos para se festejar o 4º Centenário do Descobrimento do Brasil que, naqueles tempos, era comemorado a 3 de maio. Entre muitos eventos, a Sociedade Dramática Segundo Wanderley encenou no dia 7, ao ar livre, na Rua Visconde do Rio Branco, a peça patriótica do mesmo Segundo Wanderley, “As três datas”.⁴⁰ (A REPÚBLICA, 1900). No teatrinho da mesma Sociedade vinha atuando a Companhia Cosmopolita e Poliglota, estrelada pelo ator francês Profillet.

Ainda em 1900, tem-se a registrar uma nova sociedade – o Recreio Juvenil Dramático – com programação dedicada a crianças de 12 a 14 anos, no *teatro mignon da Frei Miguelinho*.⁴¹ (A REPÚBLICA, 1900a)

Um outro local improvisado para apresentações era o velho casarão da Intendência Municipal. Ali, dava-se preferência

38.

O ESTADO, Natal,
18 nov. 1894.

39.

DIARIO DO NATAL,
19 nov. 1899.

40.

A REPÚBLICA, Natal,
8 jun. 1900.

41.

A REPÚBLICA, Natal,
24 jun. 1900.

aos eventos musicais. O pianista Amaro Barreto Filho, primeiro Norte-rio-grandense a apresentar-se como concertista em Natal, deu recitais no local a 8 de maio de 1890 (com o barítono Guglielmo Comoletti e o violinista Apolinário Joaquim Barbosa), e 12 de março de 1896, com o violinista Vincenzo Cernichiaro. A cantora lírica Onélia Manzetri apresentou-se duas vezes em janeiro de 1901, acompanhada de uma orquestra sob a direção de Joaquim Scipião.⁴² (DIÁRIO DO NATAL, 1901)

Em 1901 a Companhia Palácio e Lira apresentou operetas no teatrinho Recreio Moderno, na Rua do Comércio.

Em 1902 o Club Recreativo Dramático tinha um teatrinho à Rua das Laranjeiras.

Em agosto chegava do Rio de Janeiro a Companhia Dramática Caetano Alves, apresentando-se no palco provisório da antiga Rua do Palácio (Rua Chile). Estreou com “A Tomada da Bastilha”, drama em 5 atos, cadeiras a 2000 réis...

Embora não seja possível localizar o exato local tem-se, pelo menos, uma idéia do ambiente pela notícia de *A REPÚBLICA* de 27 de outubro: “*Os Milagres de Santo Antônio*” foi encenado no velho armazém de açúcar da antiga Rua do Palácio. Ao comentar um evento artístico realizado noutro local, o mesmo jornal elogiou, a 4 de novembro: [...] *festas artísticas, certamente mais salutares e mais profícuas do que os dramalhões do teatro provisório nos armazéns sujos da Ribeira...*⁴³

Em 1902 dá-se a transferência do Governo Estadual, a 11 de março, para o edifício do Palácio do Governo, localizado na Praça 7 de Setembro. O salão do primeiro andar, do lado da Praça André de Albuquerque – que ficaria conhecido como o “Salão Róseo” – era transformado em local de festas, bailes e concertos. Enquanto não terminava a construção do teatro, muitos eventos musicais tiveram lugar naquele ambiente. Voltaria a ser local de apresentações musicais, quando dos trabalhos da primeira restauração do teatro.

42.
DIÁRIO DO NATAL,
12 jan. 1901; 15 jan. 1901a.

43.
A REPÚBLICA, Natal,
4 nov. 1902.

SEGUE A CONSTRUÇÃO

Em sua primeira Mensagem, dizia o Governador Alberto Maranhão:

O Theatro “Carlos Gomes”, valiosa construção que o meu honrado antecessor deixou muito adiantada – e que se acha quase paralisada, em virtude da insuficiência da verba votada e pela necessidade mais urgente de atender-se a obras que entendem com a Saúde Pública – poderá ser, dentre de um ano, talvez, inaugurado,

*se as rendas estaduais o permitirem fazer executar, com regularidade e seqüência, os respectivos trabalhos, até agora interrupta e morosamente feitos.*⁴⁴

Continuava o Major (da Guarda Nacional) Teodósio Paiva à frente da obra de construção do teatro. Em 1902 era elogiado pelo Governador Alberto Maranhão:

*[...] pela habilidade, competência e rigorosa economia com que desempenhou sempre as comissões de que foi incumbido e mandou abonar uma gratificação extraordinária pelos bons serviços prestados à administração das Obras Públicas.*⁴⁵

Em setembro de 1903, Alberto Maranhão visitou as obras do teatro, em companhia do administrador Teodósio Paiva. Havia chegado a estátua da Arte, executada na França.

Em 1903, diz o mesmo governador:

Acha-se quase concluído o Teatro Carlos Gomes

E, mais adiante:

*Baseado em informação do digno administrador, Major Teodósio Paiva, conto ainda este ano poder aumentar o patrimônio estadual com mais estes dois importantes melhoramentos. Para a decoração e cenografia do teatro, firmei contrato com o conhecido profissional, Dr. Herculano Ramos, que já tem quase terminado aquele trabalho.*⁴⁶

Em 28 de janeiro daquele ano, era contratado o arquiteto Herculano Ramos para realizar trabalhos no interior do edifício. Tal contrato, no valor de 4:320\$000, referia-se à execução e montagem do forro da sala de espetáculos, que seria feito de pano de algodão sobre gradeado de pinho, afixado no viga-mento existente, ocupando a superfície de 357 m². Seria pintado a têmpera com molduras de madeira pintadas a óleo.

Para conclusão dos trabalhos de confecção dos trinta e sete camarotes do teatro, o Governo contratou a 28 de julho Antônio Xavier de Souza, totalizando a obra 3:677\$418.

Em abril, o vapor *Actor* trouxe da Europa, para o Teatro Carlos Gomes, a mobília encomendada pelo ex-governador e diz-se que *custou dez contos de réis*.⁴⁷ (DIÁRIO DO NATAL, 1904). Na verdade custou 10:692\$870; assim informou *A REPÚBLICA* de 11 de maio de 1905, noticiando o pagamento ao fornecedor, firma F. Cascudo.

44. RN. Governo do Estado. Mensagem de 14 de julho de 1900 do Governador Alberto Maranhão [...] 1900.

45. RN. Governo do Estado. Mensagem de 14 de julho de 1902 do Governador Alberto Maranhão [...] 1904.

46. RN. Governo do Estado. Mensagem de 14 de julho de 1903 do Governador Alberto Maranhão [...] 1905.

47. Diário do Natal, Natal, 9 abr. 1904b.

O Theatro Carlos Gomes, ainda em construção. Foto anterior a 1904, original de um Cartão Postal. Coleção Clara Soares de Araújo. Arquivo do Diário de Natal.



PREPARA-SE A ORQUESTRA



Em começos de setembro de 1903, chegava à cidade o maestro italiano Luigi Maria Smido. Vinha do Pará, onde residia e exercia suas atividades. Logo em seguida, ao ser contratado para organizar a Orquestra do teatro, avisava que daria concerto no aniversário de Alberto Maranhão e pedia o comparecimento dos músicos para os ensaios.⁴⁸

Conforme previsto, a Orquestra do Teatro Carlos Gomes em fase de preparação, teve sua primeira apresentação no Palácio do Governo, no dia 2 de outubro. Na mesma ocasião, apresentou-se a banda de música do Batalhão de Segurança (Polícia Militar) e a regência esteve a cargo do Maestro Smido e do violinista Joaquim Scipião.

Mais algumas apresentações experimentais foram registradas, como a 17 de novembro, ainda nos salões do Palácio do Governo.

A nova orquestra – a primeira a ser organizada às expensas do Estado – parece haver conquistado as simpatias do público, a concluir-se do teor deste apelo publicado pelo jornal *A REPÚBLICA*, a 29 de agosto de 1904:

*Pede-se encarecidamente ao respeitável público a fineza de abster-se do comparecimento aos ensaios da orquestra a fim de fazer-se os ensaios mais à vontade. Os ensaios acessíveis ao público serão precisamente comunicados. A Diretoria.*⁴⁹

48.
A REPÚBLICA,
Natal, 10 out. 1903a.

49.
A REPÚBLICA, Natal,
29 ago. 1904c.

Infelizmente, os jornais não divulgaram a relação dos participantes da orquestra; alguns nomes são conhecidos através da participação de um ou outro evento.

A INAUGURAÇÃO

O evento teve início às 20h30m da quinta-feira, dia 24 de março, no mesmo dia em que Alberto Maranhão transmitiu o Governo a Augusto Tavares de Lira e Juvenal Lamartine para o período de 1904 a 1908. A platéia estava lotada de povo e autoridades.

Como curiosidade, destaque-se que os jornais não fizeram referência à presença do ex-governador Joaquim Ferreira Chaves, iniciador da obra...

O espetáculo estava dividido em três partes, quando foram apresentados:

1ª parte

- 1 - Francisco Manoel da Silva, *Hino Nacional Brasileiro*
- 2 - Carlos Gomes, *Abertura de "O Guarani"*
- 3 - C. M. von Weber, *Abertura da ópera "Oberon"*
- 4 - Luigi Maria Smdo, *Valsa de orquestra "Um sorriso de cupido"*
- 5 - Hector Berlioz, *Marcha húngara da "Danação de Fausto"*



Fachada do Theatro Carlos Gomes, em 1904. Coleção Clara Soares de Araújo – Arquivo do Diário de Natal.

2ª parte

- 1 - Henrique Castriciano, *"A Promessa"*, cena dramática por um grupo de crianças
- 2 - Artur Azevedo, *"Rogério Brito"*, monólogo por Deolindo Lima, do grupo teatral *"Boemia Potiguar"*

3ª parte

- 1 - Carlos Gomes, *Canção do Aventureiro, da ópera "O Guarani"*, pelo barítono Guglielmo Comoletti, com acompanhamento da orquestra
- 2 - Franz Von Suppé a) *Gavote du Pacha* G. Gobbaert b) *Gavote Toujours à toi* (sic)
- 3 - R. Eilemberg, *"Idílio – O moinho da Floresta Negra"*
- 4 - G. Rossini, *Ária Largo al Factótum, da ópera "O Barbeiro de Sevilha"*, com Guglielmo Comoletti e acompanhamento da orquestra.

O violinista Joaquim Scipião era o *spalla* da orquestra; as fontes disponíveis, entretanto, não informam os nomes dos demais componentes do conjunto.

“A Promessa”, cena dramática de Henrique Castriciano, teve a originalidade de ser encenada por um grupo de crianças, ensaiadas pelo teatrólogo Segundo Wanderley e a esposa de seu irmão Celestino, Ana de Freitas do Guimarães Wanderley. Foi chamado à cena o Dr. Henrique Castriciano, que recebeu das crianças um buquê de flores. Igualmente, subiram ao palco Segundo Wanderley e o arquiteto Herculano Ramos, coordenador da construção e ornamentação do teatro.

O resultado da venda dos ingressos foi inteiramente revertido em benefício dos flagelados da seca. Apurou-se 1.274\$000. Durante o evento, foram vendidos ao público exemplares de “A Promessa”, arrecadando-se mais 247\$000. Encarregaram-se das vendas as senhoritas Jurema e Salésia Ramos, filhas do arquiteto Herculano Ramos.

^{50.}
A REPÚBLICA, Natal,
24 abr. 1904b.

O edifício, entretanto, não estava completamente terminado.⁵⁰ (A REPÚBLICA, 1904)



O ARQUITETO

Herculano Ramos exercia a função de auxiliar-técnico da Repartição dos Melhoramentos do Porto e a primeira notícia de sua permanência na cidade data de janeiro de 1903.

Nascido em Minas Gerais, a 26 de março de 1854, era filho do Desembargador Pantaleão José da Silva Ramos e Faustina Augusta Carneiro Leão da Silva Ramos.

Casado em 1884 com Amélia A. Ferreira de Aguiar, era pai de Iracema, Salésia e Jurema.

Cursou Arquitetura na Academia Imperial de Belas-Artes do Rio de Janeiro, de 1869 a 1875. Estudou Engenharia Civil na Europa, trabalhou no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Amazonas, Pará e Rio Grande do Norte.

Iniciou seus trabalhos para o teatro ainda em construção, contratado a 7 de abril de 1903. Informou o próprio Governador: *Para a decoração e cenografia do teatro, firmei contrato com o conhecido profissional, Dr. Herculano Ramos, que já tem quase terminado aquele trabalho.*⁵¹

^{51.}
RN. Governo do Estado.
Mensagem de 14 de julho de 1903
do Governador Alberto
Maranhão [...] 1905.

Um grupo de redatores do jornal A REPÚBLICA visitou as obras do teatro, em companhia de Herculano Ramos. Esteve, também, no atelier do arquiteto, onde estavam sendo ultimados os trabalhos da cenografia e descreveram:

*O pano-de-boca, já quase concluído, é uma excelente concepção artística, executada por mão de mestre: representa uma bela perspectiva da nossa capital vista da entrada da barra.*⁵²

Concluídos os trabalhos, divulgaram-se os nomes de outros artistas, que participaram da decoração do Teatro, concretizando os projetos de Herculano Ramos:

*As pinturas, cenografias e decorações do Teatro foram executados pelo artista Sam Jey, de reputação firmada nos grandes centros artísticos, e seus auxiliares Teixeira da Cunha e Lustosa.*⁵³

É o próprio Governador, em sua *MENSAGEM* de 24 de março de 1904, quem descreve o trabalho: *O cenário consta de dois panos-de-boca, representando um, em diorama, a Cidade de Natal vista do Rio Potengi e o outro uma fantasia simbólica sobre a barra do mesmo rio.*

Não se tem notícia do destino nem registro fotográfico desses panos-de-boca.

Na citada *MENSAGEM*, ao passar o Governo em 1904 ao seu substituto Tavares de Lira, assim se referiu Alberto Maranhão à obra que concluía:

*O primitivo plano, fornecido pelo Dr. José de Berredo, foi, durante a construção, completamente modificado, ficando o edifício com todas as acomodações necessárias a um teatro moderno.*⁵⁴

Na inauguração do Teatro, Herculano Ramos, que participara da comissão organizadora do evento, foi levado ao palco, juntamente com Segundo Wanderley, sendo vivamente aplaudido.

Como exemplo da sua participação na vida natalense, suas filhas Jurema e Salésia Ramos – consideradas como das mais belas moças da cidade – encarregaram-se da venda dos exemplares do texto de Henrique Castriciano “A Promessa”, oferecendo-os ao público no intervalo do espetáculo.

52.
A REPÚBLICA, Natal, 4 jul. 1903.

53.
A REPÚBLICA, Natal, 24 mar. 1904. Não foi possível obter nenhuma informação sobre os artistas citados.
RN. Governo do Estado.
Mensagem de 25 de março de 1904 do Governador Alberto Maranhão [...] Natal, A República, 1904.

54.
O engenheiro José Pereira de Brito Leite Berredo exerceu a função de Secretário de Governo, havendo assumido a 1º de fevereiro de 1899 e sendo exonerado a 12 de setembro. Nada mais foi possível obter a seu respeito.

Na apresentação da Orquestra do TCG, realizada a 16 de agosto, foi entregue a Alberto Maranhão um programa emoldurado numa aquarela pintada por Herculano Ramos.

Em 1906, era novamente chamado Herculano Ramos para outra tarefa de ornamentação do palco do Teatro Carlos Gomes (TCG). A 17 de junho foi realizada uma grande solenidade promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico do RN, em comemoração ao 89º aniversário do martírio do Padre Miguelinho.

Ao subir o pano, uma moça, vestindo a clâmide grega e empunhando, sobre um rochedo, a bandeira da revolução de 1917, apresentava uma coroa de louros, formando, com outras, um quadro imponente, a que o sentimento artístico de Herculano Ramos emprestava o maior realce e dera o mais deslumbrante aspecto.⁵⁵

Em 1907 foi a vez de participar da revista de Segundo Wanderley “Natal em Camisa”, executando os cenários que decerto contribuíram para o sucesso nos quatro dias de encenação no TCG. Na última apresentação da peça, a 14 de setembro, em homenagem à tripulação da Divisão Naval da Marinha do Brasil, sua filha Iracema representou no palco a figura simbólica de Natal.

O próximo trabalho de Herculano Ramos para o TCG verificou-se entre os anos 1910 e 1912 – Alberto Maranhão exercia seu segundo mandato – quando projetou e dirigiu os trabalhos de restauração do prédio. Uma comparação entre as fotografias do primeiro edifício e o atual indica, claramente, as modificações realizadas pelo arquiteto. A parte de jardim, platéia e palco pouco mudaram; a fachada é completamente diferente, exibindo os atuais detalhes de requintada ornamentação.

Os trabalhos se desenvolveram até meados de 1912. A 16 de julho, o arquiteto responsável pelas obras fez entrega do novo teatro ao Governador, havendo-lhe conferido as linhas arquitetônicas que ainda mantém.

Em setembro daquele ano registrou-se uma viagem de Herculano ao Rio de Janeiro, com o objetivo de adquirir uma tela para o teto do TCG.

Não se pode, portanto, ao enaltecer o nome de Alberto Maranhão na história do teatro que tem o seu nome, deixar de reconhecer a importância do arquiteto e engenheiro Herculano Ramos como íntimo e permanente participante de sua vida artística e material.

55.
FREI Miguelinho: festa cívica.
REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO DO RN, Natal,
v. 4, n. 2, p. 308-93, jul. 1906.



Foto acima.
Local onde seria construído
o Jardim Público, atual Praça Augusto
Severo. Foto de Bilhete Postal,
sem identificação e data.
Coleção Clara Soares de Araújo.
Arquivo do Diário de Natal.

Foto ao lado.
Detalhe da Praça Augusto
Severo. Foto de Bilhete Postal,
sem identificação e data.
Coleção Clara Soares de Araújo.
Arquivo do Diário de Natal.



O JARDIM DA PRAÇA EM FRENTE AO TEATRO

Um dos grandes problemas do novo teatro era, sem dúvida, a sua localização. O largo terreno chamado da Ribeira, depois Praça da República, passou a se intitular Jardim Público e, a 17 de maio de 1902, Praça Augusto Severo, em homenagem ao aeronauta potiguar falecido em Paris, a 12 daquele mês. O local apresentava um desnível tal que provocava alagamentos com a subida da maré, ali bem próxima. Isto sem falar no idêntico problema ocasionado pelas chuvas. Comentava-se e indicava-se o local como foco de doenças, consideradas na época como originárias da putrefação de vegetais em águas paradas.

O Governador Alberto Maranhão, ao assumir o primeiro período de Governo, já reconhecia:

Praça Augusto Severo.
 Ao fundo as palmeiras do atual Colégio
 Salesiano, 1909. Bilhete Postal,
 sem identificação. Coleção Clara Soares
 de Araújo – Arquivo do Diário de Natal.



Foto acima/esquerda.
 Praça Augusto Severo vendo-se
 a ponte rústica e o canal.

Foto acima/direita.
 Praça Augusto Severo. Coreto,
 demolido. Foto de autor não-identificado.

Foto ao lado.
 Praça Augusto Severo . Outro ângulo
 da ponte rústica e canal.



*A drenagem e elevação de nível das praças da República e Silva Jardim constituem uma necessidade há muito reclamada para a salubridade e embelezamento desta capital.*⁵⁶

O próprio Alberto Maranhão, ao passar o Governo ao seu substituto, reconhecia o problema e sugeria soluções:

*Como indispensável complemento a essa bela construção, cômoda e elegante, perfeitamente adaptada ao nosso clima, impõe-se a drenagem e ajardinamento da “Praça Augusto Severo”. Para isso, certamente, aproveitareis a planta e desenhos já oferecidos ao administrador pelo Dr. Herculano Ramos, podendo, com facilidade, de acordo com as indicações ali contidas, possuir dentro em breve a nossa capital uma boa praça pública, formosa e saneada.*⁵⁷

A oposição política a Alberto Maranhão alfinetava: [...] *Esse teatro, foi, talvez, o que mais dinheiro custou ao Brasil. É pena ter sido enterrado em um pântano e edificado no pior terreno desta capital.*⁵⁸

56.
RN. Governo do Estado.
Mensagem de 14 de julho de 1900
do Governador Alberto Maranhão
[...] 1900.

57.
RN. Governo do Estado.
Mensagem de 25 de março de 1904 do
Governador Alberto Maranhão
ao passar o Governo
ao Dr. Augusto Tavares de Lira [...] Natal, A República, 26 mar. 1904a.

58.
DIÁRIO DO NATAL,
25 mar. 1904a.

59.
RN. Governo do Estado.
Mensagem de 22 de janeiro
de 1905 do Governador Augusto
Tavares de Lyra.
Natal, 1905. Substituindo Alberto
Maranhão, Tavares de Lira
administrou o Estado no período
de 25/03/1904 a 5/11/1906.
Interrompeu o seu mandato
por haver renunciado para assumir
o cargo de Ministro da Justiça
e Negócios Interiores do Governo
Afonso Pena.

A 20 de julho de 1904, já na administração Tavares de Lira, contratava-se o arquiteto Herculano Ramos para, de acordo com o seu projeto de 30 de janeiro de 1903, realizar obras de aterro e ajardinamento da Praça Augusto Severo. Estava orçado em 45:600\$000 e uma de suas cláusulas estabelecia que nos trabalhos deveriam ser empregados, de preferência, *os retirantes que aqui se acham aglomerados em conseqüência da seca.*⁵⁹

Na ocasião, o Estado sofria com quatro anos de seca, Natal recebia levas de retirantes que eram encaminhados, com a participação do Governo do Estado, para o norte do País, onde seriam destinados aos trabalhos de extração da borracha.

Iniciados os trabalhos, muitas pessoas colaboravam doando mudas de pau-brasil e outras árvores, inclusive palmeiras imperiais já adultas. Foi muito comentada na cidade a atitude de Herculano ao plantar árvores adultas na nova praça; não se acreditava que pudessem resistir. Ao contrário das expectativas de muitos, as árvores se adaptaram e logo formaram um ambiente agradável e acolhedor. O belo coreto ao centro era local de retretas de bandas de música que reuniam e congregavam a sociedade natalense.



Governador Augusto TAVARES
DE LIRA. Sucedeu a Alberto Maranhão.
Foto de autor não-identificado.

Havia, ainda, *um canal artificial que coleia o jardim*⁶⁰, pontes rústicas, uma cabana, palmeiras, muitas árvores frondosas. Custo: 62:446\$861.

As duas pontes sobre o riacho que passava no local eram pontos preferidos; Herculano terminou uma delas a 11 de maio de 1905.

Finalmente, a 6 de dezembro do mesmo ano inaugurava-se, sem solenidade, a praça que passou a se constituir o orgulho da cidade. No mesmo dia inaugurava-se a iluminação a acetilene da Praça André de Albuquerque.

Depois de tantos anos, ainda se menciona o Jardim Público como exemplo de praça bem planejada, atendendo plenamente as necessidades de diversão da pequena cidade. A arborização era uma de suas referências, conseguindo-se um ambiente aprazível e amenizador do clima local.

Em seguida, Herculano Ramos empreendia a construção do “palacete” do Congresso, entregando-o ao Governo que o contratou a 7 de julho de 1906.⁶¹ Foram trabalhos seus, ainda, o ajardinamento da Praça André de Albuquerque (agosto de 1906), construção do Grupo Escolar Augusto Severo e reforma do Cais Tavares de Lira (1907-1908), além da decoração do Teatro José de Alencar, em Fortaleza (1909-1910).

Viajou com a família para a Bahia a 4 de setembro de 1913 e faleceu em Belo Horizonte, a 17 de janeiro de 1928, cidade onde nascera em 1854.⁶²

60.
A REPÚBLICA, 6 dez. 1905.

61.
Congresso: Assembléia
Legislativa situado na Avenida
Câmara Cascudo, prédio no momento
ocupado pela Ordem dos Advogados
do Brasil, secção do Rio
Grande do Norte.

62.
CASCUDO, Luís da Câmara.
Herculano Ramos.
A República, Natal, 26 jul.
1944. Acta Diurna.

O CONSTRUTOR



Teodósio Paiva nasceu no então povoado de Vera Cruz, município de São José de Mipibu, a 28 de outubro de 1858, falecendo em Natal, a 7 de outubro de 1926. Casado com Joaquina Paiva, teve um único filho – Áureo Paiva – que, do casamento com Olga Lamartine de Paiva, deu-lhe oito netos. Era major da então Guarda Nacional e ocupava as funções de Presidente da Intendência Municipal, quando da inauguração do atual prédio da Prefeitura Municipal. Em substituição, governava em 1922 o vice-Presidente Fortunato Rufino Aranha. Pertenceu ao Partido Republicano Federal. Serviu ao Governo do Estado por mais de trinta e cinco anos.

A ESTÁTUA DO ALTO DO FRONTÃO – MATHURIN MOREAU



A ornamentação em ferro para o Teatro Carlos Gomes inaugurado em 1904 foi encomendada pelo Governo do Estado à Société Anonyme des Hautes-Fourneaux & Fonderies du Val d’Osne, localizada em Haute-Marne, região de Champanhe, França, considerado o berço da fundição artística francesa.

Depois da França, o Brasil é o país que possui o maior acervo de peças forjadas naqueles ateliês. O Rio de Janeiro possui cerca de 200 peças, a maior delas o chafariz da antiga Praça Monroe, ali instalado em 1878.

Muitos escultores franceses elaboraram obras que foram moldadas, fundidas e reproduzidas, entre eles Mathurin Moreau.

A estátua da Arte, que encimava a primeira fachada do TCG, foi transferida para o edifício reformado em 1912, acrescido de outras ornamentações adquiridas na França.

Seu autor, Mathurin Moreau nasceu em Dijon, a 18 de novembro de 1822. Estudou na École des Beaux Arts de Paris em 1841, expôs em 1848 sua primeira obra.

Esculpuiu modelos para muitos chafarizes (*fontes*) e estátuas femininas, produzidos pela fundição da qual se tornou um dos administradores.

A escultura que encima o frontão do Teatro é uma réplica da estátua da Arte.⁶³ (ROBERT-DEHAULT, 2000) Do mesmo autor são outras estátuas (cópias) que se encontram na cidade de Natal: a “América” (no jardim do Palácio da Cultura), a “Leitura” e a “Escrita”, (em frente ao Colégio W. Churchill).⁶⁴ Estas obras foram encomendadas pelo Governo do Estado e executadas nas Fonderies du Val d’ Osne, França.

63. Maiores detalhes em ROBERT-DEHAULT, Élisabeth, JUNQUEIRA, Eulália e BULHÕES, Antonio. Fontes d’art: chafarizes e estátuas francesas do Rio de Janeiro, 2000. Luís da Câmara Cascudo publicou artigo em 15 de agosto 1946, (A República): “Um Mathurin Moreau na cidade do Natal”. Diz que a “Arte” tem cópias em jardins da França e Europa.

64. Conforme Álbum da Société Anonyme des Hauts-Fourneaux et Fonderies du Val d’Osne, 1903.



Mathurin Moreau, autor da estátua da Arte.
Foto em Nos Peintres et Sculpteurs, Paris, 1897.

Faleceu em Paris, a 14 de fevereiro de 1912. Recebeu a Legião de Honra como Cavaleiro em 1885; exerceu a função de *maire* (administrador) do *XIX^{ème} arrondissement*, (19º distrito administrativo) na capital francesa; ali, uma grande avenida tem o seu nome.

O GOVERNADOR E O TEATRO

Em sua MENSAGEM, ao passar o Governo ao seu substituto Tavares de Lira, datada de 25 de março de 1904, assim se referiu Alberto Maranhão à obra que concluíra:

Teatro Carlos Gomes

Este belo edifício começado em 1898, sob a administração do Dr. Ferreira Chaves, foi inaugurado a 25 de março do corrente ano. Mede 18,30m de largura e 78,60m de extensão. O primitivo plano, fornecido pelo Dr. José de Berredo, foi, durante a construção, completamente modificado, ficando o edifício com toda as acomodações necessárias a um teatro moderno.

A sala de espetáculos contém cinco camarotes de boca, vinte e dois de primeira ordem e seis de segunda, laterais. Além desta sala – que comporta uma lotação de setecentas pessoas e mede 13,50m de extensão sobre 11,10m de largura, sem falar no espaço ocupado pelos camarotes – possui o teatro um jardim no centro, circundado de varandas, com 20 metros de comprimento sobre 11,10m de largo, um palco com 14,50m de extensão por 18,50m de largo; sete camarins no pavimento térreo cada um com 6,30m sobre 2,75m; e vasta dependência assobradada, contendo espaçoso salão para ensaios, com 16,90m, sobre 12,30m.

A decoração e o remate da obra, construída sob a administração do Major Teodósio Paiva, devem-se ao engenheiro e arquiteto Dr. Herculano Ramos. O cenário consta de dois panos-de-boca, representando um, em diorama, a Cidade de Natal vista do Rio Potengi e o outro uma fantasia simbólica sobre a barra do mesmo rio;

65.
RN. Governo do Estado. Mensagem
de 25 de março de 1904 do Governador
Alberto Maranhão ao passar o Governo ao
Dr. Augusto Tavares de Lira [...] 1904.

*uma sala fechada completa; uma cena de campo;
uma cena de bosque e um cemitério; e um trecho
da cidade norte. A iluminação é feita a acetileno,
tendo para este fim o Exmo. Dr. Alberto
Maranhão mandado fazer pelo industrial
Domingos Barros um gasômetro com capacidade
para 38.000 litros de gás. A mobília consta de seis
espelhos, seis pedras de mármore, cento e doze
cadeiras austríacas, duzentas e oitenta fauteuils,
vinte e quatro cadeiras de ferro, seis mesas
igualmente ferro, seis bancos para jardim e cento
e setenta tamboretas para camarotes e orquestra.*⁶⁵

A OPOSIÇÃO POLÍTICA E O TEATRO

Já naqueles distantes tempos ocorriam fatos semelhantes aos que hoje acontecem e a política era exercida de modo muito semelhante à atualidade. Os grupos oposicionistas se armavam da imprensa para a divulgação de seus ataques e pontos de vista. Vale a pena conhecer-se alguns dos momentos de crítica ao novo teatro, através de trechos de matérias do *DIÁRIO DO NATAL*.

Veja-se este editorial de 20 de março de 1904:

*Vai inaugurar-se dia 24 esta obra monstruosa,
que tem custado ao Estado centenas de contos.
O desastre do teatro começou desde a escolha
do terreno em que está edificado – deixando-se
tantos lugares adaptados, próprios, magníficos
mesmo, para colocação de um prédio dessa
natureza, para plantá-lo no meio de um pân-
tano, abaixo do nível da face do solo onde está.
E no meio daquelas profundezas, construiu-se
o novo teatro o sorvedouro dos dinheiros públicos.
Ainda agora, só um gasômetro de acetilene feito
pelo genro de um irmão do Governador do Estado
custou aos cofres públicos vinte contos de réis.
Durante esse longo período da seca que tem
flagelado o Estado, somente uma preocupação
dominou o espírito e prendeu todas as atenções do
governador Dr. Alberto Maranhão foi o Teatro
Carlos Gomes.
Sua Exa. fazia convergir para ali todas as rendas
públicas – e jogava para longe do solo natal*

*os nossos patrícios que procuravam abrigo nesta capital para não morrer de fome. É esta a única glória que o Dr. Alberto leva consigo ao sair do Governo. E, afinal, o Teatro Carlos Gomes parece mais um túmulo para atestar a tenebrosidade desta situação estadual que sacrificou a vida do povo Norte-rio-grandense – do que uma casa para diversões.*⁶⁶

A 25 de março, no dia seguinte à solenidade de inauguração, disse o mesmo *DIÁRIO DO NATAL*:

Teatro Carlos Gomes
*Ontem realizou-se com muita foguetada a inauguração do novo Teatro Carlos Gomes. [...] Depois, houve uma espécie de serenata ou espetáculo, sendo o produto destinado às vítimas da seca. Esse teatro foi, talvez, o que mais dinheiro custou ao Brasil. É pena ter sido enterrado em um pântano e edificado no pior terreno desta capital. Quem o observa assim desprevenidamente somente uma coisa pode dizer: – Lembrança de doido... Não se pense que condenamos a idéia do Teatro; não: pensamos é que com o dízimo do que nele se gastou, ocupando um terreno em outras condições, – e em uma época menos despreparada do que a desse longo período de 4 anos de seca – podíamos ter um Teatro melhor.*⁶⁷

66.
[EDITORIAL]
Diário do Natal,
20 mar.1904b.

67.
TEATRO Carlos Gomes.
Diário do Natal,
20 mar.1904.

O ponto realmente mais sensível era o montante das despesas, efetuadas num momento de crise, em que centenas e centenas de flagelados se refugiavam em Natal e outras cidades. Era um ponto frágil e pouco justificável. Medidas paliativas já eram empregadas, mas gastar-se tanto quanto havia tanta gente passando fome... era uma arma e tanto nas mãos da oposição.

...ventana
...o Príncipe
...a respetu
...issão Adm
...tractam ad
...dos S.ºs
...propriedade
...trato de
...sua de

OS PRIMEIROS

O PRIMEIRO AUTOR



Henrique Castriciano,
o primeiro autor a ser representado.
A Promessa foi encenada
na noite da inauguração.
Foto de autor não-identificado.

Na programação de inauguração do Teatro Carlos Gomes destaca-se o nome do primeiro autor Norte-rio-grandense a encenar uma peça de sua autoria no novo teatro. HENRIQUE CASTRICIANO de Souza (Macaíba, 15/03/1874-Natal, 26/07/1947) escreveu *A PROMESSA*, cena dramática, que foi representada na ocasião por um grupo de crianças.

No campo literário, Henrique Castriciano é mais conhecido como poeta e ensaísta. Destacou-se, também, como jornalista e crítico literário. Como Bacharel em Direito, ocupou a Procuradoria Geral do Estado. Político, exerceu mandato de Deputado Estadual (havendo assumido a presidência da Assembléia Legislativa) e de vice-Governador do Estado. Fundou a Escola Doméstica, a Associação dos Escoteiros do Alecrim e participou da criação da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Escreveu para teatro:

1899, *SUPREMA DOR*, cena dramática em versos, publicada na Revista do Rio Grande do Norte, n. 5 e 6, novembro/dezembro de 1899.

1900, *O ENJEITADO*, drama em três atos, encenado pela Companhia Ferreira da Silva, 10 de julho de 1900 no teatro da Sociedade Dramática Segundo Wanderley. Trabalho não impresso e perdido.

68.
CASCUDO, Luís da Câmara.
Nosso amigo Castriciano, 1965.

1904, *A PROMESSA*, Publicada pela Tipografia do “O Século”. Folheto vendido na ocasião, em benefício dos flagelados da seca. Reeditado pela revista Kosmos, n. 1, ano IV, Rio de Janeiro, 1907.⁶⁸

Foram as seguintes crianças participantes: Eponina Wanderley, Alice Nogueira, Áurea Barros, Isolina Avelino, Maria Galvão, Santina Marinho, Palmira Wanderley e Judith Barbosa.

O PRIMEIRO ATOR



Foto de autor não-identificado. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

DEOLINDO Ferreira Souto dos Santos LIMA (Assu, 9/03/1885-Natal, 10/04/1944), pertencia ao grupo teatral “Boemia Potiguar” quando apresentou “Rogério Brito”, monólogo de Artur Azevedo, na inauguração do TCG. Antes dele, pela ordem de entrada no palco, um grupo de crianças declamou “A Promessa”, de Henrique Castriciano, já comentada.

Deolindo Lima foi um dos amadores que mais pisaram o palco do TCG, como ator do *Gymnasio Dramatico Natalense*. Destacou-se, ainda, como poeta, compositor, cantor e declamador.⁶⁹

A PRIMEIRA PEÇA DE UM AUTOR NORTE-RIO-GRANDENSE ENCENADA POR UMA COMPANHIA VISITANTE.

“Amor e Ciúme”, de SEGUNDO WANDERLEY, foi encenada a 15 de fevereiro de 1906, pela Companhia Dramática Cardozo da Motta, em homenagem ao Governador Alberto Maranhão. Na ocasião um dos atores saudou, de um dos camarotes, o Governador e o autor, recitando um poema de sua autoria. Segundo Wanderley foi levado à cena e aplaudido.

“Amor e Ciúme” havia tido várias apresentações anteriores e haveria de ter outras mais, posteriormente.

69.
GALVÃO, Cláudio.
Deolindo Lima: seu centenário de nascimento. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RN, Natal, v. 77-8, 1985-6.

O PRIMEIRO ESPETÁCULO BENEFICENTE

A renda dos ingressos e venda do folheto com o texto de “A Promessa”, de Henrique Castriciano, foi revertido em benefício de inúmeras famílias de retirantes da seca, no próprio dia da inauguração do TCG.

Um outro espetáculo, inteiramente idealizado como beneficente por pessoas da cidade, foi apresentado no dia 5 de agosto de 1904. Quatro comissões compostas por pessoas importantes da cidade, encabeçadas pelo próprio ex-governador Alberto Maranhão, organizaram o evento.

O *festival beneficente* teve a sua renda destinada aos indigentes portadores de varíola que, na ocasião, assolava Natal. A iniciativa partiu da pianista Maria de Castro Barcellos, provavelmente carioca, esposa do Major João Barcellos, que residiu em Natal entre 1904 e 1905. Os participantes, musicistas amadores e apenas senhoritas, foram as seguintes:

Canto: Francisca Wanderley

*Piano: Maria de Castro Barcellos (professora),
Cristina Roselli, Clélia Roselli, Elima Souto
e Ophelia Carvalho*

Violino: Iracema Ramos

*Bandolins: Cristina Roselli, Elita Souto
e Eponina Wanderley*

*Declamação: Palmira Wanderley e Joanita
Gurgel*

Participou, ainda, um coro composto pelas senhoritas Eponina, Palmira e Stella Wanderley, Francisca de Barros Monteiro, Joanita Gurgel de Oliveira, Lili Gurgel de Oliveira, Judite Barbosa, Cristina e Clélia Roselli, Iracema Ramos e Elita Souto.

O festival rendeu 600\$000 (seiscentos mil réis), que foram entregues ao Padre João Maria.

A PRIMEIRA CANTORA

FRANCISCA Amália de Bittencourt WANDERLEY, filha do médico e poeta Segundo Wanderley e de Raimunda de Bittencourt Wanderley, cedo decidiu dedicar-se à vida religiosa. Por insistência do pai, participou do evento em benefício dos variolosos realizado a 5 de agosto, fazendo o solo de um “Hino”, de autoria de Maria de Castro Barcellos e cantando a ária “Torna”, de Luigi Denza, acompanhada ao bandolim por Cristina Roselli. Pouco depois, recolheu-se a um convento das Irmãs Dorotéias em Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Madre Wanderley faleceu em Fortaleza, em 1981.

O PRIMEIRO CANTOR VISITANTE

O barítono italiano Guglielmo Comoletti, na inauguração do TCG, cantou a “Canção do Aventureiro”, da ópera “O Guarani”, de Carlos Gomes, e a ária “Largo al factotum”, da ópera “O Barbeiro de Sevilha” (G. Rossini), com acompanhamento da Orquestra do Teatro. Há notícias de suas apresentações em Belém (1885), Manaus (1888), dirigindo uma companhia lírica italiana. Depois, atuou em Salvador e Rio de Janeiro (1884-1885), na Companhia Musela. Em Natal, cantou em 1890, 1903 e em fevereiro de 1904.⁷⁰

70.
GONÇALVES, Augusto de Freitas
Lopes. *DICIONÁRIO HISTÓRICO E
LITERÁRIO DO TEATRO NO BRASIL*,
v. 3, letra C, 1979, p. 56.

A PRIMEIRA A DECLAMAR

No festival beneficente de Maria de Castro Barcellos, apresentado a 5 de agosto de 1904, a menina Palmira Wanderley (Natal, 06/08/1894-Natal, 19/11/1978), recitou o poema “Caritas”, ao iniciar-se a segunda parte, e ao final desta, recitou a também menina Joanita Gurgel, o poema “Caridade”, de Segundo Wanderley.

A PRIMEIRA A ENCENAR



Stella Wanderley, a primeira mulher a encenar uma peça de sua autoria.

STELLA WANDERLEY Benevides era membro de uma família dedicada ao teatro, filha do teatrólogo Segundo Wanderley e irmã da atriz Zete Wanderley.

Sua primeira peça escrita e encenada no Teatro Carlos Gomes foi “No Reino das Musas”, apresentada no dia 8 de agosto de 1920, em benefício da construção da Igreja de São Pedro no Alecrim; a autora tinha, na época, apenas 26 anos.⁷¹

A vida artística de Stella Wanderley se alternava com a poesia e as funções de dona de casa (casada com o poeta Paulo Benevides, mãe da poeta Maria de Lourdes Wanderley).

A 29 de novembro de 1936, em um festival em benefício das crianças pobres do bairro do Alecrim, encenou-se no TCG “As três datas”, de seu pai, Segundo Wanderley e a sua comédia “O testamento de Perpétua”, encenada outra vez a 7 de agosto de 1952, pelo Teatro de Amadores de Natal.

Grande popularidade logrou a sua adaptação para o teatro do texto “Marcelino, Pão e Vinho”, encenada no TAM pelo Teatro Experimental de Amadores, a 6 e 15 de julho de 1958. Este trabalho teve inúmeras apresentações em diversos locais. Muito êxito teve, também, sua adaptação do livro “O Pequeno Príncipe”, levada ao palco do TAM a 7, 8 e 22 de outubro de 1961, pelo Clube de Teatro do Colégio Nossa Senhora das Neves de Natal.

Em 1965 (7 a 9 de abril), o Teatro de Amadores de Natal encenou a sua “A Lenda de Minueto” e, a 25, 27 e 31 de maio, nova adaptação encenada pelo Grupo Cênico Paulo de Tarso: “Marcelino, Pão e Vinho no céu”.

Detalhe curioso vale a pena ser relatado. A peça “Os anjos do claustro”, de Segundo Wanderley, foi encenada em sua residência em agosto de 1906, tendo como atrizes suas filhas e sobrinhas. Posteriormente, perdeu-se o 3º e último ato da peça. Em 1940 – trinta e quatro anos depois – Stella, que participara da encenação tendo de memória o enredo do ato, reescreveu a parte que se perdera, seguindo o estilo literário do pai. Isto permitiu a reencenação da peça pelo Grêmio Dramático de Natal, a 24 e 28 de novembro de 1945.⁷² No papel da Irmã Superiora esteve Zete Wanderley.

Nascida em Natal, a 13 de junho de 1894, faleceu na mesma cidade, a 22 de fevereiro de 1983.

Outra afirmação pode ser feita: Stella Wanderley foi a autora potiguar que mais encenou no TAM.

71. Meira Pires, em sua crônica *Teatro* (A República, Natal, 18 mai. 1960) confirma a data da primeira peça de Stella: 1920. Em seu livro *História do Teatro Alberto Maranhão*, entretanto, encontra-se a data 3 de janeiro de 1922 e o título da peça como *No Reino das Fadas* (p. 89), erro de revisão que pode comprometer a compreensão do fato. Entrevista de Consuelo Wanderley (1901-1994), irmã de Stella e participante das encenações, confirmou a data de 1920.

72. O trabalho de Stella foi reconhecido e elogiado por Luís da Câmara Cascudo na *Acta Diurna: Vamos ouvir os Anjos do Claustro*, A República, Natal, 18 nov. 1945b, também por Danilo, pseudônimo de Aderbal de França, na coluna *Crônica Social*, A República, Natal, 28 nov. 1945d. No livro de registros do TAM, constam apresentações desta peça nos dias 24 e 28 de novembro de 1945. O jornal A República de 14 Nov. 1945a, noticia os dias 24, 25, 28 e 30. Palmira WANDERLEY publicou, no mesmo jornal, em 20 Nov. 1945c, *Os Anjos do Claustro, Segundo Wanderley e as irmãs dorotéas*.

BIBLIOGRAFIA
DE STELLA
WANDERLEY
(DATAS
DE ENCENAÇÃO
E/OU PUBLICAÇÃO)

Peças Teatrais:

A Lenda do Minueto (fantasia, 1965)
A moda na roça (comédia)
Alberto Santos Dumont (drama, 1967)
As lavadeiras do menino-Deus (inédito)
Jesus nasceu (opereta natalina)
No Parnaso (fantasia)
No Reino das Musas (1920)
O testamento de Perpétua (comédia, 1936, 1952)
O jantar das baronesas (1980, última peça)
O filho pródigo (inédito)
Romance na primavera (peça infantil)
Sinos de Natal (Peça em três atos, 1966, adaptada de seu livro de contos “Sinos de Natal”, inédito).
Sonho ao Luar (fantasia)
Vitória (inédito)
Zidoro de Figena (comédia)

Adaptações:

O Filho de Deus
O Pequeno Pescador (drama)
O Pequeno Príncipe (1961)
Marcelino, Pão e Vinho (original de José Maria Sanchez, 1958).
Marcelino Pão e Vinho no céu (1965)

Inéditos:

Água Corrente (poemas)
À luz de uma estrela (poemas)
Ao florir das acácias (poemas)
Luz e Sombras (poemas)
Poeira de Outono (poemas)
Segundo Wanderley em família e em sua terra (biografia)
Sinos de Natal (contos)



O PRIMEIRO POETA DECLAMADO

SEGUNDO WANDERLEY. Foto publicada em WANDERLEY, Ezequiel. Poetas do Rio Grande do Norte, 1922.

É novamente o pioneiro Segundo Wanderley. Foram declamados, no dia da inauguração, os seus poemas “Caritas” e “Caridade”, conforme relatado anteriormente.

O PRIMEIRO ATOR VISITANTE

A grandiosidade das instalações do Theatro Carlos Gomes, em comparação com o ambiente humilde dos antigos teatrinhos improvisados parece haver inibido, a princípio, as companhias amadoras locais. Assim, durante o seu primeiro ano de existência, nada apresentaram.

José Vaz foi o primeiro ator brasileiro a encenar no novo teatro. Apresentava-se como ator transformista e estreou a 16 de maio de 1905. Impressionou pela capacidade de interpretar doze transformações em uma única peça.

Destaque-se a participação da Orquestra do Teatro que, sob a direção do Maestro Luigi Maria Smido, colaborou com o êxito das encenações executando trechos orquestrais.

O ator José Vaz apresentou-se, ainda, duas vezes, encerrando a temporada a 20 de maio.

A PRIMEIRA ORQUESTRA DO TEATRO

A base para a composição da orquestra eram as duas principais bandas de música militar, do Exército e do Batalhão de Segurança (Polícia Militar). Ali eram buscados os músicos de sopro. O problema residia exatamente nas cordas, pois a cidade não possuía escola de música. Muitos se dedicavam ao violino amadoristicamente, seguindo

a liderança e o ensino de Joaquim Scipião. Assim, não foi possível formar-se um núcleo profissional que realmente realizasse um trabalho de maior profundidade.

Mesmo assim, em cada apresentação das companhias visitantes ali esteve a orquestra, mostrando um repertório de boa qualidade.

Não é possível deixar-se de reconhecer a competência e a influência pessoal do Maestro Luigi Maria Smido nestes primeiros momentos da orquestra. A presença do clarinetista espanhol José Bernardo Borrajo foi decerto um reforço considerável. Joaquim Scipião liderava as poucas cordas de que dispunha.

Esta situação foi decerto a inspiradora da idéia da criação de uma escola de música, que se tornaria realidade quatro anos mais tarde, no segundo período de Alberto Maranhão.

A continuação dos fatos referentes à Orquestra do Teatro será tratada na seqüência do capítulo sobre a Escola de Música.

O PRIMEIRO MAESTRO



Maestro italiano Luigi Maria Smido; contratado pelo Governo Alberto Maranhão para organizar e reger a Orquestra do Teatro. Foto da capa de uma partitura musical de sua autoria. Arquivo do autor.

Em Natal em meados de agosto de 1903, vindo do Pará, foi contratado pelo Governo Alberto Maranhão como Diretor da Orquestra do Teatro Carlos Gomes, exercendo idêntica função frente à banda de música do Batalhão de Segurança (Polícia Militar).

Com a criação da Escola de Música, em 1908, Smido lecionou Harmonia, Contraponto, Composição, Exercícios Orquestrais e Canto Coral. Pediu exoneração, em agosto daquele ano, transferindo-se para o Ceará.

Retornou a Natal em março de 1922, aceitando convite para dirigir o departamento de música da Escola Doméstica, para reger as bandas do Batalhão de Segurança e a “Orquestra do Centenário”, organizada para ser o centro das festividades que o Governo do Estado planejava para comemorar o centenário da Independência do Brasil. Após as comemorações, o conjunto passou a integrar o TCG como sua orquestra. Smido continuou em atividade no ano seguinte, compondo, regendo, ensinando música e influenciando no ambiente local, através de sua experiência e cultura pessoal. A 1º de outubro de 1923, apresentou um concerto de despedidas, incluindo muitas de suas composições.

Retornou ao Ceará e, depois, ao Rio de Janeiro. Em 1936, foi nomeado professor catedrático do Instituto Preparatório de Música, ensinando Instrumentação e Composição. Sabe-se que compôs uma ópera em português, sob título “A Última Noite”, que foi encenada em 1915.

Seu verdadeiro nome era Luigi Maria Schmidt und Insbruck; pertencia a uma nobre família européia, descendente de São Luís Gonzaga e amigo de infância do rei Vítor Emanuel, da Itália. Estudou música no Conservatório de Viena e no de Leipzig, havendo sido aluno de Bruckner.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 13 de agosto de 1943.

A PRIMEIRA GRANDE SOLENIDADE

17 de junho de 1906; festividades em homenagem ao 89º aniversário do martírio do Padre Miguelinho.

A cidade ainda não havia prestado uma grande homenagem ao herói Norte-rio-grandense Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, mais conhecido como Frei Miguelinho, condenado à morte por haver participado de um movimento nacionalista eclodido em 1817.⁷³ (FREI, 1906, p. 308-93)

A proposta partiu do Instituto Histórico e Geográfico do RN através do sócio Henrique Castriciano, e se compôs de alvorada, missa campal, préstito cívico integrado por bandas de música, associações de classe, culminando com trinta e sete senhoritas representando os municípios do Estado. A rua onde nasceu passou a ter o seu nome e uma placa de mármore foi afixada em sua residência.

O ponto alto das solenidades foi, sem dúvida, a sessão magna realizada pelo Instituto Histórico e Geográfico no Teatro Carlos Gomes.

Estiveram presentes as mais representativas autoridades do Estado.

Aberta a sessão, o teatro apresentava um aspecto imponente.

Ao fundo do palco, as trinta e sete senhoritas que representavam os municípios formavam um grupo interessante; o recinto das cadeiras e camarotes cheio de famílias; muita luz. Povo apinhado onde havia um lugar vago; bandeiras,

73.

A data do evento é 12 de junho, mas a visita do Presidente Afonso Pena ao Estado motivou o adiamento.

*galhardetes e decorações por toda parte;
os estandartes dos heróis da festa desfraldados
nas varandas dos camarotes.*

*O orador oficial da solenidade foi o Dr. Francisco
Pinto de Abreu e, em seguida, terminada a sessão.
Pouco depois era cantado em cena aberta pelas
senhoritas representando os municípios – as quais
formavam no palco um grupo gentil e gracioso
em forma de M – o “Hino a Frei Miguelinho”,
letra de H. Castriciano e música do Maestro
Smido.*

*A letra do hino foi cantada pela senhorita
Francisca Wanderley, que representava
o município da capital, respondendo as outras
em coro [...].*

*[...] A interpretação do hino por parte das
senhoritas e da orquestra do teatro regida pelo
Maestro Smido, correu sem falhas, sendo todos
aplaudidos com prolongadas salvas de palmas.
Depois da execução do hino, seguiu-se uma
poesia de Segundo Wanderley que, no fogo
de sua inspiração prodigiosa, quis preparar
a numerosa assistência para a apoteose final.
Ao subir o pano, uma moça, vestindo a clâmide
grega e empunhando, sobre um rochedo,
a bandeira da revolução de 17, apresentava
uma coroa de louros, formando, com outras, um
quadro imponente, a que o sentimento artístico
de Herculano Ramos emprestava o maior realce
e dera o mais deslumbrante aspecto.
E dos lábios de Segundo Wanderley continuavam
a correr estrofes arrebatadoras em honra do
grande herói.*

*Foi um delírio de aclamações. As músicas atroaram
os ares e a multidão começou a dispersar-se.
Eram dez horas da noite. Estava terminada
a festa.⁷⁴*

74.

REVISTA do Instituto
Histórico e Geográfico do RN,
Natal, v. 4, p. 335-39, 1906.

O PRIMEIRO SUCESSO LOCAL

Segundo Wanderley foi o primeiro teatrólogo Norte-riograndense a ter uma obra encenada no Teatro Carlos Gomes. A 15 de fevereiro de 1906, a Companhia Dramática Cardoso da Mota encenou, de sua autoria, *AMOR E CIÚME*.

Não há a menor dúvida, entretanto, de que a primeira produção de autor local a se destacar no palco do TCG foi a revista *NATAL EM CAMISA*, do mesmo Segundo Wanderley.⁷⁵

Veterano na produção de textos teatrais, o médico-poeta-dramaturgo imaginou quadros integrados por personagens da cidade ou detalhes dela. A parte literária foi transformada em canções pelo musicista espanhol José Bernardo Borrajo, e logo conquistaram a cidade pela motivação de que se revestiam.

A 13 de julho de 1907 estreava no TCG a Companhia Dramática Apolônia Pinto, dirigida por uma das mais conceituadas atrizes nacionais.

Durante um mês de temporada em Natal, Apolônia Pinto tomou conhecimento do texto de Segundo Wanderley e decidiu encená-lo com seus artistas.

O musical foi apresentado no TCG, teve o desempenho de artistas de renome nacional e a participação da Orquestra do Teatro, dirigida por Smido.

Estreou no dia 15 de agosto; a peça era dividida em diversos quadros, cada um representando um estabelecimento comercial, um local ou personagem natalense. Assim, foram apresentados:

1 - *A Imprensa*, representado e cantado por Apolônia Pinto

2 - *A Capital, Fábrica de Tecidos e Loja Iracema*, com Benvinda Canedo

3 - *Casa Branca, Potiguarânia, Avenida Rio Branco e Loja Grande Oriente*, por Cândida Palácios

4 - *Loja Novo Mundo*, com Alvina Santos

5 - *Rosa dos Alpes*, por Maria Lopes

6 - *Administração e Lucas Pindoba*, interpretados por Domingos Canedo

7 - *Capitão Viriato e Jerimum de Leite*, com Germano Alves

8 - *Milhomens e Fiscal*, por Álvaro de Almeida

9 - *Pão Japonês, Teatro Carlos Gomes*

e *Jerimum Caboclo*, cantados por J. Paulo

75.

Manoel SEGUNDO WANDERLEY
(1860-1909). Médico sanitário, poeta
e teatrólogo.

10 - *Major Acácio*, com Álvaro Ribeiro
11- *Natal Club e Jerimum Jandaia*,
na interpretação de Otaviano Chaves

A revista, que teve cenários do Arquiteto Herculano Ramos, foi reprisada com muito sucesso, nestas oportunidades acrescida de novos quadros e figuras, tendo casa lotada nos dias 17 e 29 do mesmo mês, quando a Companhia encerraria a temporada.

Para o mês de setembro, previa-se a chegada de duas divisões da Marinha de Guerra brasileira, compostas pelos navios: “Barroso”, “Deodoro”, “Tiradentes” e “Tamoio”. Decidiu-se pela permanência da Companhia na cidade, para com ela serem homenageados os visitantes. A honrosa visita foi prestigiada com uma sessão no TCG, realizada na noite de 14 de setembro, da qual constou uma destacada apresentação da Orquestra e, em seguida, mais uma encenação da revista “Natal em Camisa”, ainda sob a responsabilidade da Companhia Dramática Apolônia Pinto.⁷⁶

76.
Nada restou do texto escrito por Segundo Wanderley nem das partituras de José Borrajo. A filha do poeta – Consuelo Wanderley (94 anos) – cantou para o autor as melodias da “Abertura”, “Loja Grande Oriente”, “Padaria Japonesa” e “Cena do Fiscal”, o que permitiu a recuperação da letra e música das citadas partes.
Arquivo do autor.

OS PRIMEIROS RECITAIS DE MÚSICOS NORTE-RIO-GRANDENSES

Para uma informação sobre os primeiros Norte-riograndenses a tocar para o público no novo teatro, seriam necessárias três referências. Inicialmente, ao primeiro recital: no dia 30 de novembro de 1904, o violinista Joaquim Scipião⁷⁷ apresentou-se, juntamente com o clarinetista José Bernardo Borrajo e seus alunos Maria Garcia, Iracema Ramos, Cecília e Amália de Paula e o Dr. Gervásio (SIC). Ouviu-se, também a Orquestra do Teatro, sob a regência do Maestro Luigi Maria Smido. Esta apresentação se fez no Salão Nobre.⁷⁸

O primeiro musicista nascido do Rio Grande do Norte a se apresentar em recital no palco do Teatro Carlos Gomes foi o pianista Amaro Barreto. Com ele apresentou-se também, o violinista Carmo Marsicano, a 16 de janeiro de 1906. Amaro, como solista, executou peças de Chopin e Beethoven,

77.
Sobre Joaquim Scipião veja-se o capítulo referente ao primeiro diretor do Teatro Carlos Gomes.

78.
A REPÚBLICA, Natal, 15 out. 1904d. Não foi publicado o programa do recital.



Amaro Barreto, primeiro pianista Norte-rio-grandense a apresentar um recital no TCG. Foto do arquivo da família.

e acompanhou o violinista. Participou também do recital a Orquestra do Teatro, executando alguns números de seu repertório.

AMARO BARRETO Filho era irmão dos governadores do Estado Pedro Velho e Alberto Maranhão, de Augusto Severo, político e inventor, falecido em Paris, no desastre de seu balão Pax, e do violinista Joaquim Scipião.

Nascido em Macaíba em 1854, era filho de Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão e Feliciano Maria da Silva Pedroza de Albuquerque Maranhão. Estudou em Paris. Estava em Recife em 1881; retornando a Natal no ano seguinte, instalou e manteve até 1884, com os irmãos, o “Ginásio Riograndense”. Passando a residir no Rio de Janeiro ingressou, como professor de piano e de canto, no Instituto Nacional de Música (em 1906) e na Escola Normal. Voltou a Natal em 1896 realizando um recital com o violinista Vincenzo Cernichiaro. Em janeiro de 1906, tocou com o violinista Carmo Marsicano, no TCG, seguindo para concertos em Belém e Manaus. Em 1910 já era professor do Instituto Nacional de Música, no Rio de Janeiro. Novamente em Natal, em 1910 e 1911, realizou outros concertos, com participação de professores da Escola de Música. Faleceu no Rio de Janeiro, a 4 de julho de 1922.

Amaro Barreto foi o primeiro Norte-rio-grandense a se destacar como pianista.

O primeiro musicista Norte-rio-grandense a ocupar o palco do novo teatro como solista de um concerto, foi PAULINO Lins de Vasconcelos CHAVES.

Nascido em Natal a 25 de junho de 1880, era filho de Ernesto Adolfo de Vasconcelos Chaves e Carolina Lins Chaves. Sendo seu pai designado Juiz de Direito em Belém do Pará, mudou-se para aquela cidade com a família, tendo o filho apenas quatro meses de idade.

Paulino Chaves teve sua formação musical na capital paraense. cursou piano no Conservatório de Leipzig, Alemanha, apresentando-se ao público daquela cidade, em maio de 1903.

Retornando a Belém, exerceu intensa atividade musical, destacando-se como regente, compositor e solista de piano. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1927 ingressando, no ano seguinte, como professor do Instituto Nacional de Música, onde lecionou até o seu falecimento, em 31 de julho de 1948.

Em abril de 1908, Paulino Chaves visitou a cidade onde nasceu e, a 3 de maio, apresentou portentoso concerto onde,



Paulino Chaves (1880-1948), primeiro pianista Norte-rio-grandense solista de um concerto, com a Orquestra do Theatro Carlos Gomes. Foto da capa do LP “Paulino Chaves”, gravado pela Universidade Federal do Pará.



Theatro Carlos Gomes. Foto de autor
não-identificado em CÂMARA,
Amphiloquio. Cenários Norte-rio-
grandenses. Natal, 1920.

juntamente com diversas outras peças como solista executou, acompanhado pela Orquestra do Teatro Carlos Gomes, sob a direção Luigi Maria Smido, o Concerto para Piano e Orquestra n. 1, em mi bemol maior, de Franz Liszt. Era a 1ª vez que Natal ouvia uma peça de tamanha envergadura – um concerto para piano e orquestra. Considere-se o desempenho da orquestra e a competência do regente. Na oportunidade, ouviu-se:

- *Wagner, Marcha, da ópera “Tanhauser”, com a orquestra*
- *Liszt, “Concerto em mi bemol” para piano e orquestra*
- *Carlos Gomes, Abertura da ópera “Condor”, com a orquestra*

Na segunda parte, Paulino Chaves apresentou-se como solista executando:

- *Beethoven, “Sonata” opus 25 n. 2 (Adagio, Allegretto, Presto Agitato)*
- *Chopin – “Polonaise” em lá maior – “Estudo” op. 25 n. 7, “Estudo” op. 25 n. 9*
- *Liszt, Rapsódia Húngara n. 12*

Como extras, tocou a 2ª e 3ª valsa, de Chopin.

UNIVERSAL

HOMENAGEM

Aos Ex^{mos} Senrs.
Drs. Aldo Fernandes
R. de Melo M. D.
Interventor Federal
Interino e Alberto
Maranhão Ex-Gov.
nador do Rio G. do E.



S GRANDES MOMENTOS DO TEATRO CARLOS GOMES

A *ESCHOLA* DE MÚSICA

Ao examinarem-se os fatos da história da música em Natal, nota-se uma evidente e constante preocupação com a manutenção de uma orquestra permanente, sempre obstado por dificuldades as mais diversas. Desde as tentativas do Colégio de Educandos Artífices (1858-1862), do Club Carlos Gomes, entre 1892 e 1914, e até da Loja Maçônica “21 de Março”, pouco resultado prático se obteve e o músico para compor o conjunto estava sempre faltando em quantidade e decerto em qualidade. O motivo era apenas um: não havia uma escola de música na cidade.

A 25 de março de 1908 Alberto Maranhão iniciava o seu segundo período de Governo, a estender-se até 1º de janeiro de 1914.

Cinco dias depois de tomar posse no Governo, assinou o Decreto n. 176, datado de 31 de março, criando a *Eschola de Musica*. Através de seu Regimento, a Escola de Música funcionaria anexa ao TCG. Ambos os órgãos ficavam subordinados ao Diretor da Instrução Pública, Dr. Francisco Pinto de Abreu.

Inicialmente, planejou-se que a Escola poderia oferecer cursos de piano, violino, viola, violoncelo, contrabaixo e sopros, além das indispensáveis atividades de Solfejo, Harmonia, Contraponto, Composição, Exercícios Orquestrais,

Canto Coral, Estética, *História e Literatura da Música e das outras Belas-Artes*.

Os cursos seriam gratuitos e os alunos pagariam apenas a importância de dez mil réis no ato da matrícula.

A administração do estabelecimento ficava a cargo de um diretor, que era o mesmo Diretor do TCG, um secretário, função exercida por um dos professores, e um servente, todos nomeados pelo Governador.

No mesmo dia 8 de abril, foi publicado o Regulamento do TCG, podendo-se observar que o mesmo se complementava com a Escola de Música; ambos os órgãos tinham o mesmo diretor e secretário. O Art. 34 previa que a orquestra do teatro *será composta de professores e discípulos da escola de música e outros profissionais*.

Em abril, o governador nomeou o seu irmão, violinista Joaquim Scipião de Albuquerque Maranhão, para o posto de Diretor do TCG.

O primeiro professor a ser contratado (25 de abril) foi Ciro Ciarlini, diplomado pelo Conservatório de Bolonha. O quadro de professores ficou, no primeiro momento, assim definido: Ciro Ciarlini: Piano Superior e Solfejo Acompanhado; Joaquim Gonzaga de Menezes: Curso Superior de Violino e Viola; Luís Carlos Lins Wanderley Filho: Solfejo e Piano Elementar, Divisão e Noções de Música (exercia, também, a função de Secretário da Escola); Manoel Prudêncio Petit: curso completo de Instrumentos de Sopro; Luigi Maria Smido: Harmonia, Contraponto, Composição, Exercícios Orquestrais e Canto Coral e, também, Regente da Orquestra.

A 12 de junho verificou-se a inauguração da *Eschola de Musica*, quando numerosa assistência ocorreu ao concerto inaugural, no TCG. Participaram da apresentação os músicos locais Iracema Dantas (violino) e Manoel Prudêncio Petit (flauta), além da Orquestra do Teatro. Recém-chegados, também participaram Ciro (violino) e Pedro Ciarlini (violoncelo), e Elpídio Pereira (piano).

Um concerto realizado em 20 de junho no Palácio do Governo permite conhecer os nomes dos componentes da orquestra: Iracema Ramos, Jaime Tavares, Augusto Coelho, Manoel Prudêncio Petit, Joaquim de Paula, José Borrajo, Barôncio Guerra, Virgílio Carneiro, José Gomes, José Sinésio, Manoel Florentino e Miguel Pio, Ciro e Pedro Ciarlini, Joaquim Gonzaga, reforçavam o conjunto, sob a regência de Elpídio Pereira.

A oferta pela Escola de Música, de muitas e variadas opções para a decerto pequena clientela natalense, não parece



Manoel Prudêncio Petit (1877-1972), flautista, professor da *Eschola de Musica*. Foto do acervo da família.



Luís Carlos Wanderley Filho. Flautista, Professor da *Eschola de Musica*, primeiro secretário do Theatro Carlos Gomes. Foto do acervo da família.



Thomaz Babini. Violoncelista, professor da *Eschola de Musica*. Em Natal de 1908 a 1940. Foto do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

haver despertado o interesse de muitos candidatos, pois já a 15 de junho o Diretor Joaquim Scipião publicava: *Em vista de não ter alunos inscritos para cadeiras de estética e história da música, violino e piano superior, resolve alterar o horário das aulas até o fim do ano, quando espero sejam preenchidas ditas cadeiras.*

Em agosto, o movimento musical natalense sofreu forte baixa com a exoneração pedida através de carta e com motivos não esclarecidos, pelo Maestro Luigi Maria Smido que, desde 1903, desenvolvia suas atividades na cidade, como professor de música e regente da Orquestra do TCG.

Smido dirigiu-se para o Ceará, mas ainda voltaria a Natal em 1922. A 25 era igualmente rescindido o contrato de Ciro Ciarlini, que partiu para a Paraíba.

No decorrer do tempo, a Escola de Música teve muitas alterações em suas ofertas de cursos e vários professores igualmente foram substituídos.

Fato marcante foi o contrato do famoso violinista paulista Nicolino Milano, considerado um dos maiores em seu instrumento no país. Em junho de 1909 já estava em plena atividade de professor e músico de câmara.

A Orquestra do Teatro iria ficar reduzida a um sexteto, embora a qualidade dos componentes e o nível de seu repertório fossem indiscutíveis.

Em setembro chegava a Natal o violoncelista italiano Thomaz Babini, contratado para a Escola de Música.⁷⁹

A esta altura verifica-se que as apresentações musicais dos professores da Escola de Música do TCG estavam se realizando no Salão Nobre do Palácio do Governo.

Certamente o edifício do teatro já apresentava necessidades de reforma, o que se verificou entre os anos 1910 e 1912. Mesmo assim, o Governador manteve os professores, ficando sujeito à impiedosa crítica dos jornais da oposição, que condenavam os gastos demasiados que eram feitos com os *maestros importados*.

Outrossim, não apareceram os esperados musicistas locais, frutos de tão bons professores e boa escola. Poucos os que mais tarde se profissionalizaram.

Com a saída de Nicolino Milano em junho de 1911, o movimento musical sofreu séria perda, o movimento orquestral volta a se basear nos elementos locais e pouco se fala na Escola de Música. Grupos tentam, em vão, ressuscitar a orquestra dos primeiros anos do teatro.

Com a posse de Joaquim Ferreira Chaves para o mandato de 1º de janeiro de 1914 a 1º de janeiro de 1920, sensíveis mudanças sofreu o movimento artístico da cidade.



79.

Thomaz Babini (Faenza, Itália, 10/01/1885-Recife, 1949). Constituindo família em Natal, residiu na cidade e lecionou a numerosos alunos até 1940, quando se transferiu para o Recife.

Alegando compromissos de ordem financeira e endividamento do Estado, o novo Governo decretou medidas de severa economia que atingiram diretamente a Escola de Música.

A 6 de janeiro, publicou o Decreto n° 1,

O Governador do Estado, usando da atribuição legal, e, considerando que a situação financeira do Estado não permite que sejam feitas outras despesas além das estritamente necessárias e inadiáveis;
considerando mais que as cadeiras de música, com aplicações de piano e canto, e de violino e viola, criadas por decretos do Governo do Estado números 289, de 30 de julho de 1913, e 292, de 21 de agosto de 1913, funcionando junto ao Theatro Carlos Gomes não correspondem às verdadeiras necessidades públicas, tanto assim que têm insignificante freqüência, decreta:

Art. 1° – São revogados os decretos n° 289, de 30 julho de 1913, e 292, de 21 de agosto de 1913, que criaram junto ao Theatro Carlos Gomes, as cadeiras de música com aplicação de piano e canto e de violino e viola.

Art. 2° – Revogam-se as disposições em contrário.

*Estado do Rio Grande do Norte, Natal,
6 de janeiro de 1913, 26° da República.*

Joaquim Ferreira Chaves

José Augusto Bezerra de Medeiros

Em outro pronunciamento justificou-se:

Suprimindo esta escola, rescindi, pelas mesmas razões, os contratos das regências das cadeiras de música, com aplicação de piano e canto, e violino e viola, juntas àquele teatro, contratos, aliás, firmados em julho e agosto do ano passado, quando já se acentuavam, assustadoras, as dificuldades que assoberbam o Erário Público.⁸⁰

Com o fim da *Eschola de Musica* ficaria novamente adiado o sonho da orquestra, que somente retornaria em 1922.

80.
MENSAGEM do Governador
Joaquim Ferreira Chaves, 1914.

Theatro Carlos Gomes Natal - Rio Grande do Norte - Brazil-



Theatro Carlos Gomes em 1913. Foto de cartão postal. Autor não-identificado.

A GRANDE REFORMA

Seis anos após sua inauguração, o Teatro Carlos Gomes reclamava concertos e modificações; em vista do exame que se procedeu, tornou-se necessária a reconstrução geral do edifício, de que seriam aproveitadas apenas as paredes laterais e o material restante das demolições.

A 22 de abril de 1910, *A República* publicava uma crônica de Manoel Dantas (sob o pseudônimo de Braz Contente), onde lamenta a ausência de companhias de teatro passando por Natal. Não é difícil concluir-se que o motivo estava na situação do prédio do Teatro.

As obras praticamente resultaram em um novo edifício. Uma comparação entre as duas fachadas levará a esta conclusão. Os recursos para a sua realização eram provenientes de um empréstimo que o Governo Alberto Maranhão tomou, referendado por lei datada de 18 de novembro de 1909.⁸¹

Os trabalhos se desenvolveram até meados de 1912. A 16 de julho, o arquiteto Herculano Ramos, responsável pelas obras, fez entrega do novo teatro ao governador, havendo-lhe conferido as linhas arquitetônicas que ainda mantém.

⁸¹. Totalizava a quantia de 8.750.000 francos franceses negociada com bancos franceses e deveria ser amortizada em 37 anos. Este dinheiro financiou as melhorias que o governador inaugurou em 1911, inclusive as despesas com a reforma do Teatro Carlos Gomes. Lei nº 270, de 18 de novembro de 1909. Atos Legislativos e Decretos do Governo 1909.

O NOVO EDIFÍCIO

O jornal *A REPÚBLICA*⁸² publicou detalhes do projeto a ser executado:

O projeto do novo teatro compreende quatro partes distintas: a frente, o jardim, a sala de espetáculos e a caixa de cenário. Esta será reconstruída de novo, com vigamento de ferro, na altura de 14 metros até a maquinaria, facilitando assim, todas as manobras tanto as superiores como as inferiores, onde haverá um vasto porão estanque e provido de ventiladores.

Na sala de espetáculos será substituído todo o vigamento de madeira por outro de ferro, incluindo colunas artísticas; é dividido em três ordens: na primeira, as frisas, na segunda os camarotes, na terceira as arquibancadas gerais. Em frente ao cenário foi disposta uma galeria nobre com acesso independente, assim como as gerais, cuja passagem será feita por escadas de ferro, nos cantos do jardim. Os camarotes serão dispostos em curva contínua, ficando as colunas de ferro no intermeio das divisões de cada um, fechados e independentes. No teto ligeiramente abobadado e forrado de madeira, terá uma grande rosácea central destinada à tiragem de ar, correspondente à lanterna sobre o telhado. Toda a sala é revestida de mosaicos finos, inclusive o pavimento das frisas.

O jardim central será aproveitado, tendo no centro um grande candelabro artístico,⁸³ servindo ao mesmo tempo de fonte com torneiras e contornado das mesmas varandas, porém de ferro. A primeira parte do edifício, isto é, a frente, terá dois pavimentos; no primeiro, uma grande vestíbulo, a secretaria, a bilheteria, o lavabo para homens, o botequim e o toalete para senhoras. Todos esses compartimentos serão forrados de madeira e revestidos de mosaico. O segundo pavimento é destinado inteiramente ao foyer do teatro (salão de honra), que abrange toda a largura do edifício. É forrado de metal estampado, com rosáceas decorativas; da mesma maneira serão revestidas as paredes e terá

82.
A República, 7 out. 1910a.

83.
Meira Pires, na *História do Teatro Alberto Maranhão*, lamenta o extravio do artístico candelabro colocado no jardim (p. 88), peça que não é outra senão a “Índia”, que nunca de lá saiu. Ver o capítulo sobre esta estátua.

comunicação com as varandas por meio de escadas especiais. Esta parte do edifício é elevada sobre o nível da calçada exterior e será provido de escadaria de pedra artificial.

A fachada foi composta em estilo moderno, apresentando um corpo central e dois pavilhões com cinco portões de ferro artisticamente fundidos em Paris e mantidos por pilares de concreto modelado.

Terá o aspecto geral de cantaria com decorações simbólicas: em grandes medalhões vê-se o Drama e a Comédia; sobre o pórtico, a Ópera, com as iniciais de ouro C.G.; no tímpano a Música e no vértice do frontão, sintetizando tudo isso – a Arte, representada na bela estátua de Mathurin Moreau.

Alguns itens do projeto parecem não haver sido obedecidos, como o Salão Nobre que seria *forado de metal estampado, com rosáceas decorativas*. Alterações realizadas posteriormente foram corrigidas por Meira Pires na reforma feita em 1960.⁸⁴ Os toaletes do *hall* de entrada foram deslocados para outro lugar. No geral, o edifício mantém sua estrutura original.

84.
PIRES, Meira. *História do Teatro*
Alberto Maranhão, p. 84-87.

A REINAUGURAÇÃO

Para a reinauguração de suas atividades o seu Diretor, Joaquim Scipião, dirigiu-se ao Recife, no objetivo de contratar a *Gran Cia. de Zarzuela, Ópera y Opereta Pablo Lopez*. Retornando, confirmou a presença na cidade daquela Companhia e seus cantores. Natal haveria, pela primeira vez, de ver e ouvir uma ópera completa. A expectativa aumentava com o adiamento da inauguração ocasionado por doença da *prima-dona* da companhia, no Recife.

A reinauguração se verificou a 19 de julho, com a apresentação da opereta “A Princesa dos Dólares”, de Leo Fall. Em seguida, foram encenadas: “Casta Suzana” (Frans Lehar), dia 20; “O Conde de Luxemburgo” (Frans Lehar), dia 21; “Cavaleria Rusticana” (Pietro Mascagni) e “Moinhos de Vento” (Pablo Luna) dia 23; “La Mascota” (Edmund Audran), dia 24; “La Bohème (G. Puccini), dia 25; “Soldadinhos de Chumbo” (Oscar Strauss) dia 26; “As duas princesas” (?) dia 27; “La Mascota”, reprise em matinê e “El rey



Programa da Gran Cia. de Zarzuela,
 Ópera y Opereta Pablo Lopes, 1912.
 Original no arquivo do TAM.

que rabió” (Ruperto Chapi), à noite, dia 28; “La Traviata” (G. Verdi) dia 29; “Sonho de Valsa” (Oscar Strauss), dia 30; “A tempestade” (Ruperto Chapi) dia 31; “A Viúva Alegre” (Frans Lehar), dia 1º de agosto.

O repertório era vasto e variado, mas a crítica local destacou muitos pontos negativos nas apresentações. A orquestra, pertencente à própria companhia e regida pelo Maestro Severo Muguierza, ressentia-se de maior número de ensaios. Estava, decerto, enxertada por elementos locais,

pois foi elogiado o solo de violoncelo feito por Thomaz Babini. As árias eram, algumas vezes, substituídas por monólogos ou eram cortadas. O público compareceu em massa àquele condensado programa que, mesmo não apresentando uma qualidade superior, deve ter causado profunda impressão à platéia pouco afeita àquele tipo de espetáculo. Diariamente, o jornal *A REPÚBLICA* publicava os resumos da história de cada peça a ser vista à noite e fazia a crítica do dia anterior. Alguém, que não foi possível identificar - e que entendia bem do assunto -, apresentava dados detalhados sobre a atuação, tanto dos cantores como da orquestra.

Vale a pena destacar que, na oportunidade, Natal viu e ouviu pela primeira vez uma ópera completa: a “Cavaleria Rusticana” de Pietro Mascagni, encenada no dia 23 de julho. No elenco se destacaram os cantores Mercedes Tressols e Estanislao Stani.⁸⁵ Em seguida, além das operetas, foram encenadas as óperas “La Bohème” (Puccini), a 25, e “La Traviata” (Verdi), dia 29.

Como curiosidade, destaque-se o saldo financeiro da récita de “A Viúva Alegre”, a 1º de agosto: a bilheteria arrecadou 1:492\$000, o que parece muito para época.

85.
Crônica de Braz Contente,
pseudônimo de Dantas, Manoel,
em *A República*, Natal, 25 jul. 1912.

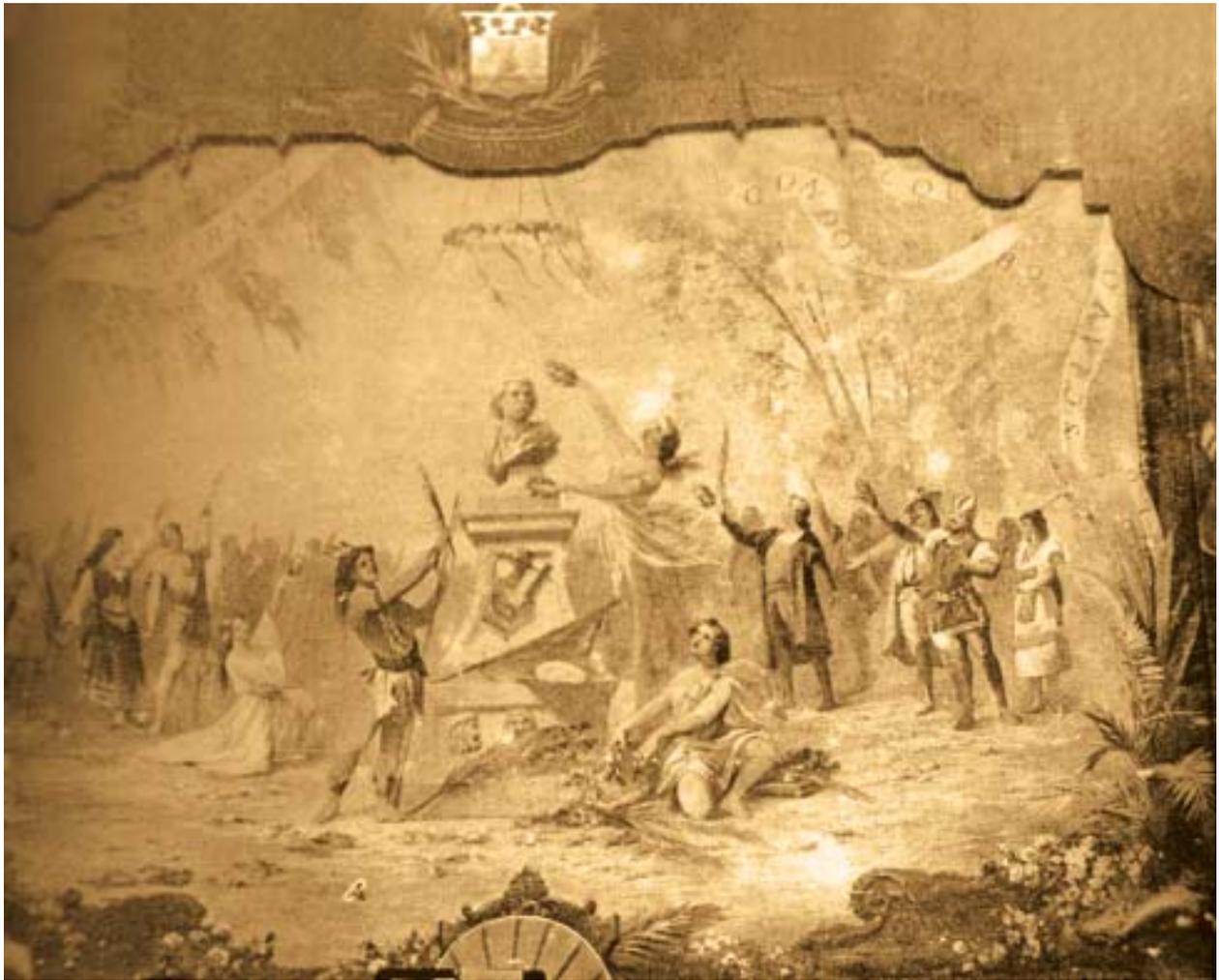
O PANO-DE-BOCA

Um detalhe pouco conhecido: na ocasião, exatamente a 19 de julho, Natal via pela primeira vez o novo pano-de-boca do Teatro, cujo tema era uma homenagem a Carlos Gomes. A cena tinha, ao fundo, a barra do Potengi e a silhueta do Forte dos Reis Magos. Em primeiro plano, personagens das óperas do autor, com destaque para o índio Peri. Fora encomendado diretamente à França e executado pelo cenógrafo Eugène Carpezat, autor de cenários para vários teatros franceses, inclusive a Ópera de Paris.

Para uma melhor avaliação, transcrevem-se trechos da crônica de Manoel Dantas, publicada em *A REPÚBLICA*, dia 17 de julho:

O PANO-DE-BOCA DO TEATRO

A exposição do pano-de-boca do Teatro Carlos Gomes provocou a admiração de muitos e a crítica de alguns, sinal evidente do seu grande valor artístico. Fui dos que o censuraram, pela primeira impressão que me causou. Achei a concepção admirável,



Pano-de-boca do Theatro Carlos
Gomes. 1912. Pintado pelo cenógrafo
francês Eugène-Louis Carpezat.

com muita cor local, desenho delicado e vigoroso, dando uma perfeita ilusão do relevo.

A cercadura dos planos é impecável, o fundo com a fortaleza da barra, muito bem apanhado, o monumento a Carlos Gomes dá a impressão de um verdadeiro monumento de bronze numa praça de verdade, o pessoal que preparou a manifestação ao grande maestro está bem disposto, destacando-se as figuras de mulher, que oferecem uma coroa e palmas, de uma plástica correta, adivinhando-se o esplendor da carne palpitante, a beleza da forma deslumbrante, através da gaze transparente.

Mas, as figuras de um índio, com cara de grego, que só tem de índio a tanga e o cocar, dando mais uma vez a idéia do símbolo que vem estragando a nossa nacionalidade, e de uma mulher acocorada, na atitude de quem faz limpeza, ocupando o primeiro plano, feriram-me o senso estético.

O desenho dessas duas figuras é diferente do resto da composição, mostrando que elas não figuravam no plano primitivo; foram talvez enxertadas, para prejudicar a última obra de um dos maiores artistas parisienses em decorações teatrais.

.....

Por esse ligeiro esboço, vê-se que o pano-de-boca do Teatro Carlos Gomes foi executado por um dos maiores artistas parisienses, que tinha nome a zelar para não fazer obra imperfeita.

A censura que fiz no começo conforme a idiosincrasia particular do meu senso estético, não desmerece o valor artístico da obra, que, mesmo com aquela falha, ou aquela superabundância de figuras, achei admirável no seu conjunto.

Carpezat; croquis de Gir, publicado em "L'Opera Nouveau", Paris, 1908. Por gentileza do Departamento das Artes do Espetáculo da Biblioteca Nacional, Paris.

EUGÈNE-LOUIS CARPEZAT



Carpezat

Cenógrafo francês Eugène-Louis Carpezat, autor do pano-de-boca do novo teatro (1912) e seu autógrafo. Foto cedida por seus familiares.

Croquis de Gir.



O autor do pano-de-boca instalado no Teatro Carlos Gomes durante a restauração concluída em 1912 foi Eugène-Louis Carpezat, cenógrafo francês, nascido em Paris, a 4 de novembro de 1833.

Uma breve visualização de sua vida iniciaria com sua entrada, em 1849, na École Nationale et Speciale de Dessin, Mathematiques, Architecture et Sculpture, em Paris. Em 1849 estava na Espanha e iniciou seus trabalhos em Paris ao instalar seu atelier, a partir de 1875.

O essencial do seu trabalho foi realizado para a Ópera de Paris onde, a partir de 1876, produziu sua primeira maquete para o 4º ato da ópera "Jeanne d'Arc", de Mermet. Sua última criação para aquele teatro foi executado em 1909: as maquetes para todos os atos da ópera "Henri VIII", de Saint-Saëns. A maior parte de suas maquetes se encontram no Museu da Ópera de Paris.

Diversos projetos de cenografia foram feitos para outros teatros parisienses, a partir de 1884, quando realizou o *décor* para a ópera *Théodora*, de Massenet, no Théâtre de la Porte Saint Martin. Trabalhou também para os teatros: de l'Opera-Comique, de la Comedie Française, de Varietés, des Bouffes Parisien, da la Comedie, de l'Athénée, T. Lírique, Gaîté, e du Chatelet.

Realizou, também, grande número de trabalhos decorativos para diversos teatros na França e Espanha.

Na relação de suas obras constam alguns panos-de-boca (*rideau de scène*), como o que pintou para o Théâtre Bataclan (1864), dois panos-de-boca para a 3ª sala Favart (1898).

Para o Brasil pintou, em 1890, o pano-de-boca sob o tema Alegoria à República Federativa, para o Teatro da Paz, em Belém, obra não mais existente.

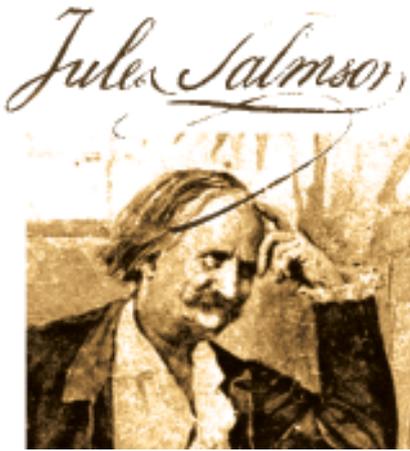
Em Natal, o seu trabalho para a o TCG foi retirado do lugar por problemas de conservação e incinerado, por volta dos anos 1960, por não mais permitir restauração.

Eugène-Louis Carpezat faleceu em Paris, a, 26 de fevereiro de 1912, e está sepultado no Cemitério de Montparnasse.⁸⁶

Seu nome é encontrado nas principais enciclopédias internacionais de arte e referido por inúmeros autores.

86.
Dados fornecidos por carta
pelo Sr. Christian Midol,
descendente de Eugène Carpezat
e residente na França.

“A ÍNDIA” – JEAN-JULES SALMSON



Jean-Jules Salmson, desenho da capa do seu livro *Entre deux coups de ciseau. Souvenirs d'un sculpteur*. Paris, Genève, 1892.

87.
Entre deux coups de ciseau. Souvenirs d'un sculpteur. Paris, Genève, 1892.

88.
A falta de identificação levou o diretor Meira Pires a lamentar o extravio do artístico candelabro colocado no jardim. *História do Teatro Alberto Maranhão*, p. 88.

Muito se escreveu sobre o *Theatro* Carlos Gomes - Alberto Maranhão; ninguém, entretanto, fez qualquer menção à graciosa estátua que se encontra no centro do seu jardim central. Por sua vez, a estátua da “Arte” está identificada desde a inauguração do Teatro, em 1904; recolocada no frontão em 1912, empresta ao edifício um refinado toque de elegância e bom-gosto.

Idênticas qualidades podem ser sentidas na estátua do jardim, há tanto tempo desconhecida. Sobre ela nada se comentou em 1904 porque, foi ali colocada em 1912, quando da grande reforma.

Seu título “L’Indiëne” – “A Índia” –, é assim mencionado no *Album da Société Anonyme des Hauts-Fourneaux et Fonderies du Val d’Osne* e nele se encontra o desenho original. O autor, Jean-Jules Salmson, nasceu em Paris, no ano de 1823 e faleceu em Coupvray, França, em 1902. Entre outros trabalhos, é de sua autoria a magnífica estátua de Haendel, que se encontra na Ópera Nacional de Paris, e “La Dévideuse”, exposta no Museu de Orsay, Paris. Assim como estas, outras peças em ferro do Teatro foram também executadas pelas Fundições do Val d’Osne, França.

Jean-Jules Salmson foi o primeiro Diretor da École des Arts Décoratifs, de Genève, Suíça. Escreveu uma autobiografia: *Entre dois golpes de cinzel. Lembranças de um escultor*, onde se podem conhecer detalhes de sua vida.⁸⁷

A “Índia”, enfim identificada, tem cópias em outras cidades do Brasil.⁸⁸



O CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1922)

O Governador Antônio de Souza empenhou-se para que o 7 de setembro de 1822 fosse devidamente lembrado em seu centenário. Uma extensa programação foi integralmente cumprida, recebendo o indispensável apoio financeiro do Governo do Estado.

A parte solene das comemorações não poderia ser realizada em outro local que não fosse o TCG.

No quarto dia de comemorações, 6 de setembro:

À noite, o povo afluiu ao Teatro Carlos Gomes, que estava magnificamente iluminado, apresentava um aspecto deslumbrante. A concorrência numerosíssima, composta do que havia de mais seleta em a nossa sociedade, dava ao ambiente uma imponência de grandiosa festa.⁸⁹



Deolindo Lima, destaque nas comemorações do Centenário da Independência (1922). Foto do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

A abertura do programa constou de uma cena dramática, a cargo dos escoteiros andantes da cidade.

Em seguida, foi a vez da “Serenata dos Tempos Antigos e Modernos”, sob a coordenação de Deolindo Lima, constando da apresentação de composições de autores Norte-rio-grandenses, interpretados por cantores e músicos locais. A primeira parte – “Antigos Tempos” – foi dedicada aos autores de um passado mais remoto, em relação ao momento. “Modernos Tempos” – a segunda parte do programa – teve como enfoque os autores da época.

A orquestra que participou do evento estava composta por: Alípio Barros (bandolim), Luís Taumaturgo, Eduardo Medeiros, Luís Cândido, Hermano Costa e João Moura (violões), Creso Monteiro (flauta), Barôncio Guerra (oboé), João de Miranda Galvão (fagote), Augusto Coelho e Virgílio Carneiro (violinos) e Calazans Carneiro (contrabaixo).

A solenidade ainda se prolongou com uma conferência do Tenente do 29º Batalhão de Caçadores, Creso Monteiro que, durante cinquenta minutos, discorreu sobre a Independência do Brasil.

Como encerramento, teve lugar uma apoteose ao Brasil passado e contemporâneo, lindamente representado por três distintas senhoritas empunhando os estandartes de Portugal Monárquico e o do Brasil Império e da República, sendo executado o Hino Nacional.

89.

REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico do RN, Natal, v. 19, n. 1 e 2, 1922.

À entrada, tocaram durante as festividades as bandas de música do Batalhão de Segurança, 29º Batalhão de Caçadores, Escola de Aprendizes Marinheiros e Escoteiros do Alecrim.

No dia seguinte, 7 de setembro, novamente o TCG abria suas portas às 13h, para, no “Dia das Letras e das Artes”, apresentar o evento “Hora dos Poetas”, quando poetas do presente falaram sobre poetas do passado.

A sessão foi presidida pelo Dr. Manoel Dantas, teve a presença do Governador Antônio de Souza e foi iniciada com a declamação do poema “Saudação à Pátria”, pelo poeta Francisco Palma.

Foi a seguinte a programação do momento, quando um poeta do “presente” dissertava sobre um poeta do passado:

- 1 - Dr. João Vicente da Costa: *Segundo Wanderley*
- 2 - Dr. Honório Carrilho: *José Leão Ferreira Souto*
- 3 - Ivo Filho: *Ana Lima*
- 4 - Jaime dos Guimarães Wanderley: *Cícero Moura*
- 5 - Edinor Avelino: *Ferreira Itajubá*
- 6 - Othoniel Menezes: *Luís Carlos Lins Wanderley*
- 7 - Virgílio Trindade: *Murilo Aranha*
- 8 - José Rodrigues: *Auta de Souza*
- 9 - Arnaldo Fagundes: *Adalberto Peregrino*
- 10 - João Estevão: *Ponciano Barbosa*
- 11 - Ezequiel Wanderley: *Gotardo Neto*

Encerrando a solenidade, a banda de música do 29º Batalhão de Caçadores executou o “Hino da Independência”.

À noite do mesmo dia 7, realizou-se o *grande concerto vocal e instrumental*, sob a coordenação de Luigi Maria Smido, Thomaz Babini e do Tenente do Batalhão de Segurança (Polícia Militar) José Gomes. Dele participaram a Orquestra do Teatro, Orquestra da Escola Doméstica, Banda do Batalhão de Segurança, alunas das Escolas Doméstica e Normal. Tudo indica ter sido esta a parte musical mais importante da programação. Tomaram parte, ainda: Iracema Dantas (violino), Maria Dantas, Dolores Albuquerque, Maria de Lourdes Lima e Amarilis Lisboa, Acácia Freire e Alba Garcia (piano).

Momento de destaque foi a execução do “Hino Nacional Brasileiro”, do “Hino da Independência” e do “Hino do Centenário da Independência do Brasil”, (composto por Luigi Maria Smido), pelas alunas das Escolas Normal e Doméstica



Abdon Álvares Trigueiro (regente). Teve duas composições classificadas no concurso realizado durante o Centenário da Independência (1922). Foto do acervo de familiares.



Virgílio Carneiro (violinista), compositor classificado no concurso do Centenário. Foto do acervo de familiares.

(270 participantes), da Banda do Batalhão de Segurança e Orquestra do Teatro, sob a regência do próprio Smido.

Uma das partes mais originais das comemorações do Centenário da Independência foi o concurso instituído pelo Governo do Estado, para premiar três compositores que musicassem três poemas de autor local. Os poemas escolhidos foram: *Caminho do Sertão*, de Auta de Souza; *De Natal ao Pará*, de Ferreira Itajubá e *Olhos*, de Segundo Wanderley. Os compositores vencedores foram, respectivamente, Abdon Álvares Trigueiro (1º lugar para as melodias de *Caminho do Sertão* e *Olhos*) e Virgílio Carneiro (1º lugar para *De Natal ao Pará*).

Finalizou a noite festiva a apresentação das canções premiadas, que foram cantadas pelas senhoritas Bemvinda Santiago e Luíza Gomes. Os acompanhamentos ficaram a cargo de uma *orquestra-serenata*, sob a regência de Abdon Trigueiro.

No dia 8 de setembro, o TCG participou apenas com um grandioso baile, realizado no seu Salão Nobre, iniciando às 21h e terminando na madrugada.

Ainda uma vez iria o TCG concentrar um grande evento musical, dentro da programação de festividades do Centenário da Independência. À noite do dia 9, o “Dia do Futuro”, realizou-se o *grande festival artístico-cívico de todas as escolas de Natal*. Como curiosidade, registre-se que as cadeiras da platéia e as frisas foram reservadas para os estudantes, enquanto as autoridades, família e povo em geral, instalaram-se nos camarotes e galerias.

A grande atração do dia foram as Escolas Doméstica e Normal, e os responsáveis pelo sucesso do programa os Maestros Luigi Maria Smido e Thomaz Babini. Participaram as pianistas Iracema e Maria Dantas, Dolores Albuquerque, Acácia Freire e Alba Garcia. O êxito da noite deveu-se particularmente à presença da Banda de Música do Batalhão de Segurança, sob a regência do Tenente José Gomes, da Orquestra da Escola Doméstica e Coro Orfeônico da Escola Normal, ambos sob a regência de Babini. O “Hino Nacional” e o “Hino da Independência” foram cantados por cerca de 1500 estudantes, regidos pelo Maestro Smido.⁹⁰

A Orquestra (de cordas) da Escola Doméstica era composta apenas por alunas do estabelecimento e tinha a seguinte composição: Iracema Dantas, Dolores Albuquerque, Bertilde Guerra, Corina Lagreca, Alda Azevedo e Netércia Maranhão (violinos), Doralice Barros, Rose James e Alzira Azevedo (violoncelos), Maria Dantas, Acácia Freire e Alba Garcia (piano).

90. REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico do RN, Natal, v. 19, n. 1 e 2, 1922. A presença de 1 500 estudantes no palco do TCG parece exagerada, mas assim está registrada à p. 97 da citada edição.



Foto acima.
Interior do Theatro Carlos Gomes,
durante um evento do Centenário
da Independência (1922).
Foto de João Galvão. Acervo do
Instituto Histórico e Geográfico do RN.

Foto ao lado.
Público lotando a platéia. Centenário
da Independência (1922). Foto de João
Galvão. Acervo do Instituto Histórico e
Geográfico do RN.



A ORQUESTRA DO TEATRO (1922)

Um dos mais importantes acontecimentos de 1922 foi o ressurgimento de uma orquestra em Natal. Em março daquele ano, retornava a Natal para dirigir o Departamento de Música da Escola Doméstica, o Maestro Luigi Maria Smido, organizador e primeiro regente da Orquestra do Teatro Carlos Gomes, a partir de 1903. Em abril, o maestro era contratado para reger a Banda do Batalhão de Segurança e logo iniciava a preparação da orquestra que tocava nas festividades.

Da relação dos músicos publicada pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico constam apenas vinte e sete componentes.

A foto oficial das festividades apresenta trinta músicos, cuja identificação será apresentada a seguir:

Primeira fila, sentados, da esquerda para a direita:

- 1 - *Miguel Cardoso*, tímpanos
- 2 - *Barôncio Guerra*, oboé
- 3 - *Comandante Paulo Leclerc*, flauta
- 4 - *Pedro Ciarlini*, violoncelo
- 5 - *Thomaz Babini*, violoncelo
- 6 - *Luigi Maria Smido*, regente
- 7 - *Augusto Coelho*, violino
- 8 - *Carmino Romano*, viola
- 9 - *Não-identificado* (flauta: Silvério Filgueira?)
- 10 - *João de Miranda Galvão*, fagote



Fila central, de pé, da esquerda para a direita:

- 11 - *Tenente José Gomes*, contrabaixo
- 12 - *Alcides Pereira*, violino
- 13 - *Rafael de Freitas*, violino
- 14 - *Manoel Florentino de Albuquerque*, violino
- 15 - *Virgílio Carneiro*, violino
- 16 - *Não identificado*, violino
- 17 - *Luís Lira*, violino
- 18 - *Eutiquiano Reis*, violino
- 19 - *José Calazans Carneiro*, contrabaixo

Última fila, de pé, da esquerda para a direita:

- 20 - *Francisco Ribeiro Machado*, trompete
- 21 - *Não-identificado*, flauta (Silvério Filgueira?)
- 22 - *João Azevedo*, clarinete
- 23 - *Francisco Bernardino de Souza*, clarinete



Orquestra do Theatro Carlos Gomes,
nas comemorações do Centenário
da Independência (1922). Foto de João
Galvão. Acervo do Instituto Histórico
e Geográfico do RN.

- 24 - *Pedro Peres de Gusmão*, oboé
- 25 - *João Batista de Moura*, saxofone
- 26 - *João Gutenberg de Paula Piloto*, trompa
- 27 - *Pedro Laranjeiras da Rocha*, trompa
- 28 - *José Gabriel Gomes da Silva*, trompete
- 29 - *João Justiniano de Albuquerque*, clarone
- 30 - *Renato Lopes*, trombone

Passadas as comemorações do Centenário da Independência, continuou a Orquestra do Teatro as suas atividades, sempre sob a regência do Maestro Luigi Maria Smido.

O ano de 1923 se iniciou com o festival de despedidas de Alcides Cicco que, autorizado pelo Governo do Estado, viajou para o Rio de Janeiro com a finalidade de estudar canto. Realizado a 27 de janeiro, o evento teve a participação de Waldemar de Almeida (piano), Thomaz Babini (violoncelo), Dr. Sebastião Fernandes (conferência) e o próprio Alcides Cicco. A Orquestra do Teatro tocou dois números.

A 8 de março, o flautista-inventor Antônio (Tota) Paulino da Andrade apresentou um recital, acompanhado ao piano por sua esposa, Amália Andrade, tendo a participação da Orquestra do Teatro, que executou diversos números.

Como já foi comentado, a Orquestra do Teatro também se apresentava em eventos fora do TCG. Assim, quando foram realizadas as solenes exéquias pelo falecimento de Rui Barbosa – dia 5 de abril – a Orquestra participou da solenidade na Catedral, juntamente com os corais da Catedral e Escola Doméstica, sob a regência de Smido.

Nas solenidades de posse do novo bispo de Natal, D. José Pereira Alves, realizadas a 17 de junho, a Orquestra do TCG esteve novamente na Catedral, tocando peças compostas por Smido especialmente para aquela ocasião: “Ecce Sacerdos Magnus”, “Te Deum”, “Tantum Ergo” e “Hino Episcopal”.

Naquela ocasião, o Maestro Smido parecia decidido a permanecer em Natal, pois anunciava pelos jornais, seus trabalhos como professor de música. Seus cursos, iniciados a 15 de junho, eram ministrados no Salão Nobre. O maestro apresentava-se como diplomado pelo Real Conservatório de Leipzig (Alemanha).

A 7 de setembro, um grande evento no TCG congregou a Orquestra do TCG, alunos da Escola Normal, bandas do 29º Batalhão de Caçadores e do Batalhão de Segurança, e mais artistas líricos da Companhia Vitória Soares que se encontravam em Natal, destacando-se os conhecidos Vicente Celestino e Laís Areda. Do grandioso programa apresentado, destaca-se aqui a participação do Maestro Smido, regendo a Orquestra e, em uma peça, as duas bandas militares que participaram do programa.

Na 1ª parte, a orquestra tocou o “Hino do Centenário”, (música de Smido, letra de Nestor dos Santos Lima), cantado pelos alunos da Escola Normal e uma seleção da ópera “Mefistófeles” (Boito). A 2ª parte do programa teve Smido regendo as duas bandas juntas, quando o conjunto de oitenta membros tocou a “Dança das Horas”, da ópera “A Gioconda”, (Ponchieli), a abertura ópera “O Guarani” (Carlos Gomes) e o “Romance em fá”, de sua autoria.

A 3ª parte do extenso programa encerrou-se com o “Prelúdio” da ópera “Condor” (Carlos Gomes) e o hino “Minha Terra”, (música de Smido e letra Nestor dos Santos Lima), cantado pelo coral dos alunos da Escola Normal.

Quando tudo levava a crer que a Orquestra do TCG vivia seus melhores dias, os jornais anunciaram o concerto de despedidas do Maestro Luigi Maria Smido. Regente da Orquestra, da Banda de Música do Batalhão de Segurança, professor da Escola Doméstica e, decerto, mantendo alunos particulares, Smido parecia ocupar em Natal os melhores lugares que um músico pudesse almejar.

Não foi possível saber-se a causa da sua decisão. Assim, a 1º de novembro realizou o seu concerto de despedidas, tendo a participação da Orquestra e das bandas do Batalhão de Segurança e do 29º Batalhão de Caçadores, do violoncelista Thomaz Babini e do flautista Antônio Paulino de Andrade, acompanhado ao piano por Amália Andrade.

Considerando-se que esta foi a última apresentação da Orquestra do TCG, inclui-se aqui o programa completo do evento.

1ª parte:

- 1 - Smido, “*Riachuelo*”, *marcha sinfônica sobre motivos do “Hino Nacional”, em 1ª audição;*
- 2 – R. Wagner, “*Ouverture*” da ópera *Tanhauser, com a orquestra;*
- 3 - Smido, “*Meditação*”, (1ª audição).

2ª parte:

- 1 – C. Gomes, *Seleção de “O Guarany”;*
- 2 - Smido, “*Elegia*”, *solo de violoncelo por Babini com orquestra, 1ª audição;*
- 3 - A Metzendorff – “*Polonesa de concerto*”, 1ª audição, *solo violoncelo com Babini e orquestra;*
- 4 - Antônio Paulino de Andrade – “*Natal*”, *Capricho para solo de flauta com piano, acompanhamento de Amália Andrade;*

3ª parte: Bandas reunidas.

- 1 - Smido, “*Prelúdio*” da ópera “*A Última Noite*”;
- 2 - Smido, “*Romance em Fá*”, *recordações de Natal, a pedido;*
- 3 - A. Thomas, “*Ouverture*” da ópera “*Mignon*”;
- 4 – F. Liszt, “*2ª Rapsódia Húngara*”.

Numa noite festiva no TCG, terminava a história da sua Orquestra, um ideal nascido em 1903 e somente muito tempo depois realizado pela Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte.

O CENTENÁRIO DE CARLOS GOMES (1936)

O ano de 1936 marcava o centenário do Maestro Carlos Gomes (Campinas, 11 de julho 1836 - Belém, 16 de setembro de 1896), patrono do Teatro. A sociedade local, pelos seus integrantes, Governo, intelectuais e povo, programaram eventos para homenagear a data, a decorrer a 11 de julho.

O centro físico das comemorações foi, decerto, o Teatro Carlos Gomes. Outros eventos, entretanto, foram realizados fora dele.

O primeiro fato a registrar foi uma conferência realizada por Luís da Câmara Cascudo, no dia 9, nos salões do Atheneu Norte-rio-grandense.

A primeira homenagem foi prestada pelo Instituto de Música do Rio Grande do Norte, fazendo realizar a sua 3ª audição de alunos no TCG. O evento foi iniciado por uma palestra do professor Luís Soares de Araújo, seguindo-se a apresentação dos estudantes Nair Viana, Zarita Volfson, Laíse Cavalcanti, Carlos Tavares, Iolanda Galvão, Gumercindo Saraiva, Maria da Glória Lisboa, Ell Vilar, Danilo Parisot, Wanda Mussi e Túlio Tavares. Apresentou-se, ainda, o Orfeão do Instituto, sob a regência da professora Dulce Wanderley.

Na data do centenário – dia 11 – foi celebrada solene missa cantada na catedral. Às 14hs inaugurou-se um retrato do compositor no Instituto de Música e às 16h, realizou-se grande concentração escolar no cruzamento da Avenida Rio Branco e Rua João Pessoa, quando foi ouvido um discurso do professor Ivo Filho, da Escola Normal. Em seguida, um orfeão composto de cerca de três mil estudantes, cantou o “Hino da Independência”, “Hino à Bandeira”, “Hino da Mocidade Acadêmica” (de Carlos Gomes) e o “Hino Nacional”. Acompanhamentos pela Banda de Música da Força Policial do Estado. A regência esteve a cargo do Cônego Amâncio Ramalho, Diretor do Departamento de Educação.

Às 20h do mesmo dia realizou-se, no TCG, a 4ª audição da Orquestra da Sociedade Artístico-Musical, com a participação de um orfeão formado por alunos de escolas da cidade, sob a regência do Cônego Amâncio Ramalho. Além de obras de outros autores, foram executadas: a “Abertura” de O Guarani, a “Marcha Nupcial” e o “Prelúdio” da ópera Condor, de Carlos Gomes.

Ouviu-se, ainda, o Maestro Waldemar de Almeida, falando sobre Carlos Gomes.



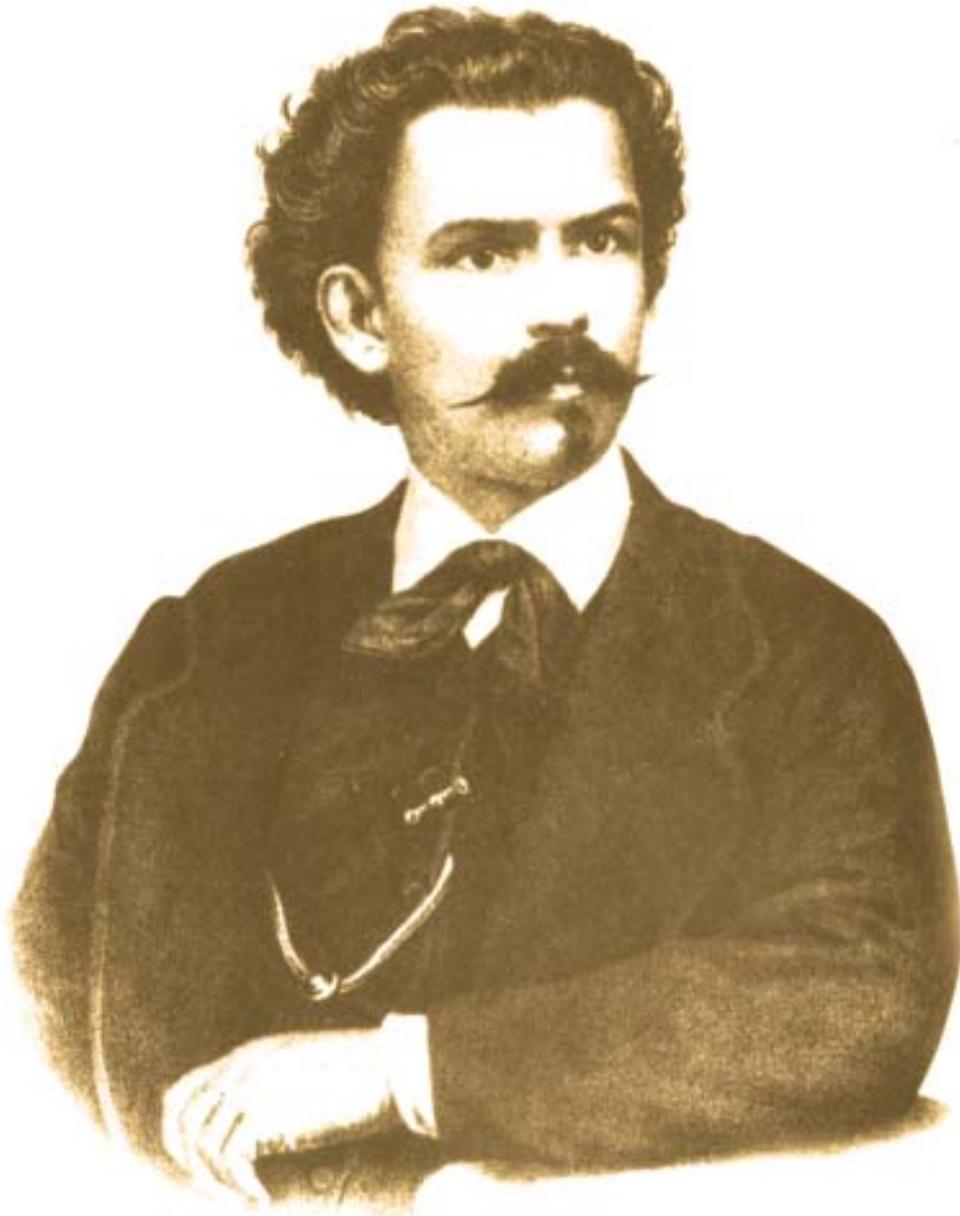
Maestro Carlos Gomes. Foto da capa da revista SOM, Natal, 1939.

No dia 12 foi inaugurada a Praça Carlos Gomes, com discurso do Prefeito Gentil Ferreira de Souza e distribuição ao público de 10 mil fotografias do compositor. Os membros do Centro Estudantil Potiguar convidaram Waldemar de Almeida para ministrar uma conferência sobre Carlos Gomes, o que se verificou na tarde daquele dia, seguindo-se uma passeata composta de estudantes, que percorreu a cidade portando bandeiras e proferindo ovações ao compositor.

O encerramento das comemorações verificou-se às 20h, no TCG, momento em que foi solenemente inaugurada a placa comemorativa do centenário. Na oportunidade, foi ouvida uma demonstração orfeônica e de recitativos. A parte musical, apresentada por um orfeão composto de estudantes, constou de obras de Waldemar de Almeida e Villa-Lobos. A solenidade foi encerrada com palavras do Cônego Amâncio Ramalho.

Os editores da revista SOM escolheram a data de 11 de julho daquele ano para, em homenagem ao Maestro Carlos Gomes, fazer circular sua 1ª edição.⁹¹

91.
SOM, Natal, 11 jul. 1936.
Publicação da Sociedade de Cultura Musical; tinha como Presidente Luís da Câmara Cascudo e Diretor Técnico Waldemar de Almeida.



Carlos Gomes

Maestro Carlos Gomes, na época do lançamento de "O Guarani". Foto em VETRO, Gaspare Nello. Antônio Carlos Gomes, Milão.

Maestro Carlos Gomes – autógrafa, em MURICY, Andrade e outros. Carlos Gomes. Uma obra em foco.

O PRIMEIRO PATRONO

O musicista Antônio CARLOS GOMES, mais de cem anos após o seu falecimento, ainda pode ser considerado o mais famoso dos compositores eruditos do País. Sua popularidade no fim do século XIX e inícios do XX era incontestável e refletia o prestígio do músico brasileiro na Europa.

Nascido em Campinas, São Paulo, a 11 de julho de 1936, teve como avó uma índia guarani. Seu pai era musicista e regente de banda música e seus filhos viveram em ambiente musical.

Aos dez anos iniciava-se na música, aprendia a tocar vários instrumentos, dedicava-se ao piano e ao violino destacando-se, também, pela bela voz. Em 1854 escreveu suas primeiras composições.

Transferindo-se para o Rio de Janeiro em 1860, matriculou-se no Conservatório de Música onde teve com professor, entre outros, Francisco Manoel da Silva, autor do Hino Nacional Brasileiro. No ano seguinte, encenava a sua primeira ópera – “A noite do castelo” – regida pelo próprio Francisco Manoel da Silva, pelo que recebeu do Imperador D. Pedro II a Ordem da Rosa. Em 1863 apresentou “Joana de Flandres”; o sucesso desta ópera lhe valeu uma bolsa do Governo brasileiro para estudar na Europa.

Em fevereiro de 1864 estava em Milão, matriculado no Conservatório de Música. Concluiu seus estudos em 1865, obtendo o diploma de maestro-compositor. Suas músicas logo o tornaram popular na cidade. Entre esta última data e 1868 trabalhou na composição de *Il Guarany*, ópera baseada no romance “O Guarani”, de José de Alencar.

“O Guarani” teve calorosa recepção do público de Milão ao ser encenado no Teatro Scalla, a 19 de março de 1870. Sua popularidade o elevava a posição de destaque entre os compositores europeus; o Rei Vítor Emanuel II, atendendo a proposta do Ministro da Instrução Pública, concedeu-lhe a honraria de Cavaleiro da Coroa da Itália.

Voltando ao Brasil e recebido como herói nacional, encenou “O Guarani”, ópera dedicada ao Imperador D. Pedro II, no dia do aniversário deste, no Teatro Lírico Fluminense (Rio de Janeiro), dele recebendo o título de Cavaleiro Oficial da Ordem da Rosa.

De volta à Europa em 1871, casou-se com a pianista e colega de curso Adelina Peri. “O Guarani” é levado ao palco dos mais importantes teatros da Europa: Roma e principais cidades italianas, Londres (Covent Garden), São Petersburgo, Moscou... Sob encomenda do Imperador brasileiro, compôs “Saudação do Brasil”, para o centenário da independência dos Estados Unidos, apresentada

em Filadélfia, no dia 4 de julho. Seus trabalhos continuam a obter muitos êxitos e alguns insucessos.

Problemas financeiros e familiares, entretanto, perturbavam sua saúde e atrapalharam o ritmo de suas produções. Iniciou e não concluiu muitos trabalhos. No Brasil em 1889 encenou, no Rio de Janeiro e São Paulo, “O Escravo”, ópera dedicada à Princesa Isabel. Na ocasião, recebeu a Comenda de Grande Dignitário da Ordem da Rosa e a promessa do Imperador de que o nomearia Diretor do Conservatório de Música. A 15 de novembro, entretanto, dava-se a Proclamação da República, o maestro perdia a proteção do Imperador e o emprego prometido.

Em 1892, na passagem do IV Centenário do Descobrimento da América, estava no Rio de Janeiro onde encenou o poema vocal-sinfônico “Colombo”, considerado um dos seus maiores fracassos, decerto por conta de sua posição política e amizade com o Imperador exilado. Mesmo assim, recebia a designação para representar oficialmente o Brasil na Exposição Colombiana, nos Estados Unidos. Viajando a Chicago, regeu trechos de suas óperas na ocasião do 71º aniversário da Independência do Brasil.

O Governo republicano lhe encomendou a composição de um “Hino da República”, recusado por fidelidade a seu benfeitor, o Imperador D. Pedro II.

Em abril de 1895 estava em Belém, onde recebeu o convite para assumir a direção do Conservatório de Música do Pará. Já doente, retorna à Europa, passa por Lisboa onde é operado de um câncer na língua. Chegando a Belém em maio de 1896, iniciou seus trabalhos em junho, vindo a falecer a 16 de setembro, aos 57 anos.

A unanimidade do prestígio de Carlos Gomes no Brasil deve-se a muitos fatores. O primeiro é, decerto, o de haver vencido na Europa e, especialmente, na Itália, terra de grandes compositores. Giuseppe Verdi ainda vivia seu grande sucesso quando lá esteve o brasileiro. A Europa acolheu com entusiasmo os temas exóticos de suas óperas, refletidos no forte conteúdo nacionalista dos motivos indianistas, históricos e antiescravistas. Sua música, combinando com a novidade dos temas, recebia o acolhimento do público e especialistas. Em termos bem claros pode-se dizer que fez sucesso na Europa.

A vinculação de Carlos Gomes com o elemento nacional brasileiro era tanto que as suas primeiras óperas, “A noite do castelo” e “Joana de Flandres”, foram escritas em português. Já na Itália, teve que se render ao imperativo do idioma do país onde vivia e do qual dependia a sua aceitação.

Sua música, entretanto continuava essencialmente brasileira.

Ainda durante sua vida, muitos foram os “Club Carlos Gomes” fundados no Brasil, como os do Rio de Janeiro e do Recife. Em Natal, a 24 de julho de 1892, criava-se o Club Carlos Gomes que, sustentado por alguns idealistas, constituiu-se a única escola de música da cidade na ocasião. Sua orquestra foi a responsável por festas, saraus, bailes, procissões, solenidades da igreja. O hino da instituição, versos de Segundo Wanderley (Sócio Honorário) e música de Luís Carlos Wanderley, faziam expressa menção ao seu patrono:

*Quem não rende uma augusta homenagem
Do Brasil ao sublime cantor,
Não respira o perfume dos lírios,
Nem se abrasa nas chamas do amor.
(Primeira estrofe)*

.....
*É na grande conquista do belo
Que o artista se torna imortal;
Seja a pátria a canção predileta,
Carlos Gomes o nosso ideal. (Última estrofe)⁹²*

Em Assembléia Geral realizada a 3 de dezembro de 1893, a diretoria do Club Carlos Gomes propôs a concessão ao maestro do título de Sócio Honorário. De Milão, Carlos Gomes escreveu ao Club uma carta datada 14 de abril de 1894, agradecendo o Diploma que lhe foi enviado e fazendo votos de prosperidade.⁹³

É muito provável que Carlos Gomes, em suas diversas viagens de ida e volta Recife-Belém, tenha passado por Natal, na parada obrigatória dos velhos navios, que fundeavam em cada cidade costeira. Não há registro formal nos jornais disponíveis. É certo que esteve no porto em julho de 1895⁹⁴ quando, passando por Salvador, Maceió e Recife, dirigia-se ao Pará. Se visitou a cidade o fez discretamente; os jornais noticiariam e a tradição oral lembraria uma visita tão ilustre.

O *DIÁRIO DO NATAL* informava, em 30 de abril de 1896, a gravidade do estado de saúde do maestro e suas pretensões de viajar para Belém, onde assumiria a direção do Conservatório de Música.

Estando já no Pará em junho, dirigiu-lhe o Club Carlos Gomes um telegrama manifestando votos de restabelecimento. O maestro respondeu por telegrama de 26 de maio: *Melhorando lentamente, penhorado pelo vosso espontâneo cuidado sendo-vos profundamente agradecido. Carlos Gomes.*⁹⁵

92.
A República, Natal,
21 out. 1893.

93.
Ata da Assembléia Geral
do Club Carlos Gomes, 27 de maio
de 1894, p. 26. As atas destas reuniões
estão registradas em dois livros originais
cobrindo o período de 1892
a 1914, conservados pelo autor.
(O 1º livro, de 24 de julho de 1892
a 22 de abril de 1903; o 2º livro,
de 23 de abril de 1903
a 8 de fevereiro de 1914).

94.
Diário do Natal, 24 set.
1895 informa que Carlos Gomes
passou despercebido por Natal.

95.
Diário do Natal, 28 maio 1896.
Não se conservaram os documentos
originais de Carlos Gomes
dirigidos ao Club.

O Club voltou a telegrafar ao maestro, *felicitando-o por suas melhoras de saúde*.⁹⁶

Falecendo a 16 de setembro, teve pomposas solenidades funerárias em Belém.

Em Natal o Club Carlos Gomes hasteou sua bandeira a meio mastro e nomeou os natalenses residentes em Belém, Luís Emídio Pinheiro da Câmara e Luís Emídio Pinheiro da Câmara Filho para, como seus representantes, oferecerem uma coroa em seu nome.⁹⁷

No 30º dia (17 de outubro) foram celebradas solenes exéquias na matriz, celebradas pelo Padre João Maria. A orquestra e a banda do Club, sob a regência de Luís Coelho, tocaram músicas adequadas ao momento, cantando os sócios Antônio Ferreira e Joaquim Severino. Em frente ao altar, um retrato do maestro; a eça estava envolta na bandeira do Club.

Na ocasião foi distribuída uma publicação com o título “Carlos Gomes”, com artigos e poemas de autores locais, editada pelo sócio José de Viveiros.⁹⁸

A existência de bons teatros em cidades nordestinas e nortistas como Salvador, Recife, Belém, ensejaram a presença de Carlos Gomes e a encenação de muitas de suas óperas. Em Natal, somente a partir de 1904 estava disponível um teatro e uma orquestra.

Se naquele ano ainda vivesse o Maestro Carlos Gomes decerto teria se apresentado no Teatro que tinha o seu nome.

96.
Ata da Assembléia Geral do Club Carlos Gomes, realizada a 24 de junho 1896, p. 42.

97.
Oásis, 1 out. 1896.

98.
Polyantéa em 4 páginas, original não localizado pelo autor, citada no Diário do Natal, 5 out. 1896; e na revista Oásis, na coluna Exéquias de 20 de outubro de 1896, p. 3.



COMPOSIÇÕES DE CARLOS GOMES

A obra musical de Carlos Gomes⁹⁹ compreende trabalhos de grande variedade, como: música orquestral, hinos, música de câmara, música instrumental, coro, canto e orquestra, música sacra, canções e modinhas. Por exigüidade de espaço relacionam-se abaixo apenas as suas óperas e respectivas datas de composição:

99.
FERNANDES, Juvenal, Levantamento de obras de Carlos Gomes, São Paulo, Sociedade Brasileira de Musicologia, 1987. Ver também SALLES, Vicente bibliografia brasileira de Antônio Carlos Gomes, Belém, 1996; MURICY, Andrade e outros. Carlos Gomes. Uma obra em foco. MEC-FUARTE, 1987. Os presentes dados biográfico tiveram como fonte VETRO, Gaspare Nello. Antônio Carlos Gomes. Milão, S/D.

- “A noite do castelo” (1861)
- “Joana de Flandres” (1863)
- “O Guarani” (1870)
- “Fosca” (1873)
- “Salvador Rosa” (1874)
- “Maria Tudor” (1879)
- “O escravo” (1889)
- “Condor” (1891)

MAIS UMA ESCOLA DE MÚSICA



Pianista Maurillo Lira,
manteve curso no TCG.

Em janeiro de 1939, o pianista Maurillo Lyra fundava a “Escola de Piano Maurillo Lyra”, que funcionava nas dependências do Teatro Carlos Gomes. O curso seguiria os programas e repertórios do Instituto Nacional de Música.

Maurillo Lyra nasceu em Natal, em 1900, filho de João e Elcides Lira. Diplomou-se professor pela Escola Normal de Natal, na turma de 1916. Tocou em conjuntos durante sessões do cinema mudo, recém-chegado. Em 1921 estudava no Instituto Nacional de Música, no Rio de Janeiro, aluno de Agnelo França (Harmonia) e Luciano Gallet (Piano).

Viajou para a Alemanha, em dezembro de 1923, onde estudou com Rudolph Hauschild. Transferindo-se para Paris, estudou com o pianista brasileiro Souza Lima e, depois, com Marguerite Long, Professora do Conservatório de Paris onde, a 13 de junho de 1926, apresentou-se na 5ª audição pública. Depois da permanência de 3 anos na Europa, Maurillo Lyra retornou a Natal, a 19 de outubro de 1926 e, a 15 de novembro, apresentou, no TCG, o primeiro recital para o público de sua cidade.

Retornou a Paris, passando o ano de 1927 naquela cidade, em continuação a seus estudos com a mesma professora. Voltando a Natal em janeiro de 1928, apresentou no dia 14 de fevereiro, mais um recital no TCG. Em abril daquele ano estava no Rio de Janeiro, tocou em cidades de São Paulo e retornou a Natal.

Em março estava outra vez em Paris. Entre 1930 e 1938 esteve no Rio Grande do Sul, onde se casou. Tocou naquele Estado e no Uruguai. Retornando a Natal, a 16 de março apresentou um recital no TCG, tocou em João Pessoa, Recife, Fortaleza e, novamente Natal, a 6 de maio.

Em janeiro de 1939, fundou a “Escola de Piano Maurillo Lyra” que apresentou, sempre no TCG, muitas audições de alunos com o título de “Exercícios Práticos”. O “1º Exercício Prático” foi realizado a 24 de março de 1939, data em que o TCG comemorava o 35º aniversário. Na ocasião, apresentaram-se, também, alunos da Escola de Canto Lírico Alcides Cicco. A partir de julho de 1942, as audições da Escola de Piano Maurillo Lyra passaram a se realizar nos estúdios da Rádio Educadora de Natal, onde Maurillo se tornara regente da orquestra da primeira emissora natalense.

Depois de cinco anos de trabalho em Natal, Maurillo Lyra transferiu-se para o Rio de Janeiro, encerrando-se as atividades de sua Escola de Piano.

O ANO DO CINQUENTENÁRIO (1954)

Tem-se tornado costumeira, nos últimos anos, a comemoração do aniversário do TAM, com festividades e eventos artísticos.

A primeira comemoração se verificou a 24 de março de 1939 – o 35º aniversário. A iniciativa partiu do Diretor Alcides Cicco e constou de uma noite festiva, com a apresentação do 1º Exercício Prático da Escola de Piano Maurillo Lira e participação de alunas de canto de Alcides Cicco.

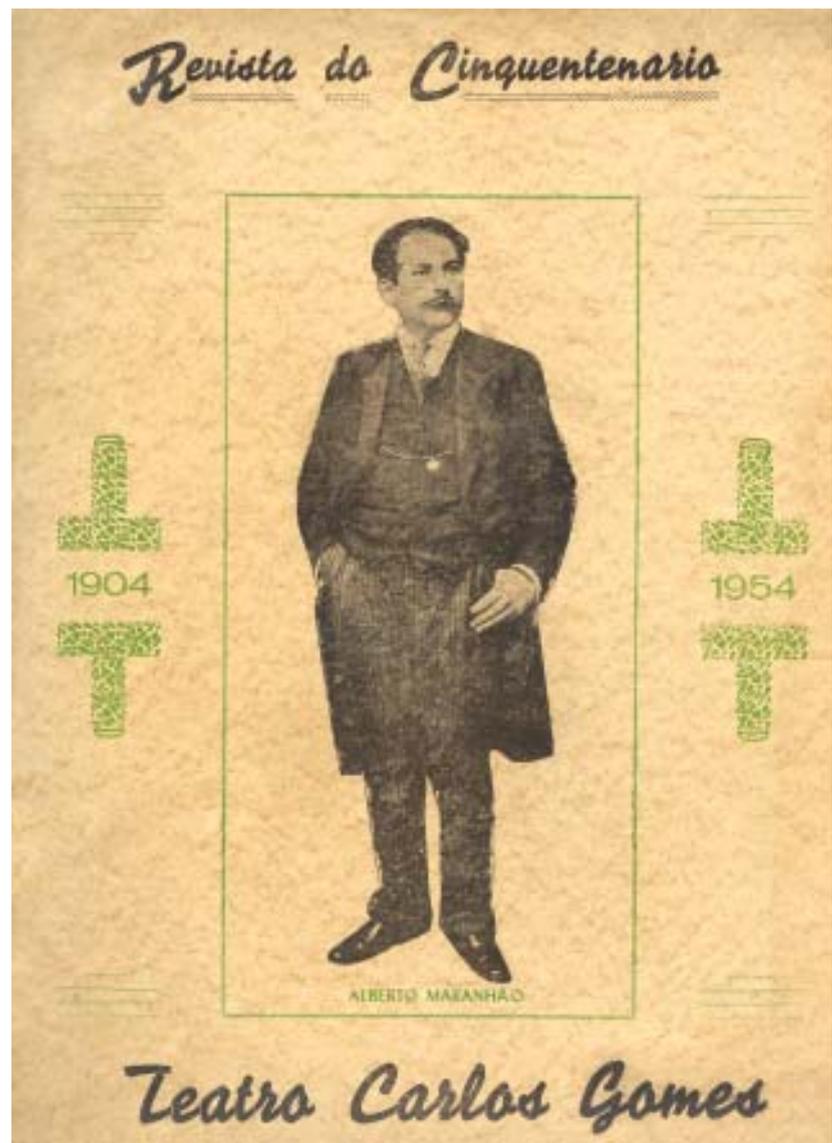
O programa constou, em sua primeira parte, de uma palestra do Professor Maurillo Lira. Em seguida, apresentaram-se as alunas do Curso de Canto Lírico Alcides Cicco: Isabel Roselli e Etelvina Silva. Finalizando, tocaram os alunos da Escola de Piano Maurillo Lira: Teresa Lamas, Wanda Grandi, Josefina Borja, Ester Lamas, Nazaré Vieira, Moisés Starec, Riva Mandel, Josélia Lettieri Mendonça e Ziva Blatmann. No pátio do Teatro tocou a Banda de Música da Força Pública (Polícia Militar).

Grandes eram as expectativas para comemoração do cinquentenário de inauguração do Teatro Carlos Gomes. Coordenados pelo Diretor Meira Pires, os festejos foram abertos a 24 de março de 1954 e constaram de:

- 20h30m – Sessão solene no Salão Alberto Maranhão, quando falou o escritor Luís da Câmara Cascudo.*
- 21h – Homenagem ao Prefeito Creso Bezerra, que fez entrega de uma nova cortina ao Teatro.*
- 22h – Baile no Salão Nobre, tocado pelo Conjunto Acayaca, exigido convite e traje a rigor.*

O encerramento de ano do cinquentenário verificou-se a 25 de dezembro de 1954. Assim como na abertura, o evento revestiu-se de caráter solene:

- 20h – Sessão solene presidida pelo Governador Sylvio Pedroza, novamente falando o escritor Luís da Câmara Cascudo.*
- 20,30h – Entrega de títulos de Benemérito a diversas autoridades, pelo Teatro do Estudante da Associação Potiguar de Estudantes.*
- 21h – Inauguração de placas no saguão, em homenagem a Alberto Maranhão e ao Prefeito Creso Bezerra.*



Revista do Cinquentenário,
publicada em 1954.

21,30h – Inauguração da fotografia do Prefeito Creso Bezerra no gabinete do Diretor, numa homenagem do Teatro de Amadores de Natal, falando na ocasião, o teatrólogo Sandoval Wanderley.
22h – Baile no Salão Nobre.

Durante o ano, destaca-se a publicação de uma revista, com 64 páginas, sob a coordenação do Diretor Meira Pires. Pelo aspecto exterior, deve ter sido publicada com muita dificuldade, considerando-se o papel e a impressão de qualidade inferior e, ainda, a abundância de publicidade que continha. Além de artigos assinados, a maior parte dos textos seria utilizada no livro “História do TAM”, que Meira Pires já anunciava e haveria de publicar em agosto de 1980.

...un obediencia

centigo 27 do

...a

Caracas,

publico

...do

...e

1854:

...

Mais HISTÓRIA

CINEMA NO TEATRO

No início de suas atividades, o Teatro Carlos Gomes apresentou em suas dependências a maior novidade do momento, o *CINEMATOGRAFO*. Eram assim denominados os primitivos aparelhos de projeção de cinema.

A primeira experiência data de 1906, quando chegou a Natal a Empresa Bioscope, de propriedade de Arlindo Costa. Naquela época, a cidade ainda não dispunha de iluminação elétrica pública; a empresa montou no Teatro seus motores que, produzindo eletricidade, iluminaram o edifício de uma forma muito mais eficiente do que os modestos lampiões a gás.

A primeira projeção se verificou na noite de sábado, 7 de abril, para uma casa inteiramente lotada.¹⁰⁰

A sessão constou, principalmente, da projeção de cenas humorísticas, a primeira delas sobre as reações de um adolescente ao fumar o primeiro charuto. Em seguida, foi exibido “O Hotel Mal-assombrado” e “Os ladrões de lebres”. Curioso é observar-se que o público aplaudia ao final das projeções. A deduzir da precária informação jornalística, esta primeira parte era mesmo cinema, ou seja, cenas em movimento. Na seqüência, projetaram-se quadros fixos, constando de fotografias de pessoas famosas e cenas de cidades.

Como de costume, a Orquestra do Teatro, sob a regência do Maestro Smido, teve a sua participação no intervalo das projeções.

^{100.}
Esta não seria a primeira vez que se via a novidade do cinema. Desde 1898 que outras empresas visitavam ocasionalmente a cidade.

Continuando a sessão, foram vistos “A Fada da Primavera”, “O que vejo no meu 6º andar” (quadros picantes), “A grande caçada de veados nos Estados Unidos”, e “Os sete castelos do diabo”, todos igualmente indicados pelas notícias como vistas em movimento.

Apesar do mau tempo, foi apresentada outra sessão.

Um terceiro espetáculo foi assistido no dia 14, também com três partes, sendo duas de vistas animadas. Mais cinema nos dias 15, 17 e 24, quando se encerrou a temporada da Empresa Bioscope.¹⁰¹

Em novembro do mesmo ano, uma novidade ainda maior: o *cinematógrafo falante*, trazido a Natal pela Empresa Norte do Brasil, tendo como diretor-técnico o Sr. Moura Quineau, fotógrafo cearense.

A estréia da empresa foi marcada para o sábado, dia 24. Ao projetar-se a primeira vista, o projetor apresentou um problema e a sessão foi cancelada. Resolvido o problema, funcionou normalmente no domingo, 25 de novembro. Uma casa lotada viu “Álbum Maravilhoso” e “Salteador Moderno”, este indicado como *vista animada*. A expressão vista animada, utilizada pelo jornal *A REPÚBLICA*, sugere tratar-se de cinema, movimento, não apenas projeções fixas.

Em todas as sessões, nota-se a presença da Orquestra do Teatro, sempre sob a regência do Maestro Smido. Na apresentação do dia 29, a orquestra teve sua participação e no melhor da festa, [...] *zás! Prego na máquina!* O espetáculo foi, então, suspenso. No dia seguinte, o 2º espetáculo de cinema desfez a má-impressão do dia anterior. A iluminação externa e interna do Teatro esteve perfeita e a exibição das vistas, do mais surpreendente efeito. A cena cômica “Confissão” foi muito aplaudida e bisada. O governador estava na platéia...

O 3º espetáculo se deu a 2 de dezembro. Entre outras projeções, viu-se “O prestidigitador japonês” e foi repetida “Confissão”.

A Empresa Norte do Brasil e seu cinematógrafo apresentaram ainda, aos frequentadores do TCG uma 4ª apresentação, no dia 6. Neste dia publicou-se que a Empresa avisava que não exhibirá vistas livres, como se chegou a divulgar...

No 5º espetáculo (dia 8) *as vistas*, – que não eram de boa qualidade – foram interrompidas por problemas no motor, logo resolvidos. Sugeriu-se a presença de policiamento, por conta das vaias e pilhérias de parte do público.

A 6ª apresentação se deu a 20 e, no dia 27, a empresa viajou para a Paraíba.

101.

A REPÚBLICA, Natal, 7 abr. 1906;
A REPÚBLICA, Natal, 9 abr. 1906a;
A REPÚBLICA, Natal, 14 abr. 1906b;
A REPÚBLICA, Natal, 16 abr. 1906c;
A REPÚBLICA, Natal, 18 abr. 1906d;
A REPÚBLICA, Natal, 24 abr. 1906e.

As notícias do jornal *A REPÚBLICA*, de onde foram colhidas estas informações não permitem, pela pobreza de detalhes, uma conclusão segura se era mesmo cinema falante.

No ano seguinte – 1907 – nova temporada de cinema. Chegavam a Natal a 14 de agosto, os proprietários da Empresa Camões e di Mayo, mas estando o TCG ocupado com a Companhia Apolônia Pinto, seguiram para Macaíba e Ceará - Mirim, onde não encontraram local para projeções. Depois de uma apresentação para a imprensa, a primeira projeção para o público de Natal se deu durante o espetáculo da Companhia Apolônia Pinto, a 29 de agosto, dia em que foi encenada a revista de Segundo Wanderley, “Natal em Camisa”. A noite se iniciou com *exibição das vistas*, quando foram projetadas “Vagabundos” e “Viagem à estrela”, muito aplaudidas.

O início das atividades da Empresa Camões e di Mayo se iniciou mesmo no dia 31 de agosto quando uma sala repleta assistiu a *um programa atraente, cujas vistas foram muito aplaudidas pelo público*. A 6 de setembro a platéia assistiu à “Paixão e Morte de Cristo” e à “Tomada da Bastilha”; não se falou mais nesta empresa de cinema.

Em novembro chegavam (dia 16) os representantes da Empresa de Cinematógrafos Pathé Frères, Oliveira e Coelho e Cia., anunciando um excelente aparelho, e grande variedade de vistas. A 19, foram projetadas “O incêndio a bordo” e outras vistas. Comentou o jornal: [...] *É pena que o aparelho não dê às vistas apresentadas o realce e a nitidez desejáveis* [...]

Apesar dos problemas com a projeção, continuou o cinema no TCG. Assistiu-se a “A grande corrida de touros”, “A via férrea de Faeta Chamonix” (dia 21) e, a 23 e 24, “A vida e paixão de N S Jesus Cristo” com todos os dolorosos detalhes.

Informando que o projetor estava consertado, anunciou-se cinema para o dia 30. Naquela data, *A República* publicou uma interessante matéria de alguém que assinava como Chilon Chilonidas, onde critica a qualidade dos “cinemas” que têm vindo a Natal. A certa altura, desabafava:

Ou essa história de cinematógrafos não passa de uma pinóia, de um perfeito conto do vigário, ou eu sou de um caiporismo ultra para a banda desses aparelhos do Srs. Pathé Frères, Lumière, etc.

Revoltado, encerrava:

Conclusão: ou eu sou o mais caipora dos mortais ou o aparelho dos Srs. Pathé Frères, etc. é uma pinóia de grande marca.

Nenhuma temporada de cinematógrafos, em 1908. A 10 de abril de 1909 estreava o *ESTEREOPTICON*, de propriedade da empresa Carvalho e Cia. Foram exibidas projeções nos dias 15 (os retratos de Segundo Wanderley e Alberto Maranhão foram muito aplaudidos...), 17 e 18. A 25 projetou-se “A Filha do Trapeiro”, “Minhas calças são descosidas”, “Invenção do Professor Bric”, e *a film* (SIC) “O Nascimento de Jesus”.

Continuaram as projeções no mês de maio, nos dias 1º e 7: entre *as films* exibidas agradaram “A Pescadora de Camarões”, “O dia mais belo da vida”, “Metempsicose”, “Minhas Calças”.

Espectáculos a 9 e 13, quando se encerrou a temporada.

Em agosto, instalava-se no TCG, com muito alarde, o Cinema Natal, anunciando grande sortimento de filmes da casa Pathé Frères de Paris, que não seriam repetidos. Sua estréia se verificou no dia 21 e, a 23, anunciou-se – pela primeira vez – um espetáculo para crianças.

Para o dia 28, uma baixa de preços das entradas; estava havendo pouco público... A 1º de setembro uma sessão para crianças.

Somente 20 dias após aparecem notícias do Cinema Natal: a 21, a empresa colaborava com a sociedade “Congresso Literário”, exibindo uma sessão destinada a angariar recursos para a construção de um monumento a Nísia Floresta, na cidade de Papari.

Retornando de Ceará - Mirim o Cinema Natal, o início da nova temporada, que se realizaria no dia 6 de outubro, foi transferido para o dia seguinte, motivado pela falta d’água no moinho que abastece o teatro.

O Cinema Natal levou ao público natalense uma maior variedade de filmes que as empresas anteriores. Para que se tenha uma idéia do que se podia ver naquela época, seguem os nomes e datas de exibição *das films*: “O sport na Sabóia”, “A caça ao hipopótamo”, “O circuito de carrinhos à mão”, “O espectro rubro”. Foram exibidas também cenas cômicas (dia 10). Para o dia 27, depois de reparos no projetor, foram exibidos 10 filmes, entre eles “A Escola de Rendas”.

O mês de novembro veio com mais filmes. A 1º, viu-se “A vida de Napoleão”, com 450 metros de fita – decerto um longa metragem para a época – e mais 7 quadros cômicos, duas de mágicas e fantasia, e uma dramática.

A exibição do dia 10 foi muito especial; Natal viu pela primeira vez um documentário filmado pela Casa Pathé, durante o vôo feito do engenheiro francês Blériot ao

atravessar o Canal da Mancha, da França para a Inglaterra, considerado o fato mais importante da aviação registrado diretamente pelo cinema.

Outra novidade, a 22: a projeção de “A flor das calçadas”, estrelando Mistinguett, a mais famosa vedete do cinema europeu. Considere-se, ainda, que além da exibição de mais 6 fitas cômicas e dramáticas, foi projetada “A grande mágica japonesa”, toda colorida, como acentuou o jornal. É a primeira menção a um filme colorido na cidade!

No dia 28, o Cinema Natal apresentou “Francesca de Rimini”.

Em dezembro, uma exibição a 6, numa homenagem prestada à oficialidade do navio “Rio Grande do Norte”, da Marinha de Guerra, e à Divisão Branca, em visita a Natal.

Embora fosse divulgada a chegada de novos filmes, a projeção do dia 19 foi interrompida, novamente por falta d’água no prédio, o que provocou o esquentamento do motor e a impossibilidade de continuar a sessão. A partir desse fato, cessam as notícias sobre o Cinema Natal.

Propositalmente, foram aqui apresentados detalhes de fatos e datas, para que se tenha uma idéia clara do momento vivido pelo TCG e pela cidade de Natal.

Em crônica publicada a 22 de abril de 1910, Braz Contente (pseudônimo de Manoel Dantas), comentava a falta de companhias teatrais, compensada pela presença dos cinematógrafos:

“O cinematógrafo aí está para servir de pedra de toque. É um deslumbramento! Dias de enchente à cunha!”
“O povo, mesmo a nata grossa, sedento das sensações do palco, enche o Teatro Carlos Gomes, aplaudindo freneticamente as fitas mais interessantes.”

Assim terminava, entre aplausos e desapontamentos, a primeira fase da história do cinema no TCG.¹⁰²

102.
Fatos e transcrições colhidos do noticiário do jornal A República (1910). Deixam de ser indicados mais detalhes quanto aos dias de publicação por conta da longa e decerto pouco interessante lista a ser apresentada.
Ver também, FERNANDES, Anchieta, Écran natalense, Natal: Sebo Vermelho; Cata-Livros (Sebo Transa), 1992.

MAIS CINEMA – ARRENDAMENTOS.

Dezenove anos depois, em 1928, novamente cinema. Durante o Governo Juvenal Lamartine foi assinado, a 21 de setembro, contrato de arrendamento com José Elísio Bezerra Cavalcanti e Noel Virgílio de Miranda, que objetivava a instalação de um *cinematographo* no *Theatro* Carlos Gomes, assumindo o compromisso de também trazer e apresentar companhias teatrais. Vigoraria o contrato até 3 de dezembro



Inauguração do Cine-Theatro Carlos Gomes, com o filme "O Homem de Aço", 13 de outubro de 1928.

de 1930, devendo os arrendatários pagar por ano ao Governo a importância de cinco contos e seiscentos mil réis e, no último ano, sete contos e seiscentos mil réis.

Ficava fora do contrato o Salão Nobre, pois nele estava instalado o Departamento de Educação do Estado.

Assim, a 13 de outubro inaugurava-se o Cine-Teatro Carlos Gomes, com o filme "O homem de aço". Pagava-se por uma poltrona 2\$000 (dois mil réis), galeria 1\$500 e geral, 1\$000. Havia dias de sessão grátis.

Como era de praxe nos cinemas de então, a sessão do Cine-Teatro Carlos Gomes começava com o soar de gongos. Enquanto a cortina lentamente se abria, ouvia-se pelos alto-falantes a abertura da ópera "O Guarani". Então, começava a projeção.

Os arrendatários transferiram o contrato para a firma Cavalcanti e Cia., que mantinha consórcio com Carneiro e Cia., do Recife, distribuidor das companhias Serrador, Fox-Film, United Artists, e Universal. Assim, tudo o que havia de melhor no mundo cinematográfico que passasse por Recife, seria trazido a Natal. O público natalense assistiu aos grandes filmes da época: "Os Miseráveis" (em capítulos, projetado em dias diferentes), "Os três mosqueteiros", "Tarzan, o poderoso",



Anúncio do Cine-Theatro Carlos Gomes. A República, 8 maio 1930.



Cine-Theatro Carlos Gomes, 9 de junho de 1931. Início de atividades com "A Parada das Maravilhas". Foto de A República, da mesma data.

com Franck Merrill e Nathalie Kingston, "Rose Marie", com Joan Crawford e James Murray, "O pirata do rio Hudson", com Victor Larynge e Nick Stuart, "Miguel Strogoff", "O ladrão de Bagdá", com Douglas Fairbanks, "A cabana de Pai Thomaz", "O combate", com o caubói Tom Mix.

A 8 de maio de 1930, um acontecimento especial: projetou-se o filme "Volga, Volga", (em 14 atos) a maior super-produção que já veio ao Brasil. Drama passado na Rússia do período revolucionário. *Este filme é cantado, musicado, dançado e sincronizado com a mais seleta coleção de músicas europeias, por uma electrola Victor, a mais reputada do mercado.*¹⁰³ O aparelho sonoro veio do Recife, especialmente para o evento; reproduzia discos cujos diálogos e músicas coincidiam com o que se via na tela.

O contrato foi rescindido a 25 de outubro de 1930, pelo Interventor Federal Irineu Jofelli. O prédio sofrera danos materiais. Durante este período foram apresentados alguns eventos teatrais, conforme consta da Cronologia.

Novo arrendamento se efetuou através do contrato assinado pelo Governo do Estado a 9 de junho de 1931, desta vez com a firma L. Medeiros e Cia., de propriedade de Lauro Cândido de Medeiros. Da mesma forma como do procedimento anterior, o arrendatário se comprometia realizar temporadas teatrais. Um artigo do Contrato previa que *Os arrendatários eram obrigados a destinar a renda de duas sessões anuais para a manutenção do "Leprosário São Francisco de Assis"*.¹⁰⁴ (PIRES, 1980, p. 196-200) Ao invés de quantias pré-fixadas, pagaria uma percentagem sobre o apurado. O Departamento de Educação continuava a ocupar o Salão Nobre. A data de encerramento seria 31 de dezembro de 1935.

O novo Cine-Teatro Carlos Gomes exibiria apenas filmes sonoros, utilizando projetores de sistema Vitaphone-Movietone e equipamentos de som Mellaphone Corporation, que foram expostos na entrada do Teatro, antes da instalação.

Lotação completa na noite de estréia – 9 de julho – para a exibição de "A parada das maravilhas". Como de costume, Banda de Música (do 29º Batalhão de Caçadores) à porta. Presentes autoridades e o interventor Aluísio Moura e família.

Os melhores filmes da época foram exibidos no Cine-Teatro Carlos Gomes e, até mesmo daqueles filmes "só para homens"...

A conclusão do citado contrato foi antecipada para 5 de outubro de 1932, sendo o prédio devolvido sem danos.

Terminava, assim, a história do cinema no Teatro Carlos Gomes.¹⁰⁵

103.

A República, Natal, 8 maio 1930.

104.

Termo de Contrato publicado por Meira Pires em História do Teatro Alberto Maranhão, p. 196-200.

105.

O cinema sonoro foi instalado em Natal primeiramente no Cine São Pedro, no Alecrim (L. Medeiros & Cia.), estreado a 9 de abril de 1931 com o filme "General Crack". O Royal Cinema (Irmãos Cavalcanti & Maia) começou a 26 de maio do mesmo ano; filme de estréia: "Um sonho que viveu".

Em mais duas oportunidades o cinema retornou, de forma diferente, entretanto. Em 1958, o Clube Potiguar de Cinema, fundado por Aldo Medeiros, promoveu no já Teatro Alberto Maranhão o I Festival de Cinema Mudo Americano. No período de 10 a 15 de novembro foram exibidos filmes curtos, do período 1914-1928, quando foi possível rever Harold Lloyd, Charles Chaplin, Tom Mix, Rin-Tim-Tim, Tarzan, John Wayne, Pola Negri e outros.

Detalhe marcante foi a reconstituição do ambiente dos antigos cinemas mudos, com a presença no palco de uma orquestra dirigida por Pedro Duarte (piano), integrada por João de Brito Namorado (violino), Cândido Freire (saxofone) e Jônatas Albuquerque (clarinete).

O êxito da promoção incentivou o Clube Potiguar de Cinema a promover o II Festival de Cinema Mudo Americano, realizado em 1961, no período de 29 a 31 de maio a 2 de junho. Foram exibidos clássicos como “O Corcunda de Notre Dame”, “O águia”, “O pirata negro”, “Tempestade”, “Barulho no rancho”, “Órfãs da tempestade”, “Fábrica de risos”, “O veleiro ianque”, “O general”, “A cidade do pecado”, “O filho do Sheik”, “O médico e o monstro”...

No ano seguinte a SONATA (Sociedade Nacional de Teatro Amador), dirigida por Meira Pires, promoveu o evento “O Teatro através do Cinema”. Entre 10 e 17 de abril de 1962 assistiu-se a filmes baseados em peças teatrais: “Gata em teto de zinco quente”, “Casa de chá do luar de agosto”, “Chá e simpatia”, “A morte do caixeiro-viajante”, “Desejo”, “De repente, no último verão”, “Rosa tatuada”, “A dama das camélias” e “Júlio César”.

FERREIRA ITAJUBÁ, TEATRÓLOGO

Tudo começou no dia 5 de maio de 1907, quando foi encenada no Teatro Carlos Gomes a peça “Um plano de mulher”, de autoria do poeta Ferreira Itajubá,¹⁰⁶ representada pelo ator português J. Paulo, pertencente à Companhia Lírico-Dramática. Na ocasião a Orquestra teve, como sempre acontecia, o seu momento de participação.

O jornal *A REPÚBLICA* (1907), no dia 7, noticiou o fato e brevemente informou que a peça não agradou.

^{106.}
Manoel Virgílio FERREIRA ITAJUBÁ nasceu em Natal, 21/08/1876 e faleceu no Rio de Janeiro, 30/07/1912. Escreveu “Terra Natal” (1914); “Poesias Completas” (contendo “Terra Natal” e “Harmonias do Norte”, 1927 e 1965). Poemas publicados no jornal “O Torpedo”, foram compilados por Claudio Galvão e publicados em 1993, no livro “O Gracioso Ramalhete”.



Ferreira Itajubá, um dos destacados poetas do Rio Grande do Norte, também teve seu momento de teatrólogo. Foto em WANDERLEY, Ezequiel. Poetas do RN, 1922.

Já o *DIÁRIO DO NATAL* (1907), do mesmo dia, foi um pouco mais longe em sua crítica:

[...] a peça muito teria agradado pelo enredo, que encerra uma crítica de costumes, observados com discernimento, se não tivesse sido pessimamente interpretada pelo Sr. J. Paulo, que fez o papel de matuto, personagem mais importante da comédia. O Sr. J. Paulo em nada se identificou com esse personagem e apenas fez, sem verve alguma, repetir a parte, conservando, para cúmulo de seu desastre, o sotaque grosseiro de um português algarvio.

A comédia foi completamente assassinada.

O ator, atingido pela crítica, publicou suas explicações através de *A REPÚBLICA* (1907a) no dia seguinte:

[...] entendeu o Diário do Natal, responsabilizar-me pelo lamentável desastre daquela peça, ao ser ultimamente representada.

Se o novel comediógrafo alcançasse que seu trabalho seria por mim sacrificado, ao conduzir-me no papel de matuto, certo que ele, perspicaz como realmente o é, não me deixaria impingir gatos por lebres quando assistindo o ensaio geral de sua comédia.

Sou o primeiro a deplorar que o jovem bardo não tivesse conquistado os aplausos de seus amigos, conterrâneos e admiradores com o Um plano de mulher. Mas isto quer apenas dizer que naquela noite eu, o público e o Sr. Ferreira Itajubá estávamos de pouca sorte.

Foi, então, a vez do autor entrar na polêmica.

No *DIÁRIO DO NATAL* (1907) de 12 de maio, Ferreira Itajubá responde ao ator. Quanto a haver assistido o ensaio e concordado com tudo, explica:

Pelo referido ensaio, observei, claramente, que o meu trabalho seria sacrificado na representação, visto como o Sr. Paulo, apesar de ser um bom cançonetista e um ator regular, não se conduzia bem (desculpe tanta franqueza, tenha paciência), no difícil papel de matuto. Não se identificava em coisa nenhuma com aquele protagonista.

Explica as razões de não haver comentado nada no ensaio: o público estava avisado, o espetáculo anunciado para o dia seguinte, não querer desgostar o ator e estar apoiado pelas lojas maçônicas da cidade. Assim, declara que estava antecipadamente convicto do insucesso de seu trabalho. Informa, ainda, que falou com muitas pessoas (indica seus nomes) já prevendo o que haveria de suceder.

A continuação da resposta foi publicada na edição do mesmo jornal, no dia 15 de maio. O autor não aceita que o artista tenha assumido o papel a pedido de amigos, que o fez por sua espontânea vontade, mas

[...] aproveitou-se da curiosidade popular e da minha generosidade para solidificar cada vez mais o lastro do seu estado financeiro, pouco se importando com o naufrágio da peça, a responsabilidade do autor e o insucesso do responsável pela representação.

E, para justificar as qualidades de sua peça, o poeta afirma que:

Um Plano de Mulher, fiques sabendo, conta já três representações: duas nesta capital e uma na vizinha cidade de Macaíba: a estréia realizou-se na Sociedade Dramática Ribeiro da Silva, com a presença de cavalheiros distintos, entre os quais posso citar os capitães Augusto Leite e Hermógenes Medeiros e atores da musculatura artística de Matos e Gonçalves Lessa.

A segunda representação efetuou-se no teatro da Sociedade Dramática José de Alencar, cujo desempenho agradou extraordinariamente a todos que assistiram ao espetáculo – do que tenho provas esmagadoras para exibi-las quando as circunstâncias permitirem.

E assim terminou a breve carreira de autor teatral de um dos mais importantes poetas do Estado.



BANQUETES E PRESIDENTES DA REPÚBLICA



Jantar em homenagem ao Presidente Washington Luís, 11 de agosto de 1926. À direita do Presidente, o Governador José Augusto. À sua esquerda, o Dr. Augusto Leopoldo e o Bispo D. José Pereira Alves. Foto João Galvão. Acervo do IHG do RN.

Foto no alto da página. Visita do Presidente Washington Luís, a 11 de agosto de 1926. Na primeira fila, da esquerda para a direita Dr. Nestor Lima, Dr. Emídio Cardoso, Bispo D. José Pereira Alves, Presidente Washington Luís, Governador José Augusto, Dr. Anfilóquio Câmara, José Mariano Pinto e Professor Luís Soares de Araújo. Foto João Galvão. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

Eram modestas as condições da Natal dos inícios do século XX, carente de locais apropriados para a realização de eventos importantes. O Teatro Carlos Gomes e o amplo espaço do seu Salão Nobre ofereciam, a partir de 1912, o ambiente ideal para homenagens a personalidades importantes, por exemplo. A 2 de outubro daquele ano o Governador Alberto Maranhão foi ali homenageado com um banquete, tocando, na ocasião, a Orquestra do TCG sob a regência do Maestro Luigi Maria Smido.

Importante destacar as homenagens prestadas a Presidentes da República, quando em visita a Natal. A 11 de agosto de 1926 o Presidente Washington Luís esteve no TCG e o banquete que lhe foi oferecido aconteceu na platéia.

O outro Presidente da República a visitar o TCG foi Getúlio Vargas: a 12 de setembro de 1933 foi homenageado, também, com um banquete na platéia. Uma grande mesa em forma de M recebeu os convidados. No palco, tocou uma orquestra sob a regência de Paulo Lira. Nos camarotes e frisas, famílias, convidados...

Reabertura do Salão Nobre do TCG,
25 de dezembro de 1954.
Discurso de Meira Pires. Foto de autor
não-identificado. Arquivo do TAM.



O SALÃO NOBRE



Reabertura do Salão Nobre do TCG.
Baile a rigor. Foto de autor não-
identificado. Arquivo do TAM.

A partir de 1912 passou a ser o local preferido para grande número dos mais diversos eventos.

Grande foi o número de banquetes oferecidos a políticos em evidência. Em outro capítulo foram referidos os bailes aristocráticos, realizados em homenagem a pessoas ilustres e, principalmente, nas festividades de reabertura do Teatro após reformas.

Abaixo estão brevemente relacionados alguns dos principais eventos transcorridos no Salão Nobre:

Cursos de música:

*da Eschola de Musica (1908 a 1914);
de Thomaz Babini (1916); de Luigi Maria
Smido (1923); do Instituto de Música Santa
Cecília (1926); do Curso Lírico de Canto (1932);
da Escola de Piano Maurillo Lyra (1939 a 1944);
das Aulas do Curso de Interpretação Musical
Oriano de Almeida (1954 a 1956).*

Aulas da Universidade Popular (1925).

Sede de algumas entidades:

*do Grêmio Dramático Natalense, ali inaugurado
(1943); da Biblioteca Pública Municipal (1948);
da Câmara Municipal (1948); dos serviços de
recenseamento (1950); da Sociedade de Cultura
Musical, sendo ali realizados seus concertos (1953);
do Governo do Estado, instalado por 24 horas
pelo Governador Cortez Pereira, no centenário
de Alberto Maranhão (1972). Em 1957 recebeu
reformas, reabrindo a 28 de julho; em 1968, passou
a se denominar Salão Nobre Segundo Wanderley.*

FESTAS DO MICROFONE (1940)

Com este título, foram apresentados no Teatro Carlos Gomes dois eventos destinados a angariar recursos para montagem da Rádio Educadora de Natal, a primeira estação de rádio do Estado. A primeira “Festa do Microfone” foi realizada a 6 de abril de 1940.

Ao abrirem-se as cortinas, o palco apresentava um cenário que imitava um estúdio de uma estação de rádio; ali, falou o Sr. Carlos Lamas, diretor-técnico da Rádio Educadora de Natal, relatando os passos dados até aquele momento, em busca de seus objetivos.

Uma apresentação de alunos do Curso Waldemar de Almeida deu início à parte musical do programa. Tocaram os alunos: Leda Alves de Melo, Iara Bezerra de Melo, Carlos Tavares, acompanhado por Lygia Bezerra de Melo, Nany e Iara Bezerra de Melo, e um trio composto por Riva Axelband, Carlos Tavares e Nany Bezerra de Melo. Encerrando a primeira parte, Bertha Guilherme cantou uma modinha regional, com acompanhamento de Lygia Bezerra de Melo.

A 2ª parte teve a participação do Aero-Jazz, Pedro Duarte, ao piano, e o acordeonista Jerônimo (Loló) Gomes. A parte de canto esteve a cargo de Susete Amaral com regional, Dulce Pinto com orquestra, Protásio Melo acompanhado pelo Quinteto Blue Star e Etelvina Silva.

O evento comportou ainda uma 3ª parte com músicas populares e o mesmo pessoal, com inclusão de Carlos Tavares. A orquestra teve a direção de Paulo Lira e o Regional estava a cargo de K Ximbinho, em sua primeira apresentação. Como apresentador atuou Josué Silva Jr., ex-locutor da Rádio Tabajara de João Pessoa.

O êxito da primeira promoção estimulou seus organizadores a realizar, a 11 de maio, no mesmo TCG, a 2ª Festa do Microfone.

Sob o comando do mesmo locutor Josué Silva Jr. apresentaram-se: o Aero Jazz, Suzete Amaral, Carlos Tavares (como cantor), dupla caipira Zezé e Bebé (José Coelho e Abelardo Botelho), Etelvina Silva, Protásio Melo, Lucinha Pinto, Elza Dantas, Zezé Gomes, Rubens Cristino e um trio vocal (Protásio Melo, Carlos Tavares e Waldemar), Jerônimo (Loló) Gomes e sua sanfona e o pianista Pedro Duarte. O regional estava sob a direção de K-Ximbinho.

A 3ª Festa do Microfone foi realizada no Cinema Rex.

Nesta memória das atividades do TCG, destaque-se esta contribuição para o início da radiofonia no Rio Grande do Norte.

O TEATRO CARLOS GOMES E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.

A partir de 1942 a vida em Natal sofreu grandes modificações, como consequência da 2ª Guerra Mundial. Naquele ano, o Presidente da República criava a Base Aérea de Natal, a 2 de março, seguindo-se a construção e implantação da mesma com a presença maciça de militares americanos na cidade, que passou a conviver com blecautes, sirenes, holofotes, aviões, abrigos antiaéreos, racionamento de combustível, medo e insegurança. Com a entrada do Brasil na guerra, a 31 de agosto oficializava-se uma situação já antecipada pela população natalense.

O TCG, ponto convergente dos grandes acontecimentos da cidade, teve em suas dependências momentos de grande importância durante o transcorrer da guerra.

O primeiro fato registrado neste ambiente deu-se a 21 de fevereiro de 1942, quando ali se realizou a solenidade de fundação do Curso de Enfermeiras do Hospital Militar.¹⁰⁷

A 5 de março, verificou-se a sessão de fundação da filial da Cruz Vermelha do Brasil. A 17, no mesmo Teatro, a primeira sessão da instituição, presente o Interventor Federal¹⁰⁸ Aldo Fernandes e o General Cordeiro de Farias.

A primeira turma de enfermeiros do Hospital Militar, num total de 130 alunos, teve sessão solene de diplomação a 25 de abril. Presença de autoridades, do Interventor Aldo Fernandes e do General Estevão Leitão de Carvalho, inspetor do 1º Grupo da Região Militar.

A 10 de maio o Conjunto Teatral Potiguar homenageou os Estados Unidos com um ato de variedades, do qual participaram o Jazz Carlos Gomes dirigido por Napoleão Picado, e os cantores José Coelho, Ana Cunha, Ubaldo Lima, Rubens Cristino e Elza Portela. Galvão Filho e Gil Barbosa apresentaram solos ao violão. Dedicado ao Vice-Cônsul dos Estados Unidos Harold Sims e Forças Armadas norte-americanas presentes em Natal.

O início das aulas da segunda turma de enfermeiros deu-se a 21 de maio, estando presentes no recinto do Teatro os médicos Luís Antônio, Onofre Lopes, Armando China (Diretor da Saúde Pública), José Tavares e o Diretor do Hospital Militar e diretor do curso, Capitão Aníbal Medina de Azevedo. A solenidade de diplomação foi realizada a 24 de agosto.

A 8 de julho, os cantores Ciro Monteiro e Odete Amaral apresentaram-se no TCG. Um folheto de propaganda bilíngüe, português-inglês, convidava: *Haloo! Haloo! America. The greats "Samba" singers in this country (SIC – Hello?)*.

107.
O Hospital Militar se localizava no prédio da atual Maternidade Escola Januário Cicco.

108.
A partir de 1930 até a redemocratização do País, os Estados eram governados por Interventores Federais, nomeados pelo Presidente da República Getúlio Vargas.

A primeira encenação abordando o tema da guerra se verificou quando, a 15 de junho (com reprises a 19 e 20), o Conjunto Teatral Potiguar apresentou “A Enfermeira”, peça escrita por Sandoval Wanderley: homenageava o General Cordeiro de Farias, o Almirante Ary Parreiras e o Capitão Dr. Aníbal Medina de Azevedo, sendo 50% da renda revertidos em favor da Cruz Vermelha de Natal.

No mês de setembro, solenidade de sorteio militar, com a presença de autoridades civis e militares.

Em decreto de 19 de fevereiro de 1942, o Presidente Getúlio Vargas determinou o treinamento para defesa das cidades. Em Natal, a partir de 14 outubro – sempre no TCG – foram realizadas muitas reuniões da Diretoria Regional do Serviço de Defesa Passiva Antiaérea, registradas até 22 de janeiro de 1943. O secretário da instituição era o escritor Luís da Câmara Cascudo.

Iniciando 1943, o Grêmio Dramático de Natal encenou “Quinta-Coluna”,¹⁰⁹ de Sandoval Wanderley, com espetáculos a 1, 2, 3 e 7 de fevereiro.

Em março, dia 4, o TCG acolheu a “Festa da Harmonia”, em benefício do Hospital da Cruz Vermelha, de Natal. Na ocasião, apresentou-se a Orquestra da Rádio Educadora de Natal (futura Rádio Poti), regida pelo Maestro Maurillo Lyra. Ouviu-se a cantora Alba Azevedo que, à frente de um coro de enfermeiras, interpretou a “Canção da Enfermeira”, música de Garibaldi Romano e poema de Palmira Wanderley.

A 10 de novembro, o Conjunto Teatral Potiguar reapresentou “Quinta-Coluna”, de Sandoval Wanderley, repetindo o êxito das primeiras encenações. No mesmo mês, estreava a Companhia “Raul Roulien e seu Teatro de Guerra”. Fundado para divertir e instruir os combatentes do Brasil,¹¹⁰ entre suas apresentações destaca-se a que se realizou na ilha de Fernando Noronha, para os militares ali destacados. Despediu-se em dezembro.

Para encerrar o ano, um momento muito especial vivido no palco do TCG. Norte-americanos integrantes do Comitê de Relações Públicas do United States Office (USO), organizaram e apresentaram no dia 20 de dezembro, o evento *Christmas Musical*, procurando mostrar à cidade de Natal como se comemora o Natal nos Estados Unidos.

O espetáculo constou de vários números musicais, quando foram ouvidos os pianistas, Sargento Licht e o Marinheiro Boosle, que tocaram Tchaikovsky, Chopin, Beethoven, Grifes, Debussy e Lecuona. Miss Paula Hoover, como bailarina, foi apreciada em uma peça de Tchaikovsky

109.
Durante a guerra,
eram apodados de “quinta-colunas”
aqueles que colaborassem
com o inimigo.

110.
Diário de Natal, 1 dez. 1943.

e no “Clair de Lune”, de Debussy. Em seguida, G. E. Standley, ao violino, executou a “Italian Serenade”, de Silvestri, o “Schön Rosmarin” (Fritz Kreisler) e a “Ave-Maria”, de Bach-Gounod. O espetáculo terminou com a apresentação de um coro, que cantou “Silent Nigth”, “Joy to the world”, “Cantique de Noël” e “Come all ye faithfull”.

Só faltou nevar em Natal, naquela noite...

O ano de 1944 teve como primeira atividade relacionada com a guerra no TCG, a conferência do Major-aviador inglês Richard Anthony Wellington. A 13 de janeiro, os natalenses escutaram em português o relato de um militar, chefe de uma esquadrilha da Royal Air Force, que havia participado de 60 bombardeios na Alemanha.

A 28 de mesmo mês, a Liga de Defesa Nacional, em colaboração com o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), promoveu uma concentração contra o nazi-fascismo, no 2º aniversário do rompimento do Brasil com as chamadas nações do “Eixo”. Falaram o Tenente-coronel Edgar Bauxbaum, Lourenço Branco, os natalenses Cícero Mendonça, Eider Furtado e Djalma Maranhão.

A 18 de abril realizou-se uma conferência a cargo do Capitão Ivo Macedo.

Um grande evento foi a instalação do Clube Militar, a 3 de maio. A solenidade aclamou, como Presidente de Honra, o Almirante Ary Parreiras, e como Presidente, o Coronel Nilo Sucupira.

Em seguida, o público presente ao TCG ouviu a Banda de Música do 16º Regimento de Infantaria (Abertura de “O Guarani”, de Carlos Gomes), “Minueto” (Waldemar de Almeida) e “Minha Terra” (Waldemar Henrique), cantado por Alba Azevedo, acompanhada ao piano por Garibaldi Romano. Apresentou-se, ainda, um conjunto de soldados com a canção patriótica “Terra, Mar e Ar”, (aspirante Antônio Vieira). Encerrando a apresentação, Palmira Wanderley declamou um poema patriótico, de sua autoria.

Os militares americanos retribuíaam as homenagens brasileiras. A 30 de agosto, show promovido pelo United States Office (USO), com artistas vindos do Rio de Janeiro.

Por sua vez, os militares americanos homenagearam o Exército Brasileiro, a 26 de novembro, com o “Show Brasil”. A direção do espetáculo esteve a cargo de Hall Blum, participando Ema Voght (cantora), Geraldine Pike (dançarina), Carlitos (acordeonista), Henri Salvador (cantor e humorista) e Bob Brownley (ilusionista). Além do TCG, o show foi levado a vários locais militares.

Promovido pela Liga de Defesa Nacional e em benefício da “Campanha da Meia de Lã do Expedicionário”, o Grêmio Dramático de Natal encenou, a 19 de dezembro, “O destino de cada um”, de Clementino Junior.

Muitos shows eram apresentados e homenagens feitas, em várias localidades da cidade. Mais espetáculos do United States Office (USO) foram dedicados por artistas americanos aos militares brasileiros. Deixam de ser comentados por serem numerosos e por não oferecerem maiores destaques.

No começo de 1945, foi a vez dos brasileiros homenagearem os militares americanos no TCG. A 11 de janeiro, o Departamento Feminino da Comissão de Esforço de Guerra da Liga de Defesa Nacional levou grande público ao Teatro, que aplaudiu Palmira Wanderley (declamação), os cantores Terezinha e Jacinto Maia, Lourdinha Maciel, Zélia Amorim, Ubaldo Lima, Maria Isabel Noronha, Marisete Oliveira, Glorinha Oliveira, Hianto de Almeida, Vocalistas Tropicais e o Jazz de Paulo Lira. Participaram, ainda, Zé Praxedi (poeta sertanejo), João Galvão Filho (violonista), Luis Siqueira, José Aguinaldo e os locutores Genar Wanderley e Jaime Queiroz.

Outra homenagem de um grupo de artistas americanos é realizada a 29 de abril de 1945, dedicada aos soldados brasileiros.

Com a queda de Berlim, o fim da guerra e a vitória dos aliados tornaram-se mais próximas. Em Natal foi celebrada uma missa campal na Praça Pio X¹¹¹, pelo Monsenhor João da Mata Paiva. Depois, foram visitados os túmulos dos soldados americanos no Cemitério do Alecrim. À noite, sessão solene no TCG, ouvindo-se discursos de Murilo Melo Filho, Alvamar Furtado e outros.

Em seguida, deu-se a rendição da Alemanha, ocorrida a 8 de maio. No dia 10, no TCG, sessão solene, ouvindo-se oradores e musicistas. Entre cada discurso, pianistas da cidade tocaram os hinos nacionais dos países vencedores: Lygia Bezerra de Melo (“Fantasia sobre o Hino Nacional Brasileiro”, de Gottschalk), Moisés Roiz (“Hino Nacional Polonês”), Ethel Mandel (“Estados Unidos”), Célia Pereira (“Inglaterra”), Iara Bezerra (“França”). A Banda de Música da Polícia Militar finalizou, com o “Hino Nacional Brasileiro”. O Maestro Waldemar de Almeida, organizador do evento, não incluiu o hino russo alegando não possuir a partitura do mesmo...

O último fato a ser registrado neste levantamento de eventos realizados no TCG, é a apresentação da peça

^{111.} Praça onde foi construída a nova Catedral de Natal.

de Segundo Wanderley “Amor e Ciúme”, encenada pelo Conjunto Teatral Potiguar a 22 de maio, comemorando a vitória das Nações Unidas.

Ainda duas homenagens dos americanos ao Exército Brasileiro, ambas promovidas pelo United States Office (USO): a 15 de julho e a 18 de agosto.

BAILES

Além dos rotineiros espetáculos de teatro e música – e, também, os literários – o Teatro Carlos Gomes teve seu recinto utilizado para a realização de bailes e festas diversas. Tudo começou em 1912, logo após a reinauguração do prédio quando, a 2 de outubro, homenageou-se o Governador Alberto Maranhão com um banquete seguido de baile, no Salão Nobre.

A partir daí, tornaram-se habituais essas homenagens, em sua maioria de caráter político.

Em fevereiro de 1927, abriu-se nova perspectiva quando o Diretor Alcides Cicco iniciou a realização de bailes carnavalescos. No ano seguinte, não houve bailes e, em setembro, o teatro foi arrendado e transformado em um cinema. Terminando o arrendamento em outubro de 1932, um ano depois as portas eram abertas ao público para os bailes de carnaval, dias 26 a 28 de fevereiro.

O Diretor Alcides Cicco, boêmio e carnavalesco, adotou uma forma especial para realizar bailes no Teatro: desmontavam-se e eram retiradas as cadeiras da platéia, onde se instalava um grande tablado, tornando o piso nivelado e permitindo dançar-se comodamente. No palco, tocava a orquestra. No interior, venda de bebidas e lanches. No salão, muita animação, confetes, serpentinas e lança-perfumes, não-proibidos e vendidos livremente. Em muitos momentos brincavam foliões trajados a rigor.

Além da abertura do Teatro para o grande público, os bailes traziam alguma arrecadação de recursos pela cobrança de entrada que, certamente, em muito ajudavam nas despesas da administração.

Matéria de um recorte de jornal, sem data, encontrado no arquivo do TAM, justifica a realização de bailes em dias

feriados, com a finalidade de proporcionar aos modestos funcionários do comércio, operários, soldados, marinheiros, que não podem freqüentar os salões chiques nem se associar a clubes recreativos. E esclarece que os mesmos obedecem à orientação de comissões e a autorização das autoridades.¹¹²

Além dos bailes de carnaval, foram ainda realizadas festas juninas, como o “Baile na Roça” e o “Baile do Chitão”, a 20 e 28 de junho de 1936. Como curiosidade, destaque-se o “Sorvete Dançante”, promovido pelo Santa Cruz Futebol Clube, campeão de 1943, realizado a 3 de fevereiro de 1944 e um baile em homenagem ao aniversário do Diretor do Teatro, Alcides Cicco (27 de junho de 1942).

Em 1942 aconteceram sete bailes de carnaval!

Em 1952 passaram a ser denominados bailes populares. O Teatro muito ganhava em popularidade, mas ao que se comenta, o nível social dos freqüentadores havia descido, caindo, em conseqüência, o nível moral dos eventos.

Assim, um dos primeiros atos do Diretor Meira Pires, quando assumiu a função de Delegado do Serviço Nacional de Teatro em Natal, foi proibir a realização de bailes no interior do teatro.

A imprensa aplaudiu a medida. Ficaram as exceções para os bailes solenes, realizados no Salão Nobre, como os que se realizaram no ano do cinquentenário – 1954; o primeiro, na abertura dos festejos, no dia 24 de março e o segundo, na solenidade de encerramento, no dia 25 de dezembro.

Todos trajados a rigor...

112.
Recorte de jornal
não-identificado
localizado nos livros
de assentamentos
do TAM

O THEATRO FOI RINGUE DE LUTAS

A falta de locais apropriados para certas apresentações públicas decerto levou o TCG a ceder seu palco para estranhas atividades, como a realização de lutas.

Assim aconteceu pela primeira a 12 de junho de 1909, quando se apresentou o lutador Abdul Aziz, cognominado “o leão beduíno”. Na primeira parte do espetáculo, o lutador fez demonstrações de força. Na segunda parte, mostraria suas qualidades de lutador enfrentando *um valente riograndense*. Esta parte não causou muita satisfação ao público, pois *Abdul Aziz não estava diante de um adversário que lhe pudesse oferecer a menor resistência de modo que, em dois minutos, a luta estava terminada.*, assim redigiu o Diretor Alcides Cicco, no livro de assentamentos do TCG.

Em 13 de agosto de 1933, o campeão brasileiro de luta greco-romana José Floriano Peixoto, desafiado, lutou contra o americano Mr. Williams. A platéia estava literalmente lotada. Na preliminar, assistiu-se a uma luta romana e duas de boxe, com atletas locais. A luta durou apenas onze minutos. O brasileiro, *apesar de sua idade já um pouco avançada*,¹¹³ sagrou-se vencedor.

A última luta apresentada no palco do TCG foi realizada pelos pugilistas Ascendino Holanda, campeão do Pará, e Djalma Maranhão, desportista natalense.

*Maranhão, apesar de estes últimos meses encontrar-se afastado do ringue, é um pugilista de classe, com longo tirocínio nos ringues do sul do País, principalmente Minas e São Paulo, onde realizou inúmeras lutas. O campeão natalense possui resistência, tendo um soco forte, principalmente o “direto” de esquerda, que é o seu predileto.*¹¹⁴

Na noite de sábado, 26 de agosto de 1939, grande público compareceu ao TCG na expectativa de presenciar uma demonstração de esportividade. Iniciada a luta, os contendores pareciam, desde o início, tentar decidir tudo rapidamente, apelando para a violência. No 2º *round*, Ascendino aplicou seguidos golpes faltosos. Maranhão revidou e o esporte do boxe se transformou em briga pessoal, evoluindo para a luta livre. Foi preciso a Polícia intervir para acalmar os ânimos. No 5º *round*, entretanto, a violência recomeçou no palco, contaminando os empresários dos lutadores, que transformaram a platéia em um ringue paralelo. Então, nada mais restou às autoridades que suspender a luta.

Em 1939, o lutador conterrâneo tinha apenas 23 anos e poderia parecer um irresponsável recém saído da adolescência, havia participado da Revolução Paulista de 1932, exercera o jornalismo no Rio de Janeiro, trabalhava como repórter e revisor no jornal A República e, desde 1938 editava o jornal “O Atleta”. Em setembro daquele ano, fundaria, com outros, o jornal “O Diário”.

113.
A República, Natal,
13 ago. 1933.

114.
A República,
26 ago. 1939.

Melhor mesmo para Natal foi que deixasse a luta de boxe para se dedicar à luta política.

...ou, pelo menos, “campus universitário”, local onde se realizaram as aulas da Universidade Popular. A 1º de maio de 1925, em solenidade concernente ao Dia do Trabalho, o Presidente do Estado (Governador) José Augusto Bezerra de Medeiros fundou a Universidade Popular do Rio Grande do Norte, em solenidade no Teatro Carlos Gomes. Na ocasião, ouviu-se a palestra do Bispo de Natal, D. José Pereira Alves, que abordou o tema do trabalho, considerando-se esta a primeira aula da instituição. A 13 de maio, o Dr. Manoel Onofre ministrou a 2ª aula, que teve como tema “O movimento operário”. O primeiro “semestre universitário” continuou com a 3ª aula (12 de junho), quando o Dr. Adauto Câmara falou sobre “A regulamentação do trabalho”, e concluiu a 6 de julho (4ª aula). O próprio José Augusto abordou o tema: “A educação operária”.

Iniciou-se o segundo semestre a 10 de agosto; o Dr. Alfredo Lira foi o responsável pela 5ª aula: “Alcoolismo”.

A 6ª aula foi apresentada a 12 de outubro e ministrada pelo Dr. Francisco de Albuquerque sobre o tema “Proteção e Assistência a Menores”.

A Universidade Popular do RN, que teve a vida breve de oito meses, terminou suas atividades com a 7ª aula (2 de dezembro), a cargo do Dr. Deoclécio Duarte abordando a “Influência do Passado, Importância da Educação Moral e o Valor do Cooperativismo na Vida dos Povos”.

Vinte e três anos depois, em 1948, foi a vez de Luís da Câmara Cascudo criar uma outra Universidade Popular, instalada no dia 1º de maio no Instituto Histórico e Geográfico, onde se verificaram quase todas as aulas. A 18ª aula, entretanto, foi ministrada a 6 de outubro pelo Maestro Waldemar de Almeida, que falou no Salão Nobre Alberto Maranhão do TCG sobre “Canto-coral”, abordando a história e o valor educativo dos conjuntos orfeônicos. Na ocasião apresentou-se, ilustrando o evento, um orfeão formado por professoras que participavam de um Curso de Aperfeiçoamento, ministrado pelo Departamento de Educação.

PRIMEIRA
EXPOSIÇÃO
DE ARTES
PLÁSTICAS.

A considerar a informação do jornal A República (24 de setembro de 1933), foi no Salão Nobre do Teatro Carlos Gomes, a *primeira Exposição de Pintura e Escultura que se realiza no Estado*. Inaugurada no dia 7, permaneceu aberta até 14 do mesmo mês.

No dia 23, reuniu-se no Salão Nobre a comissão designada pelo Interventor Federal para julgamento e premiação dos trabalhos expostos. Era composta por Luís da Câmara Cascudo, Eileen Baird, Alice Carrilho, pintor José Militão Pastich e Cristina Roselli. A comissão resolveu não incluir nos primeiros prêmios as telas de cópias. Decidiu, ainda, que ficassem em segundo plano os quadros pintados com auxílio de fotografias. Como resultado, foi considerado como 1º prêmio de escultura: “O Trabalhador”, de Hostílio Dantas. Quanto às obras de pintura, obteve o 1º prêmio: “Vista do Rio de Janeiro”, de Murilo la Greca; o 2º prêmio foi atribuído a Manoel de Moura Rabelo, com a tela “Padre João Maria entre os humildes”.

FESTIVAIS

Desde o início de suas atividades o *Theatro* Carlos Gomes-Alberto Maranhão vem abrigando em seu interior as mais diversas manifestações culturais. As mais antigas são os “festivais”.

Na época, a palavra parecia mais designar atos em benefício de pessoas ou instituições, constando de apresentações artísticas, musicais, literárias, declamação, encenações.

A primeira vez foi um evento beneficente, a 5 de agosto de 1905: um festival musical em auxílio aos variolosos da cidade, promovido pela pianista Maria de Castro Barcellos e suas alunas, conforme exposto em capítulo anterior.

Com o passar do tempo, passou a caracterizar eventos culturais específicos, principalmente os festivais de teatro e música.

O I Festival Nortista de Teatro Amador, realizado no período de 10 a 18 de setembro de 1955, deu início a uma série de outros semelhantes. Comemorava-se a reabertura do Teatro Carlos Gomes, após novo período de reformas. Estiveram presentes: Teatro do Estudante da Associação Potiguar de Estudantes, de Amadores de Natal, Escola do Ceará, do Estudante da Paraíba, de Amadores de Pernambuco, de Amadores de Maceió, de Cultura da Bahia e Grêmio Dramático Familiar da Bahia.

Em 1956 e 1958, o historiador Luís da Câmara Cascudo promoveu festivais de folclore, com palestras e apresentações.

O I Festival Nortista de Amadores do Autor Teatral Brasileiro foi realizado nas festividades de aniversário do TAM em 1960 (25 de março a 4 de abril) e na ocasião de sua reabertura, após outra reforma. Participaram o Teatro de Amadores de Natal, Os Dionysios, de Maceió, Teatro

Universitário de Pernambuco, Associação Teatral de Alagoas, Teatro de Estudantes da Paraíba, Teatro de Estudantes Amadores de Mossoró e o Teatro de Cultura da Bahia.

No período de 6 a 11 de maio de 1963, realizou-se o I Festival de Amador do Autor Teatral Potiguar. As encenações estiveram a cargo do Teatro Experimental de Amadores, Teatro de Amadores de Natal e do Clube dos Sete.

Em 1965 (12 a 18 de agosto), foi a vez do Festival de Música, organizado pela Superintendência de Turismo do Estado. Apresentaram-se a pianista Magdalena Tagliaferro, a cantora Blanca Bouças, o violoncelista Jacques Ripoché e o pianista Oriano de Almeida, acompanhado pela Orquestra Sinfônica do Recife.

E seguiram-se outros eventos: I Festival de Música Popular (26 a 28 de janeiro de 1968), I Festival da Canção Potiguar (7 a 10 de janeiro de 1971), III Festival de Cultura Universitária (4 a 7 de setembro de 1972), I Festival Estadual de Teatro Amador (9 a 17 de novembro de 1984). Compareceram grupos de várias cidades do Estado: Grupo Fantasy (Natal), Ponto de Partida (Natal), Grupo Nós, por Exemplo (Natal), Grupo de Teatro Fênix (Currais Novos), Grupo Liberdade (Macaíba), Teatro Maria Cardoso - CSU (Castelo Branco - Caicó), Grupo Juventude em Renovação (Vera Cruz), Grupo de Artes Cheiro da Terra a Luz do Sol CSU - (Martins), Teatro União (São Gonçalo do Amarante) e Grupo de Teatro Manacá (Natal).

Várias foram as apresentações do Festival de Música do Industriário.

Um Festival de Bossa Nova, com artistas locais e convidados, teve lugar entre 28 de setembro e 1º de outubro de 1995; no mesmo ano e mês, dias 3 a 5, III Festival Nacional de Arte Sem Barreiras.

1997 foi o ano do Natal Festival de Teatro (24 a 28 de setembro).

Outro evento de grande porte foi o I Festival Internacional de Música de (18 a 2 de setembro de 1998).

No período de 14 e 15 de outubro de 2001, realizou-se o I FESTINAT – 1º Festival Petrobrás de Teatro Infantil de Natal.

No ano de 2002, o TAM ofereceu espaço para dois eventos: II Festival Nacional de Teatro de Natal (2 a 13 de agosto) e III Festival Petrobrás de Teatro Infantil de Natal (15 a 17 de novembro).

INCÊNDIO

Até um princípio de incêndio aconteceu no TAM. A Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura, cujo titular era o teatrólogo Sandoval Wanderley, tinha a sua Filmoteca ali instalada no 1º andar. O princípio de incêndio ocorreu a 1º de setembro de 1951, sendo logo debelado. Nada aconteceu com o prédio, apenas ficando manchadas algumas paredes.

O Prefeito Olavo João Galvão, em Portaria do dia 6 daquele mês, recomendou a transferência das instalações. O Diretor Sandoval Wanderley transferiu a filmoteca no dia 11, para o pavimento térreo.

UM SUSTO

Na noite do domingo, 23 de novembro de 1935, a primeira turma de Contabilistas do Colégio Santo Antônio deveria receber seus diplomas. Preparou-se uma bela festa a se desenrolar no palco do TCG. Estavam presentes, além dos familiares dos formandos, diretores e professores do Colégio Marista, e mais autoridades, como o Chefe de Gabinete do Governador, Prefeito da cidade, Presidente da Assembléia Legislativa, Diretor de “A República” e outros.

O Governador Rafael Fernandes iniciava a solenidade quando se ouviram disparos de tiros. As pessoas que estavam na platéia começaram a se inquietar e se retirar.

O Governador tentou restabelecer a calma, mas a ansiedade decerto já se apoderava também dos que estavam no palco.

Avisados de que se tratava de um levante do 21º Batalhão Caçadores (unidade do Exército, que se sediava no quartel onde atualmente se encontra o Colégio Winston Churchill), decidiram as autoridades dar por encerrada a sessão e procuraram refúgio nas sedes dos Consulados da Itália e Chile.

Na verdade, iniciava-se um levante comunista que duraria até o dia 27, com lamentável repercussão e desastrosas conseqüências.

É bem provável que, na noite de 23 de novembro de 1935, tenha ocorrido no interior do TCG o maior susto coletivo do Estado...

INUNDAÇÕES E ALAGAMENTOS

Um dos maiores motivos para críticas da oposição política na época da construção do Teatro Carlos Gomes, foi a escolha do local, anteriormente referido. Além da facilidade de alagamento pelas marés, havia a situação física: o edifício estava sendo construído em uma depressão onde se acumulavam as águas das chuvas que escorriam das partes altas da cidade.

A mensagem do Governador Alberto Maranhão, ao passar o Governo ao seu substituto, recomendava a *drenagem e ajardinamento da Praça Augusto Severo*, conforme já comentado.

Alagamentos de maior ou menor extensão continuaram ocorrendo, como nos anos de 1934 e 1951. O teatro era sempre o grande atingido em cada invernada: danificava-se o prédio e pertences, prejudicava-se o seu funcionamento.

Em 5 de fevereiro de 1945, informava o jornal “O Diário”:

E hoje, logo ao amanhecer, um aguaceiro pesado desabou, escurecendo o “mundo”. Pelas ruas, formaram-se rios caudalosos, interrompendo o trânsito. Na Ribeira, principalmente na Praça Augusto Severo, a água cobria as calçadas, entrando nos prédios de soleira baixa.

Não há referência ao Teatro, mas decerto foi atingido pelas águas.

Tentativas de resolução do problema foram realizadas, como a elevação da calçada do prédio.¹¹⁵

O serviço tido como definitivo deveria compreender ampla drenagem, que atingiria atingir não somente a Praça Augusto Severo, mas muitas ruas da parte alta. Iniciou-se com um projeto elaborado em 1976, na gestão do Prefeito Vauban Faria: previa um convênio com o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS), viabilizado por verbas do Ministério do Interior, do Tesouro do Estado e da Prefeitura de Natal, executados pelo escritório do DNOS, sob a direção do Engenheiro Geraldo Pinho Pessoa.

Durante seis anos trabalhou-se com afinco. Ruas da Cidade Alta receberam o devido tratamento para implantação do necessário serviço de esgotamento. 5 759 galerias e outros procedimentos técnicos foram concluídos em março de 1983, permitindo a inauguração da obra no dia 15, com muita festa, palanque e presença de autoridades e do representante do Ministro do Interior.

115.

Durante a gestão do Prefeito Marcos Formiga.

Alagamentos; chuvas de 5 de abril de 1992; interior do TAM. Foto de autor não-identificado. Arquivo do Diário de Natal.



Alagamento da Praça Augusto Severo, em decorrência das chuvas de 5 de abril de 1992. Foto de autor não-identificado. Arquivo do Diário de Natal.

Após a execução dos serviços, responsáveis técnicos advertiram para a necessidade de manutenção das galerias, prevenindo para um provável entupimento por lixo acumulado.

Aconteceu na madrugada de 4 para 5 de abril de 1992: pesadas chuvas caíram sobre a cidade e, pela manhã, verificou-se que as águas haviam invadido o recinto do Teatro.

No interior de prédio, em sua parte mais baixa, a água chegou a um metro de altura, atingindo as poltronas e o madeirame do palco. Alcançou os cinco camarins, a subestação de energia, um dos compressores da central de ar-condicionado e caixas de som. O pátio interno e o recinto da platéia ficaram cheios de lama, ocasionando perda total dos carpetes. Foram verificadas infiltrações no teto das galerias e danificações em parte do forro de gesso.

O Corpo de Bombeiros efetuou a sucção da água com bomba e mangotes; funcionários participaram ativamente na remoção da sujeira que se acumulou no interior do prédio. Foi necessário proceder-se a uma desinfecção posterior.

Considerando-se que havia chovido em volume maior na semana anterior e nada de anormal havia acontecido, evidenciou-se que o problema havia sido causado por entupimento das galerias pluviais, que ficaram obstruídas com o lixo arrastado das partes altas da cidade.

A MUDANÇA DE NOME (1957)

O teatro inaugurado em 1904 tinha seu nome homenageando o compositor Carlos Gomes, falecido havia pouco tempo (1896), alvo de consagração nacional e reconhecimento na Europa. Durante toda a vida política de Alberto Maranhão não se cogitou de nenhuma mudança, visto que o mesmo Governador autorizara e mantinha tal escolha.

Com o passar do tempo, começou a se evidenciar o fato de que a maior obra de Alberto Maranhão não homenageava um coestaduano e, após o 1º de fevereiro de 1944, quando de seu falecimento, cresceu mais ainda a sensação de que deveria ter uma maior honraria.

Já em 1954, na Revista do Cinquentenário, o Professor Clementino Câmara escrevia: *O Teatro Carlos Gomes, que com mais justiça deveria ter no seu frontão o nome de Alberto Maranhão, como justo preito de gratidão pelo que fez à terra [...]*¹¹⁶

Não há dúvida de que o início do movimento se deveu ao Diretor Meira Pires, concretizado pela proposta apresentada ao Vereador Luís de Barros, Presidente da Câmara de Municipal de Natal.

A notícia repercutiu pela cidade, criando grupos de insatisfeitos e favoráveis, e agitando os jornais locais.

Entre os jornalistas desfavoráveis estava Berilo Wanderley, que achava redundância o Salão Nobre e o Teatro terem o mesmo nome. Veríssimo de Melo fez pesquisa de opinião, entrevistando pessoas de destaque na cidade. Luís Maranhão Filho (1957, 1957a) publicou: *Ao Palácio e não ao Teatro o nome de Alberto Maranhão*, no

116.
CÂMARA, Clementino.
Perfil de um homem.
Revista do Cinquentenário,
Natal, mar. 1954, [p. 31].
Edição comemorativa do
cinquentenário do TCG,
distribuída gratuitamente.

dia 19 de agosto no DIÁRIO DE NATAL, e *Injustiça a Carlos Gomes* no dia 20 de agosto, no O POTI.

O maior argumento dos descontentes era que o próprio Alberto Maranhão teria escolhido o nome de Carlos Gomes. Em artigo sob título *Não foi Alberto Maranhão quem escolheu o nome de Carlos Gomes para o nosso Teatro*, publicado em O POTI de 20 de agosto (PIRES, 1957) destrói tal afirmação ao transcrever um trecho do jornal A REPÚBLICA, de 30 de março de 1898:

Theatro Carlos Gomes – Sabemos que o exmo. Governador do Estado (na ocasião, Joaquim Ferreira Chaves) escolheu para designar o novo teatro, cuja edificação começará por estes poucos dias, o nome glorioso no mundo das artes, do genial autor do Guarani, da Fosca e dessas outras esplêndidas e majestosas óperas brasileiras, as quais conhecem e aplaudem todas as platéias dos grandes centros civilizados.

A escolha do nome havia sido de Ferreira Chaves e não de Alberto Maranhão.

A 21 de agosto de 1954, o escritor Gumercindo Saraiva ainda protestava pelo Jornal do Comércio: *O povo de Natal contra a Câmara de Vereadores*. A 22 o *Diário de Natal* (1954a) publicou opiniões – prós e contras – de figuras ilustres da cidade.

De nada adiantaram os protestos: a 23 era sancionada a Lei n. 744: *Denomina “Alberto Maranhão” o atual Teatro Carlos Gomes, pertencente a este município. Djalma Maranhão, Prefeito.*

A ORQUESTRA SINFÔNICA DO RIO GRANDE DO NORTE

A inexistência de uma orquestra, como complemento das atividades do TAM era sentida por todos e, mais ainda, pelo Diretor Meira Pires.

O passo concreto para a organização de uma orquestra seria a criação da Divisão Musical do TAM, definido em agosto de 1961. Inicialmente seria um quinteto: dois violinos, um clarinete, um contrabaixo e piano; foram feitos contatos com o musicista Jônatas Albuquerque objetivando recrutar os futuros integrantes do conjunto. Contatos seriam manti-

dos com o Teatro Municipal do Rio de Janeiro na tentativa de contratar um regente.

Na ocasião, o Instituto de Música do RN atravessava mais um período de dificuldades, não tendo condições de oferecer musicistas de entre seus professores e alunos. O pesquisador Gumercindo Saraiva, Presidente da Regional da Ordem dos Músicos do Brasil e Diretor do Conservatório de Música do RN, escreveu:

Fomos convidados a colaborar na formação de uma orquestra para a casa de AM. Imediatamente procurei um pioneiro nesse setor para que entrássemos em ação, junto aos elementos que nos ajudariam a concretizar o notável acontecimento artístico. Esse pioneiro, o acadêmico Claudio Galvão, secretário do Conservatório de Música, já manteve vários contatos com seus colegas, mostrando-nos um plano para ser entregue ao Diretor do Teatro.¹¹⁷

No mesmo artigo, lembrava nomes:

E nós, ao lado de Claudio Galvão, Luiz Marinho, Avelino Costa, João B. Namorado, Milton Wanderley, Antônio Moraes, Laércio Vilaça, Herculano Lopes, Cândido Freire e tantos outros [...]

Uma proposta, encaminhada ao Superintendente, sugeria o contrato de um regente em um centro maior, indicava medidas administrativas, propunha uma modesta orquestra composta por vinte componentes e recomendava:

[...] desenvolver todos os esforços para que este conjunto de amadores seja acrescido de professores vindos de cidades mais adiantadas, pois só desta maneira poder-se-á formar uma orquestra completa e digna da casa e do nome de Alberto Maranhão.¹¹⁸

117

SARAIVA, Gumercindo. *A orquestra do Teatro*. Jornal do Comércio, Natal, 8 ago. 1961.

118.

Correspondência pessoal de Gumercindo Saraiva ao Superintendente do TAM. Arquivo do autor.

Mais uma vez, nada se pôde fazer de concreto.

Em fevereiro de 1975, estive em Natal o Maestro José Siqueira, Ex-Presidente da Ordem dos Músicos do Brasil que, a convite do Governador Cortez Pereira, fazia pesquisas folclóricas no Estado. Durante o período em que estive na



Orquestra Sinfônica do RN:
primeiro concerto (11 de março de 1977).
Foto de autor não-identificado. Acervo
do Maestro Mário Cândio.

cidade, elaborou um projeto para a implantação de uma pequena orquestra que seria transformada depois em sinfônica, a ser financiada pelo Governo do Estado. Encaminhado aos setores competentes, o projeto foi esquecido numa gaveta burocrática qualquer.

O passo decisivo foi a assinatura, a 15 de março de 1976, pelo Governador Tarcísio Maia, do Decreto n. 6.874 que criou a Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte. Um ano depois – 11 de março de 1977 – verificava-se a sua estréia, sob a direção do maestro pernambucano Mário Cândio. Na ocasião, verificou-se a inauguração do sistema de ar-condicionado do TAM.

Maestro Mário Cândio.
Regeu a Orquestra Sinfônica do RN,
no período de 1976 a 1987.



Dos seus dezenove componentes, apenas quatro eram natalenses; todos os outros eram convidados, pertencentes a orquestras de João Pessoa e Recife. O primeiro contratado, violinista uruguaio Ricardo Miguel Kolodiuk, *spalla* da Orquestra, passou a residir na cidade. Era composta de: Rafael Garcia Saavedra, Ricardo Miguel Kolodiuk, Leonardo Peretti, Agmar Dias Pinto, Ovídio Pascual Pastor, Herbert Linhares Junior, Agmar Dias Pinto Filho, Luíza Maria D. Lima, Roberto Maranhão Bezerra (violinos);

Otto Schmidt, Wolney S. Monte Santo (violas); José Carrión Dominguez, Deijair Henrique Borges (violoncelos); José de Barros Chagas (contrabaixo); Regina de Souza Machado (flauta); Wascyli Simões dos Anjos (oboé); Ronaldo Ferreira de Lima (clarinete); José Caetano Filho (fagote); Maviael Celestino (trompa) e Carlos Alberto de Lima (copista).

Como registro, transcreve-se o programa da estréia:

1 – *Arcangelo Corelli: “Concerto Grosso” n. 8 (Fatto per la notte de Natale)*

2 – *George F. Haendel: Três árias do oratório “O Messias”, solista Atenilde Cunha: “How beautiful are the feet”, “He shall feed his flock” e “Rejoice Gaetly”.*

3 – *Joseph Haydn: “Sinfonia” n. 45, em lá menor (Do adeus).*

No dia seguinte – 12 de março – deu-se a estréia do Quarteto de Cordas “Joaquim Scipião”, composto por elementos da Orquestra e, no dia seguinte, o Quinteto de Sopros “Paulino Chaves”. Estes dois conjuntos camerísticos não passaram desta primeira apresentação.

A Orquestra Sinfônica do RN, nos seus começos, atravessou difíceis momentos, como a necessidade de contratação de músicos convidados para sua composição nos concertos, em vista da impossibilidade de fazê-lo com elementos locais. Os baixos salários pagos não animavam musicistas a se transferirem para a cidade. A Orquestra de Câmara da UFRN, que dispunha de excelente elenco de cordas – a parte mais sensível da Sinfônica – havia sido lamentavelmente desativada pela instituição. Tal situação se refletia na qualidade do trabalho. Mesmo assim, acentuados progressos foram alcançados, especialmente na formação de público através dos concertos para estudantes das escolas públicas.

A 14 de janeiro de 1987, na comemoração dos 10 anos de criação da Orquestra, verificou-se a última atuação de Mário Cândia como regente, afastando-se em junho do posto que ocupava desde o primeiro concerto.

No mês seguinte, assumia a regência o violinista Osvaldo d’Amore, ex-integrante da Orquestra de Câmara da UFRN, componente e Diretor Artístico do Quarteto de Cordas da UFRN. Nascido na Argentina, onde iniciou seus estudos musicais, chegou a Natal trazendo considerável experiência em renomadas orquestras. Importante condição, também, era residir na cidade, ao contrário do regente anterior, residente no Recife.

Maestro Osvaldo D’Amore, regente da OSRN a partir de fevereiro de 1987.





Orquestra Sinfônica do RN: concerto educativo. Foto Candinha Bezerra.



Orquestra Sinfônica do RN: concerto oficial. Foto Candinha Bezerra.

O novo regente estreou em concerto realizado no Palácio da Cultura, a 29 de julho; no TAM, teve seu primeiro concerto oficial a 31 de agosto.

As dificuldades existentes nos primeiros anos continuaram a afetar o bom andamento do trabalho da Orquestra. Mesmo assim, durante o período de 28 de dezembro de 1987 a 26 de novembro de 2003, a Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte (OSRN) realizou no palco do TAM cento e oitenta e duas apresentações, em forma de concertos oficiais (nas últimas terças feiras do mês), educativos, populares e especiais. Não estão computadas as inúmeras apresentações em outros locais.

O sonho da orquestra do Teatro, há mais de cem anos mantido, parece realizar-se na OSRN, que ali tem sua sede. Espera-se que as dificuldades que antes tolhiam sua manutenção não voltem a inviabilizar o importante trabalho educativo e cultural que presta à sociedade.

O BALÉ

Nas artes cênicas contemporâneas, o balé forma com a música e a encenação, o tripé fundamental, indispensável na estrutura de qualquer teatro. A ópera – síntese das três modalidades – exige uma organização mais sofisticada, sempre mais exigente de tecnologia e recursos financeiros.

Até os princípios da década de 1950 nada se fez concretamente em Natal no setor da dança. Apresentações de bailados eram comuns em festas escolares e neles predominava a improvisação em momentos esparsos. Como exemplo, o Festival de Bailados apresentado pelas alunas da Escola Normal a 5 de setembro de 1950, reprisado no dia 28. Nem mesmo era freqüente a apresentação de companhias visitantes.

Os primeiros espetáculos, produtos de um curso sistemático, foram vistos nos dias 5, 8, 9 e 13 de novembro de 1952: era o Festival de Bailados, primeira apresentação de alunos do Curso de Balé da Professora Olga Hipólito. Realizado em benefício de crianças pobres, teve a participação da Professora Iracema de Oliveira ao piano.¹¹⁹

Não há mais registros de apresentações desta escola.

Nos anos 1950 apenas a considerar apresentações de companhias visitantes.

119. O Diretor do TCG, Alcides Cicco, anotou no livro de registro do Teatro a venda de 2.400 entradas.



Escola de Dança do Teatro Alberto Maranhão: Companhia de Dança, diretores, professores e funcionários.

Em agosto de 1961 era criada, por iniciativa do Superintendente Meira Pires, a Divisão de Balé do TAM. O Curso de Balé foi instalado a 12 de agosto; a solenidade, que seria no *hall* de entrada do Teatro, foi transferida para o jardim, em vista do grande comparecimento. O salão dos fundos do prédio, onde se instalara a Câmara Municipal, foi adaptado para o funcionamento do curso. Os trabalhos ficaram a cargo da bailarina Edith de Vasconcelos, pertencente ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Naquele momento foram inscritos 160 alunos pagantes que, com as bolsas de estudo, perfaziam um total de 175 inscrições.

A 25 de novembro do mesmo ano a iniciativa mostrou seus primeiros frutos, com a apresentação de um Festival em benefício do Natal das crianças pobres, com coreografia de Edith de Vasconcelos e música a cargo do pianista Leonardo Dantas.

Em 1962 (22 e 23 de setembro), a segunda apresentação das alunas do Curso de Balé do TAM; a terceira vez, a 20 e 21 de outubro.

Os trabalhos dessa primeira etapa foram concluídos a 11, 12 e 14 de julho de 1963, com os espetáculos de encerramento do Curso de Balé do Teatro Alberto Maranhão e diplomação dos alunos, a 1º de agosto.

Em 1965 funcionava o Curso de Balé da Professora Noêmia Ferraz, pertencente ao América F. C., em convênio com o TAM, com diversas apresentações e participação na opereta “Praieira de Meus Amores”, encenada pelo Ginásio de Arte Dramática, no período de 24 a 29 de novembro de 1967.

No começo dos anos 1970, começam os festivais de balé dirigidos pela Professora Yeda Emerenciano, apresentados regularmente até 30 de dezembro de 1984.

Em 1974 – 15 a 18 de agosto – iniciam-se no TAM, sob a direção do bailarino Roosevelt Pimenta, as apresentações do Grupo de Balé Municipal de Natal, embrião do futuro Corpo de Baile do Balé Municipal de Natal. A partir de 2002, passou a se intitular Balé da Cidade do Natal.

Passo importante para instalação permanente da dança foi a implantação, a 6 de maio de 1985, da Escola de Danças Integradas do TAM. Participavam do projeto as professoras Tereza Janken e Carmem Borges. A Escola, a funcionar no próprio TAM, receberia alunos de ambos os sexos, a partir dos três anos de idade, inclusive adultos. O objetivo maior era formar, posteriormente, um corpo de baile permanente. O produto do primeiro ano de trabalho foi apresentado na I Mostra de Alunos da Escola de Danças Integradas do TAM, dirigida pela bailarina Carmem Borges no dia 4 de dezembro, no próprio TAM.¹²⁰

120.
Era Governador do Estado,
José Agripino; Secretário de Educação,
Hélio Xavier de Vasconcelos
e Diretor do TAM, Iaperi Araújo.



Escola de Dança do TAM Espetáculo “Deu a louca na cozinha”, (6 e 9 de novembro de 1986). Foto do arquivo da EDTAM.



Espectáculo infantil.
Escola de dança do TAM.

A regulamentação da escola se deu através do Decreto-Lei n. 8. 524, de 26 de abril de 1986, envolvendo o Governo do Estado, através da Secretaria de Educação e Cultura e o Teatro Alberto Maranhão. Seu corpo docente era composto por Carmem Borges (Diretora), Edson Claro (vice-Diretor), Fátima Sena, Jaira Uchoa, Sônia Orosz e Carlos Sérgio Borges (cenógrafo e figurinista).

No final de 1986, como resultado do trabalho desses profissionais da dança, foi montado o espetáculo “Deu a louca na cozinha”, concepção de Carmem Borges, Edson Claro e Carlos Sérgio Borges, com a participação de mais de 500 alunos.

A Escola, que no ano anterior matriculara 70 alunos, passou para 400. Detalhe importante na sua caracterização, além da ênfase na recepção de alunos originários de classes economicamente menos favorecidas, foi a abertura para estudantes das escolas oficiais do Estado. Tencionava, ainda, acabar com o preconceito de que homem não podia dançar Balé.

A Secretaria de Educação e Cultura, através de seu titular, Professor Hélio Xavier de Vasconcelos, prestou integral apoio à instituição, oferecendo aos alunos sapatilhas, transporte e material para aulas teóricas.

Já no final do primeiro ano de atividades, seria feita a seleção dos componentes do futuro Corpo de Baile do TAM, 10 moças e 10 rapazes entre 16 e 20 anos.

Como evolução natural do processo foi criada, em 1990, a Companhia de Dança do TAM, que funcionou precariamente até 1994, quando foi dissolvida. Para suprir sua falta, começou a funcionar a partir de 1998, a Companhia da EDTAM, responsável pelas apresentações da Escola, que vem conquistando êxitos e premiações em todo o País.

Dirigiram a Escola de Dança do TAM: Carmem Borges (1986-1987); Suyene Simões (1987-1988), Iane Medeiros (1988-1992) Solange Gameiro (a partir de 1993, como Diretora Geral) e Wanie Rose Medeiros (a partir de 1999, como Diretora Artística). Por períodos breves também dirigiram a EDTAM: Dimas Carlos, Eugênio Pacelle, Anízia Marques, Ana Lucia Gadelha, Ana Eliza Supra, Domingos Costa, Sávio de Luna, Dilcecléia Peixoto, Gino Barreto, Sonia Orosz, Jaíra Emília.

Em 18 anos de existência, passaram pela EDTAM cerca de cinco mil alunos.

Desenvolvendo a proposta de atender a uma faixa de baixo poder aquisitivo, no momento do centenário do TAM a sua Escola de Dança tem setecentos e cinquenta alunos, divididos em vinte e cinco turmas, nos três períodos do dia.



Escola de Dança do TAM Espetáculo
“Luzes de Natal”, 2001. Foto de Décio
Peixoto. Arquivo da EDTAM.



Escola de Dança do TAM Espetáculo
“O lago dos cisnes”, 2003. Foto de Décio
Peixoto. Arquivo da EDTAM.

Em 2004, integravam a Escola de Dança do TAM:
Diretores: Solange Gameiro e Wanie Rose Medeiros.
Professores: Denise Rovira, Marcirene Chaves, Maria
de Fátima Alves de Sena, Roseane Melo, Solange Gameiro
e Wanie Rose Medeiros.

Professores substitutos: Érika Rosendo, José Leonardo
Filho, Lidiane Soares e Márcia Suene.

Elenco: Anátria Rassyne, Andréa Melo, Andressa Carla,
Ana Paula Jotha, Adreilson Lopes, Cosme Gregory, Érika
Rosendo, Edicleide Marinho, Fabiana Valentin, Fernanda
Helena, Freckciane Veríssimo, Gleydciane Fernandes, Glebe
Junior, Jane Cléa Ribeiro, João Alexandre, Júlio César, Karine
Borja, Lidiane Soares, Márcia Suene, Mariane Sarmiento,
Ricardo Nóbrega, Silvano Jefferson e Thatiana Michelle.

Cenógrafo: Carlos Sérgio Borges (desde 1985, o mais
antigo componente da equipe)

Psicóloga: Liane Medeiros

Secretárias: Severina Neta e Rosângela Araújo

Tesoureira: Maria Liduína

Recepcionista: Renilda Gomes

Iluminador: Ronaldo Costa

UM PALCO SEMPRE ABERTO

O texto descritivo e a cronologia mostram os momentos em que o TAM foi Escola de Música, Escola de Teatro, Escola de Balé, cinema... Foi, também, o local preferido e mais apropriado para as solenidades de conclusão de cursos, desde os “jardins de infância” aos universitários. Em seu ambiente realizaram-se encontros, congressos, cursos, conferências, banquetes, lutas de boxe, lutas greco-romanas e jiu-jitsu, campeonatos de cultura física, halterofilismo e musculação, posses de governadores e prefeitos, de membros da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Assembléias Universitárias, convenções políticas. Ali estiveram sediadas zonas eleitorais, Escolas de Música, o Departamento de Educação do Estado, o Governo do Estado, a Assembléia Legislativa e a Câmara Municipal, a Diretoria de Documentação e Cultura, a Biblioteca Municipal...



Escola de Dança do TAM Espetáculo
“La Bayadère”, 2004. Solista Cosme Gregory.
Foto Décio Peixoto. Arquivo da EDTAM.

Escola de Dança do TAM Espetáculo
“La Bayadère”, 2004. Foto Décio Peixoto.
Arquivo da EDTAM.



Escola de Dança do TAM Espetáculo
La Bayadère, 2004. Solista Érica Rosendo.
Foto Décio Peixoto. Arquivo da EDTAM.



Escola de Dança do TAM Espetáculo
“Don Quixote”, 2002. Solista Anádrria
Rassyne. Foto Tony Vrignaud.
Arquivo da EDTAM.



de Prava
arrendar e quer, p
do-se a llicença da bo
o Administrativa, 7
e funcioner p in
reito duto, e Cidades
es: para Director da So
lice Consul, fo a quem
Dir. Juvenor: para 10 de
o Decreto do C. G. a No
2.º o Sr. Cap. João Ferr
Thomaz o Sr. Cap. M
mas sobre de c. d. d.

NOMES DO TEATRO

SEGUNDO WANDERLEY

Manoel SEGUNDO WANDERLEY, médico sanitарista, médico e Diretor do Hospital da Caridade, Diretor da Higiene (equivalente a Secretário de Saúde), Deputado Estadual, professor do Atheneu, destacou-se como poeta e muito escreveu para teatro.

Nasceu em Natal, a 6 de abril de 1860, falecendo na mesma cidade, a 14 de janeiro de 1909. Era filho de Luís Carlos Lins Wanderley (1831-1890), primeiro norte-rio-grandense a se formar em Medicina, também poeta e autor teatral.

Suas peças foram referidas em diversas ocasiões deste trabalho. Não pode haver dúvida de que foi o mais popular e importante autor teatral do Estado, nos fins do século XIX e princípios do XX. Inúmeras foram as sociedades teatrais, na capital e no interior que, mesmo antes do Teatro Carlos Gomes, tiveram o seu nome, a última delas a “Phoenix Dramática Segundo Wanderley”, fundada por Meira Pires, com estréia em novembro de 1947.

Muitos de seus poemas foram musicados, tornando-se canções de grande popularidade, como “O poeta e a fidalga”, musicada por Heronides de França e conhecida em todo o País.¹²¹

Seus descendentes relataram fatos que evidenciam seu grande entusiasmo pelo teatro. Era presença constante na platéia e nos camarins do velho TCG, colaborando,

121.

Poemas de Segundo Wanderley musicados: ver partituras em GALVÃO, Claudio. *A Modinha Norte-rio-grandense*.



Brasão de Armas de S. P.
Manoel Segundo Mandarley

organizando, participando de ensaios. Manifestava permanente apoio a artistas e companhias visitantes, procurando sempre proporcionar condições materiais para o melhor desempenho de suas atividades.

Para o espetáculo de inauguração, participou das comissões de planejamento, ensaiou um grupo de crianças, foi chamado ao palco, aplaudido. Muitas foram as oportunidades em que, no palco ou de um camarote, recitando um poema de sua autoria, saudou artistas e evocou personalidades históricas.

Amigo particular de Alberto Maranhão, não viveu até 1912 para ver a reforma e o novo Teatro que dela nasceu.

No centenário de seu nascimento (1960), a Academia Norte-rio-grandense de Letras, pelo seu Presidente Manoel Rodrigues de Melo, promoveu uma semana de eventos, onde se rememoram fatos de sua vida e aspectos de sua obra. Uma “Revista” da entidade foi a ele inteiramente dedicada.¹²²

O Salão Nobre do Teatro Alberto Maranhão, desde 22 de novembro de 1968 tem o nome de Segundo Wanderley.

BIBLIOGRAFIA DE SEGUNDO WANDERLEY

Textos diversos:

Estrelas Cadentes (poemas, 1883)

Cartas do Bessa

Febres perniciosas (tese de conclusão de curso, 1885)

Miragens e Prismas (poemas, 1887)

Recoltas poéticas (poemas, 1896)

Pela Verdade (panfleto, 1905)

Entre o céu e a terra (texto em homenagem a Augusto Severo, 1902)

Gôndolas (poemas, 1903)

Poesias (edições em 1910, 1928 e 1955)

Textos teatrais (publicados e/ou encenados)

“*As Três Datas*” (1889)

“*Brasileiros e Portugueses*” (1892)

“*A Louca da Montanha*” (1895)

“*Alberto ou A Glória do Artista*” (1895)

“*A noiva em leilão*” (1898)

“*A pulga*” (1900)

“*Amor e Ciúme*” (1900)

“*A Providência*” (1904)

“*Anjos do Claustro*” (1906)

“*Natal em Camisa*” (1907)

Textos conhecidos por citação:

“*A Rainha dos Bosques*” e “*O poema das lágrimas*”¹²³

“*Dramas das Secas*”, “*Manifestação Biripótica*” e “*E assim rola o mundo de pernas para o ar*”.¹²⁴

122.
Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Natal, Ano VIII, n. 6, 1960.

123.
Citados pelo jornal A República como duas revistas inéditas, ao noticiar o falecimento do autor, na edição de 15 jan. 1909.

124.
Citados por Luís da Câmara Cascudo, na crônica “Bibliografia de Segundo Wanderley”, jornal A República, 14 jan. 1946 e em “Alma Patrícia”, p. 166.



Ator Abelardo Bezerra.
Desenho de Nestor Melo baseado
em foto do acervo da família.

ABELARDO BEZERRA DE MELLO

O teatrólogo Meira Pires, em sua História do Teatro Alberto Maranhão, ao comentar a intensa atividade do *Gymnasio Dramatico Natalense* na segunda década do século XX, reporta-se (p.122) a um incisivo pronunciamento do também teatrólogo Sandoval Wanderley, referindo-se este, com o maior entusiasmo, à figura de Abelardo Bezerra, que ele considerava *o maior ator que Natal possuiu em todos os tempos* (PIRES, 1980, p. 122).

O ator amador que teve este reconhecimento por parte de alguém que sabia o que estava dizendo, achava-se esquecido no ambiente artístico que vivenciou.

Abelardo Bezerra era filho de João Bezerra de Mello e Idalina Bezerra de Mello; nasceu no Recife a 14 de julho de 1897, passando a residir em Natal aos sete anos, a partir

de 1904 – ano da inauguração do TCG, quando o pai foi transferido para esta cidade, por motivos profissionais.

Era o quinto filho de uma família de oito irmãos, entre os quais se destacaram na vida potiguar Severino (educador) e Ubaldo Bezerra de Mello (empresário, Interventor Federal).

Era ainda aluno do Atheneu quando ingressou como ponto, no *Gymnasio Dramático Natalense*, em 1913, atuando provavelmente na estréia do grupo a 16 de novembro, quando foi encenada “Sônia”, de Ivo Filho, pois neste ano está relacionado entre os *artistas* do conjunto.¹²⁵

Foram localizadas muitas participações de Abelardo Bezerra em encenações do *Gymnasio Dramático Natalense*. Sua primeira atuação certamente foi em “Tio Padre”, encenada a 3 de outubro de 1915, ao lado de Sandoval Wanderley, Deolindo Lima e Calazans Carneiro.

Em 1916, 30 de março, participou de “A Mentira”, “Avacalhado” e “No reino das fitas”, de Jorge Fernandes, Virgílio Trindade e Deolindo Lima, com Sandoval Wanderley e Júlio Galvão. A 3 de maio o grupo comemorou seu 4º aniversário,¹²⁶ encenando “Degenerados”, drama em 3 atos de Ivo Filho. Além de Abelardo participaram: Sandoval Wanderley, Júlio Galvão, Deolindo Lima, Amaro Andrade, Pretextato Bezerra, Calazans Carneiro e Regina Costa. Na ocasião, circulou o n. 1 de “*O Theatro*”, identificado como órgão mensal da instituição. O último trabalho do ano foi a 8 de outubro: “Um chá complicado”, quando Abelardo contracenou com Sandoval Wanderley, Calazans Carneiro, Deolindo, Regina Barreto, Amaro Andrade e Olympio Baptista Filho.

Em inícios de 1917 Abelardo integrava, como Tesoureiro, a diretoria do *Gymnasio Dramático Natalense*. A 27 de janeiro, participou da reapresentação de “Degenerados”, de Ivo Filho, com Deolindo Lima, Aristóteles Costa, Abelardo Bezerra, Joana Pereira, Sandoval Wanderley, Calazans Carneiro e Amaro Andrade.

Nos dias 11 e 16 de fevereiro o *Gymnasio* levou ao palco: “Pronto”, “Mundo, diabo, carne” e a revista “Jerimum?... não há!”, texto literário e músicas de Joaquim Scipião; no elenco Joana Pereira, Jonas Campos, Amaro Andrade, Sandoval Wanderley e Abelardo.

Em 1918, 26 de janeiro, Abelardo teve destacada participação (como Pai João) em “O Dote”, de Artur Azevedo; o mesmo espetáculo foi reapresentado a 14 de julho. Em abril (11), tomou parte em “O Mártir do Calvário”, de Eduardo Garrido, contracenando com Álvaro e Cora Costa, Lyvia

^{125.} A República, Natal, 16 nov. 1913.

^{126.} Embora fundado a 7 de abril de 1912, conforme notícia de A República, edição de 10 de abril do mesmo ano, o grupo comemorava seu aniversário a 3 de maio.

Maggioli, Sandoval Wanderley, Amaro Andrade, Deolindo, Mário Mendes, Carlos Siqueira, Gomes da Silva e Honória Reis.

A 27 de julho, o *Gymnasio* encenou “A Flor do Baile”, de Ezequiel Wanderley, com Abelardo, Álvaro e Cora Costa, Sandoval Wanderley, Lyvia Maggioli, Deolindo, Amaro Andrade. Neste ano, participou da diretoria do *Gymnasio Dramatico Natalense*, como 1º secretário. A 23 de agosto, participou da revista “Mata o Bicho”, com Deolindo Lima, Livia Maggioli e Cora Costa.

A última notícia encontrada em jornais é sua participação no Festival Artístico-Literário, promovido por Luís da Câmara Cascudo e apresentado no TCG a 2 de fevereiro de 1920, quando se apresentou o violonista Américo Jacomino (Canhoto). Na ocasião, membros do *Gymnasio Dramatico Natalense* estiveram no palco, interpretando canções e encenações, entre outros estava Abelardo Bezerra. Decerto já estava Abelardo acometido da tuberculose que o fazia procurar os ares secos e saudáveis da cidade de Angicos, indicados para o caso, conforme se acreditava naqueles tempos.

Os jornais da época nem sempre relacionavam os atores integrantes das peças teatrais, o que leva a crer que Abelardo participou de mais trabalhos do que os aqui indicados.

Sobre ele, escreveu o companheiro Deolindo Lima, dezesseis anos após a morte do ator:

Fez a sua formação artística em nossa terra. Conheci-o no Gymnasio Dramatico, onde ingressou para o serviço de “ponto”. Logo aos primeiros sucessos dessa saudosa associação de arte, pusemo-lo na ribalta. Não escolhia papéis. Interpretava todos com surpreendente felicidade. [...] No Dote, a obra-prima do imortal Artur Azevedo, coube ao brilhante amador o papel difícilíssimo de Pai João. Foi tamanha a sua criação nessa peça, que ao assisti-la aqui, o grande escritor Coelho Neto, quando levada em sua homenagem, o notável patrício, Diretor da Escola Dramática do Rio de Janeiro, depois de saudar brilhantemente o corpo discente do Gymnasio Dramatico, quis abraçar o negrinho. Dirigiu-se ao camarim e estendeu a mão ao nosso Abelardo, que a recusou, desculpando-se por estar pintado a pó preto. O grande intelectual patrício abraçou, então, freneticamente o famoso Pai João.

*Sem dúvida, entre os nossos rapazes de Teatro, nenhum teve carreira mais brilhante.*¹²⁷

Outro seu contemporâneo, João Amorim Guimarães, também publicou valioso depoimento:

Funcionário da Inspetoria de Obras Contra as Secas, solteiro, único boêmio de uma família de rígidos princípios, participava das rodas literárias e boêmias que se reuniam no antigo Café Majestic,¹²⁸ onde pontificavam Jorge Fernandes, Luís da Câmara Cascudo e tantos outros. Contraindo a tuberculose – a doença típica dos boêmios – afastou-se de suas atividades e buscou melhoras, conforme se acreditava, nos ares sertanejos, passando uma temporada em Angicos, onde também estivera Auta de Souza, com os mesmos fins, um ano antes do seu nascimento.

Uma comissão do grupo A Diocésia, do Café Majestic, visitou Abelardo, já bastante grave. Todos procuraram mostrar que ele estava bem e que breve se recuperaria.

O único a não dizer nada foi o poeta Jorge Fernandes:

Abelardo, espírito maravilhoso e claro, inteligente e perspicaz, ouvira as palavras confortadoras de todos os amigos, forçando ainda o sorriso triste que pudera manter nos lábios para nos receber: e quando todos se calaram, ele, com naturalidade e franqueza, replicou:

- Só quem disse a verdade foi Jorge Fernandes... Todos se entreolharam, sentindo um arrepio de frio...

Jorge fora o único que nada dissera. E, por isto mesmo, aos olhos perscrutadores do grande e querido Abelardo, dissera tudo... porque o seu silêncio era apenas o reflexo da verdade do seu pensamento...

*E, de fato, morreu no dia seguinte.*¹²⁹

127.

LIMA, Deolindo. Abelardo Bezerra de Mello. Som, Natal, n. 9, 11 jul. 1938.

128.

Esquina das ruas Vigário Bartolomeu e Ulisses Caldas, demolido; no local, um estacionamento de automóveis.

129.

GUIMARÃES, João Amorim. *Natal do meu tempo*. 2 ed. Natal, FIERN-SESI, 1999, p. 261.

130.

Sobre Abelardo Bezerra ver também COSTA, Lucas da. *Disfarçados...* Natal: Fortunato Aranha, 1924, p. 95.

Faleceu em Natal, a 3 de novembro de 1922, aos vinte e cinco anos.¹³⁰

JOSÉ WANDERLEY

O MAIS
DESTACADO
TEATRÓLOGO
NORTE-RIO-
GRANDENSE



Teatrólogo José Wanderley.
Foto do arquivo da Sociedade
Brasileira de Autores Teatrais, Rio de
Janeiro.

JOSÉ dos Guimarães WANDERLEY nasceu em Natal, a 19 de dezembro de 1905, filho de Celestino Carlos Wanderley e Ana de Freitas dos Guimarães Wanderley. Residiu no Rio de Janeiro a partir de 1929. Ali, trabalhou no Serviço Nacional de Teatro e na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), onde foi Diretor da Caixa Beneficente e seu Presidente (1964 a 1966), Conselheiro e Vice-Secretário.

Estreou como autor teatral no Teatro Boa Vista de São Paulo, a 17 de novembro de 1933, quando sua comédia em três atos *Compra-se um marido* foi interpretada por Procópio Ferreira. Encenada em Natal pela primeira vez em 1934 pela Companhia Teixeira Pinto, posteriormente publicada pelo Boletim da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (1950). Reeditada pelo Serviço Nacional de Teatro, foi lançada no Teatro Alberto Maranhão, a 22 de novembro de 1968, quando lhe foi entregue a Medalha do Mérito Alberto Maranhão. Na ocasião foi homenageado, juntamente com outros teatrólogos do Serviço Nacional de Teatro e da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, entre eles Joracy Camargo e R. Magalhães Junior, no Instituto Histórico e Geográfico do RN, numa homenagem desta instituição e da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

José Wanderley foi o único autor Norte-rio-grandense a fazer jus, a prestígio e renome nacionais, tendo peças encenadas por grandes companhias e grandes atores. No ano de 1944 estava relacionado entre os autores que mais receberam direitos autorais no País, ocupando o 12º lugar da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.¹³¹ Através de concurso promovido pela Sociedade Brasileira de Críticos Teatrais, recebeu o prêmio de “Melhor autor de 1953”, com sua peça “Cupim”. Esta peça bateu recordes de bilheteria no Rio de Janeiro, teve o ator Oscarito em um dos papéis e lançou uma filha deste ator. Em uma encenação de *Tudo por você*, iniciou-se no teatro a atriz Bibi Ferreira.

Originário de uma família de poetas e teatrólogos, era neto de Luís Carlos Lins Wanderley (1831 - 1890), o primeiro Norte-rio-grandense a escrever para o teatro. Dois dos seus tios foram destacados teatrólogos: Segundo Wanderley (1860-1909) e Ezequiel Wanderley (1872 - 1933). Era irmão de Jaime dos Guimarães Wanderley (1897 - 1986) e este, pai de Iedo Wanderley (1935 - 1994)¹³², primo de Stella Wanderley (1893 - 1983), Zete Wanderley (1906 - 1970), Sandoval Wanderley (1893 - 1972) e Genar Wanderley (1910 - 1967).

131. A REPÚBLICA, Natal, 2 fev. 1945.

132. Iedo participou como ator de diversas encenações, como “O noivo de Luíza”, “Era uma vez um vagabundo”, “Taberna Azul”, “Pelos Grades”, “A terra não é de ninguém”, “Mulher sem pecado”, “O muro”, “Testemunha indiscreta”, “A lenda do minueto”.

Faleceu no Rio de Janeiro a 20 de dezembro de 1975.¹³³

O Teatro Alberto Maranhão prestou-lhe significativa homenagem na ocasião do seu centenário, intitulado José Wanderley um concurso de peças teatrais que, ao encerramento, recebeu 242 inscrições, provenientes de todo o Brasil.

Foram as seguintes as peças de José Wanderley encenadas no Teatro Carlos Gomes, com indicação do ano e companhia que as encenou:

Criada Moderna e O locutor da PRP 4: 1938, Companhia Ratinho e Da Ferreira.
Pertinho do Céu, (com Mário Lago): 1941, Companhia Delorges Caminha; 1944, Companhia Barreto Junior.
Tudo por você, (com Mário Lago): 1943, Companhia Nacional de Comédias Barreto Junior.
O beijo que era meu (Canário), (com Mário Lago): 1944, Companhia Barreto Junior.
Era uma vez um vagabundo, (com Daniel Rocha; anunciada como havendo tido mais de 60 representações no Sul do País): 1944, Conjunto Teatral Potiguar; 1948, Conjunto Teatral Potiguar e Grêmio Dramático de Natal; 1963, Teatro de Amadores de Natal.
Você, (com Mário Lago): 1946, Companhia *Iracema de Alencar*.
Aconteceu naquela noite (com Daniel Rocha): 1946, Companhia Alma Flora.
Hás de ser minha: 1947, Conjunto Teatral Potiguar, na 100ª encenação do grupo.
Uma vez na vida: 1948, Mesquitinha e seus artistas; 1952, Teatro Operário de Natal.
Amo todas as mulheres (com Daniel Rocha): 1949, Conjunto Teatral Potiguar.
O beijo que era meu (Canário), (com Mário Lago): 1950, Teatro do Estudante; 1977, Grupo de Amadores de Natal.
Especialista em coração (com Daniel Rocha): 1951, Companhia Raul Levi-Nair Ferreira.
Compra-se um marido; 1934, Companhia Teixeira Pinto; 1936, Companhia Brasileira de Comédias; 1938, Companhia Brasileira de Comédias; 1952, Teatro Operário; 1968, Teatro de Amadores de Natal.
Papai Fanfarrão: 1979, Teatro de Amadores de Natal.

133.
WANDERLEY, Walter.
Família Wanderley. Rio de Janeiro,
Pongetti, 1966. Ver também SANTOS,
Racine. O Dramaturgo que conquistou o
Brasil. Em cena, Natal, abr. 2003.

Pertinho do Céu foi apresentada, em radiofonização, a 22 de janeiro de 1943, no aniversário da Rádio Educadora de Natal, participando Urbano Brandão, Zete Wanderley, Alba Tavares, Genar Wanderley, Pedro Machado e Jaime Queiroz. Supervisão de Filgueira Filho.

OBRAS DE JOSÉ
WANDERLEY¹³⁴

A grande pecadora
A menina do complexo
Amanhã é dia de pecar
A última aventura (com Daniel Filho)
A vida brigou comigo
Aconteceu naquela noite
Amo todas as mulheres
Asas do Brasil e Portugal
Cabeça Inchada
Cão de Fila
Chiquinha Fuba
Como você quiser
Compra-se um marido
Criada Moderna
Cupim (Melhor autor de 1953, em concurso da Sociedade Brasileira de Críticos Teatrais)
Era uma vez um vagabundo
Essa noite eu mato minha mulher
Especialista em coração
Eu e você
Eu explico tudo (com Daniel Filho)
Grande pecadora
Há sempre estrelas no céu, (Pacheco Filho)
Hás de ser minha
Hoje não pode ser
Isabel do Brasil ou A rainha sem coroa
Lar, doce lar
Larga meu homem
Maria Gasparinho
Mulher infernal
Não chacoalha
O beijo que era meu (Canário)
O casca grossa
O dono da casa
O Golpe ou Chantagem
O locutor da PRP 4 (com Daniel Filho)

134. Obras de José Wanderley, conforme SOUZA, J. Galante de. *O Teatro no Brasil*, 1960, e relação fornecida ao autor pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

O maluco da família
O mistério do amor
O pecado mora aqui
Papai Fanfarrão
Pertinho do céu
Ponto e Banca
Sol de Outono (com Mário Lago)
Terra de ninguém
Toque de reunir
Tu és a única (com Daniel Filho)
Tudo por você (com Mário Lago)
Um caso de amor
Um circo armado na praça
Uma mulher como as outras
Uma vez na vida
Viva o Brasil
Zero à esquerda

TRADUÇÕES

A Princesa e o Professor (de Ferreira Molnár)
A Terceira Mulher (de Gabriel Avont e Jean Locher)
Baiser Perdue (de André Birabeau)
Chiruca (de Adolfo Torrado)
Dona e Senhora (de Leandro Navarro e Adolfo Torrado, tradução em parceria com Carlos Bittencourt)
Hás de ser minha (de Louis Verneuil)
O último a saber (de Georges Courteline)
Por causa de um beijo (de Victor Ruiz Iriarte)
Prisioneira ou O Grande Segredo (de Edward Bourdet)
Santinha do Pau Oco (de Miguel Mihura)

SANDOVAL WANDERLEY

UM MODELO DE DEDICAÇÃO



Teatrólogo Sandoval Wanderley.
Foto do arquivo da família

Nascido em Assu, a 27 de setembro de 1893, pertenceu a uma família de intelectuais dedicados ao teatro.

Seu avô, Luís Carlos Lins Wanderley (1831-1890), era médico, poeta, Professor do Atheneu, Deputado Provincial por seis biênios, Presidente da Província em 1886. Foi o primeiro autor Norte-rio-grandense a ter uma peça encenada: *A Louca ou O Riso da Dor*. Escreveu ainda: *Amor de um anjo*, *A restituição*, *Os anjos do amor*, *O anjo da meia-noite* e o *O prêmio da viúva*.

Seu tio Manoel SEGUNDO WANDERLEY (1860-1909) Médico Sanitarista, Diretor da Higiene (equivalente a Secretário de Saúde) Deputado Estadual, publicou vários livros de poemas. Era o teatrólogo mais importante de sua época, escrevendo e levando à cena numerosos textos teatrais que tiveram grande popularidade, conforme descrito em outra parte desta publicação.

Também poetas foram seus tios Celestino Carlos Wanderley (1862-1942), Maria Carolina Wanderley Caldas (Sinhazinha) (1876-1954) e Ezequiel Wanderley (1872-1933) poeta, escritor, contista, jornalista e autor teatral de numerosa bagagem.

Seu pai, Luís Carlos Lins Wanderley (1859-1929), flautista, professor de música, foi o musicista da família. Autor de modinhas e tocando em orquestras de sua época, casou-se com a prima Maria Amélia Wanderley. Foram seus filhos: Maria CAROLINA WANDERLEY (poeta), ALBERTO Carlos WANDERLEY, poeta e musicista e SANDOVAL Carlos WANDERLEY. Foi professor e secretário da Escola de Música instalada no Teatro Carlos Gomes (1908), e também secretário do Teatro.

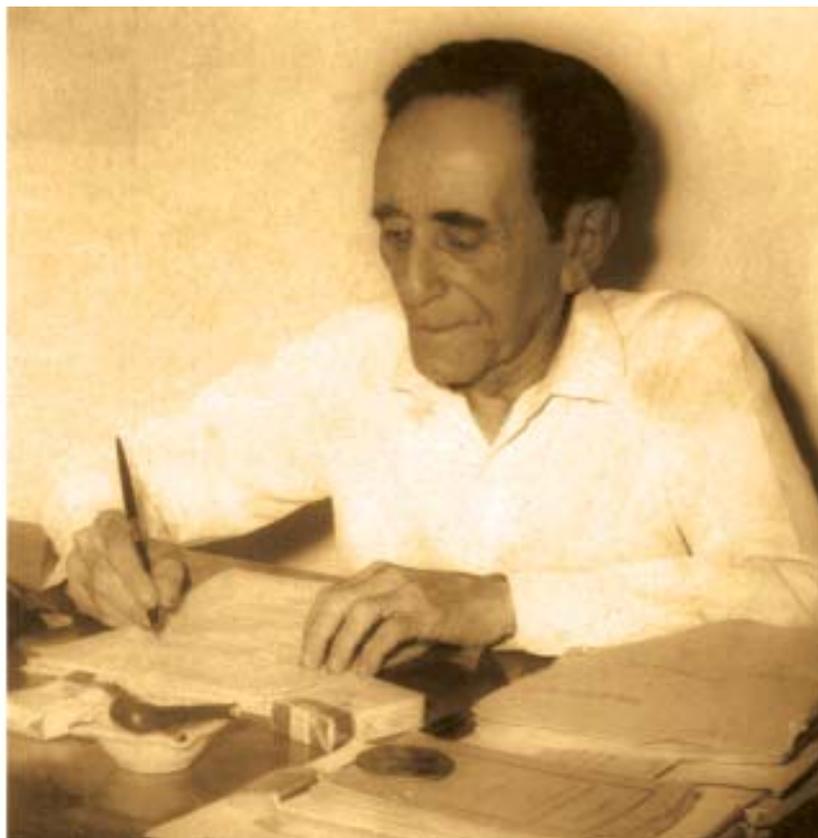
Além vida teatral, Sandoval dedicou-se também à poesia, ao jornalismo e à política. Amigo de Café Filho, sofreu violências e perseguições.

Nos tumultuosos dias que se seguiram à Revolução de 1930, uma difamatória campanha levou o Chefe de Polícia do Interventor Aluísio Moura a prender Sandoval incomunicável no Quartel da Polícia, depois transferido para o Quartel do Exército; permaneceu preso de 27 a 29 de março de 1932. As acusações de que iria participar de uma revolução comunista não foram comprovadas; Sandoval, Café Filho e inúmeros outros foram liberados. O Chefe de Polícia que comandara a operação fora um certo Tenente Ernesto Geisel...

Elegeu-se deputado estadual em 1934, tendo sua carreira política interrompida quando Getúlio Vargas dissolveu as

Sandoval Wanderley.

Teatrólogo Sandoval Wanderley.
Foto do arquivo do Diário de Natal.



assembléias, em 1934. Lembranças desses tempos estão em *Minha luta política*, que publicou em 1952.

Com a criação do *Gymnasio Dramatico Natalense*, em 1913, seu nome está relacionado entre os “artistas” do grupo, juntamente com Deolindo Lima, Aristóteles Costa, João Leiros, Joaquim e César Pelinca, João Estêvão, Oscar Wanderley, Astrogildo Paiva, Raimundo Gurgel, Arnaldo Fagundes, Abelardo Bezerra, Orlando Ubirajara, Luzia Alves e Ana Vasconcelos.¹³⁵

Sua atividade como ator tem início em 1914, quando participou do elenco do *Gymnasio Dramatico Natalense*, na encenação de *Dedicação*. Integrou este grupo até 1918, ingressando na vida política.

Desiludido, retornou à vida teatral agregando-se, em 1939, ao Grêmio Dramático de Natal, desta vez como autor: em maio (6, 12 e 13) estreou sua primeira peça, *Taberna Azul*.

É curioso observar que Sandoval, sempre sisudo e reservado no seu relacionamento pessoal, adotava no teatro um gênero inteiramente oposto a sua personalidade: a grande maioria de suas peças eram comédias, que se apresentavam gaiatas a partir do próprio título.

136.
A República, Natal, 16 nov. 1913.

Em outubro de 1941, fundou o Conjunto Teatral Potiguar, que estreou com sua comédia *Binidito*. Continuou encenando com o elenco do Grêmio Dramático de Natal peças de sua autoria e de outros.

A 16 de dezembro de 1947, o Grêmio Dramático de Natal alcançou sua centésima encenação. O período de atividade deste grupo e do Conjunto Teatral Potiguar corresponde à fase áurea do teatro Norte-rio-grandense.

Em 1951, problemas internos do CTP levaram Sandoval a se desligar e fundar o Teatro de Amadores de Natal, estreando a 4 de junho com *Simone*, de Eugène Brieux; nela, além de diretor, Sandoval retornava ao palco como ator.

Um detalhe pelo menos curioso é o lado musical de Sandoval Wanderley. Filho de músico, sabe-se que tocava violino, amadoristicamente. Em 1917, na encenação da revista *Jerimum?... Não há!...*, pelo *Gymnasio Dramatico Natalense*, o ator e futuro diretor teatral Sandoval Wanderley cantou a cançoneta *É proibido*.

Composições de sua autoria foram incluídas em várias de suas revistas, entre elas *Natal*, encenada pelo Grêmio Dramático de Natal (maio, 27 e 28 e junho, 7, 8 e 14 de 1941). No mesmo ano, o Conjunto Teatral Potiguar levou ao palco do TCG sua revista *Brasil* (novembro, 10 e 12). *Quem te viu e quem te vê!...*, apresentada pelo Conjunto Teatral Potiguar (outubro, 29, 30 e 31 de 1944) teve também músicas (12 números) de sua autoria. Em 1944 (abril, 14, 15, 16 e 19), foi a vez de *A vida é uma nota falsa*, pelo Conjunto Teatral Potiguar, incluindo músicas de sua irmã, Carolina Wanderley. A última revista que encenou foi a mesma *Natal Revista*, no momento em que o Teatro de Amadores de Natal realizava sua 150ª apresentação (1967, novembro, 10 a 13 e 16 a 19).

A última encenação dirigida por Sandoval Wanderley – um espetáculo musical – deu-se a 7, 8 e 9 de abril de 1972: o Teatro de Amadores de Natal, em comemoração ao seu 21º aniversário, levou ao palco do TAM *Praieira dos meus amores*, texto de Jaime dos Guimarães Wanderley, músicas de Garibaldi Romano.

As atividades de Sandoval Wanderley aqui computadas se referem às que realizou no palco do TAM; outros teatros em cidades do interior e outros Estados não foram considerados.

Faleceu a 10 de julho daquele ano. Aposentado como Diretor de Documentação e Cultura (nomeado em 1950), financiou com seu salário muitas de suas atividades teatrais.

1. “A grande estiagem”, de Isaac Gondim Filho (1955)
2. “A lenda de minueto”, de Stela Wanderley (1965)
3. “A mulher sem pecado”, de Nelson Rodrigues (1963)
4. “A prostituta respeitosa”, Jean-Paul Sartre (1967)
5. “A próxima vítima”, de Marcos Reis (1968 – 1971)
6. “A viola do diabo”, de Ladjane Bandeira (1968)
7. “A volta do camaleão alface”, de Maria Clara Machado (1968)
8. “Além do horizonte”, de Eugene O’Neil, (direção e participação como ator) (1955)
9. “Amo todas as mulheres”, de José Wanderley e Daniel Rocha, (1949)
10. “Amor e ciúme”, de Segundo Wanderley (1945)
11. “Avatar”, de Genolino Amado (1949)
12. “Caluniada”, de Jaime dos Guimarães Wanderley (1949)
13. “Chico Vaqueiro”, de Jadson Queiroz (1970)
14. “Como matar um playboy”, de João Bittencourt (1971)
15. “Compra-se um marido”, de José Wanderley (1968)
16. “Destino”, de Meira Pires (1947)
17. “Divorciados”, de Eurico Silva (1943)
18. “Era uma vez um vagabundo”, de José Wanderley e Daniel Rocha (1948 – 1963)
19. “Esfinge”, de Silvino Lopes (Esfinge) (1945)
20. “Espanta gato”, de Luís Maranhão Filho (1971)
21. “Essa mulher é minha”, de R. Magalhães Junior (1966)
22. “Hás de ser minha”, de José Wanderley (1947)
23. “Leilão da felicidade”, de Paulo Orlando (1948)
24. “Leonora”, de Pedro Bloch (1956)
25. “Luz de gás”, de Patrick Hamilton (1958)
26. “Mulheres feias”, de Achilles Saita (1957)
27. “Música para meditação”, de Stanley Richards (1961)
28. “O beijo que era meu”, de José Wanderley e Mário Lago (1970)
29. “O capitão e o cabra”, de Luís Maranhão Filho (1970)
30. “O Divino Mestre”, de Didi Câmara Cardoso (1945)
31. “O escravo”, de Lúcio Cardoso (1951)
32. “O macaco peralta” (1971)
33. “O muro”, de Jean-Paul Sartre (1958)
34. “O noivo de Luíza”, de Saint-Clair Senna (1949 – 1962)
35. “O santo e a porca”, de Ariano Suassuna (1967)
36. “O Santo Inquerito”, de Dias Gomes (1968)
37. “O testamento de Perpétua”, de Stella Wanderley (1952)
38. “Os inimigos não mandam flores”, de Pedro Bloch (1961)
39. “Praieira dos meus amores”, texto de Jaime dos Guimarães Wanderley, música de Garibaldi Romano. Último trabalho de direção de Sandoval Wanderley (1972)
40. “Quando despertarmos de entre os mortos”, de Henrik Ibsen

(1950)

41. “Quando o amor renasce”, de Jayme dos Guimarães Wanderley (1945)
42. “Simone”, de Eugene Brieux (e atuação como ator) (1951)
43. “Trapézios Volantes” (1948)
44. “Tempestade” de Mário Brasini (1950)
45. “Testemunha indiscreta”, de Jaime dos Guimarães Wanderley (1961)
46. “Treze à mesa”, de Marc Gilbert Sauvajon (1956)
47. “Vestir os nus”, Luigi Pirandello (1957)

PEÇAS DE SUA AUTORIA

1. “A Enfermeira”, 1942.
2. “A Terra não é de ninguém”, 1963.
3. “A vida é uma nota falsa”, 1944.
4. “Beco da Quarentena”, 1965.
5. “Binidito”, 1941, e 1969.
6. “Brasil”, 1941.
7. “Bruto”, 1952.
8. “Coronel no passo”, 1948.
9. “E assim é a vida...”, 1941 e 1948.
10. “E ofende?”, 1954.
11. “Honesto, mas ladrão”, 1966.
12. “Ingratidão”, 1943.
13. “Isabel”, 1942.
14. “Julgai-me, senhores”, (direção Walter de Oliveira) 1952 e 1960.
15. “Natal”, 1941.
16. “Natal Revista”, 1967.
17. “Os culpados”, 1954.
18. “Padre Miguelinho”, 1968.
19. “Pare, por favor”, com Paulo Teixeira, 1955 e 1960 (com Luís Messias).
20. “Por causa de uma mini-saia”, 1970.
21. “Quem te viu e quem te vê!...”, 1944.
22. “Quinta Coluna”, 1943.
23. “Sarita”, 1958.
24. “Taberna azul” 1939, 1941, 1943 e 1964.
25. “Tempos Modernos”, 1942 e 1950.
26. “Tinha que acontecer”, 1961.
27. “Todo pai tem uma filha que é uma brasa”, 1971.
28. “Tudo é mentira”, 1942.
29. “Um corpo caiu na madrugada”, 1962.
30. “Um dos três é o pai”, 1972 (sua última peça).
31. “Um marido mais ou menos fiel”, 1967.
32. “Um rapaz direito”, 1942, 1946 e 1966.

ZETE WANDERLEY

A ATRIZ NORTE-
RIO-GRANDENSE QUE
MAIS ENCENOU



Atriz amadora Zete Wanderley.
Foto da família.

A família de Segundo Wanderley – seu pai – se formou em um ambiente de teatro. Sua irmã Stella já se iniciava na poesia e no teatro quando Zete (Maria José de Bittencourt Wanderley – nascida em Natal a 2 de julho de 1906) participou, a 30 de outubro de 1928, do “Bailado das Estrelas”, festival em benefício das crianças pobres do bairro do Alecrim. A primeira vez que subiu ao palco do TCG se verificou com a peça “Ladra”, que o Centro Estudantil Potiguar encenou a 8 de agosto de 1937. Com o mesmo grupo atuou em “De joelhos” (9 de abril de 1938).

Com a fundação de Grêmio Dramático de Natal, em 1939, inicia-se uma nova e importante fase do teatro natalense, intensificada com a fundação do Conjunto Teatral Potiguar, em 1941, por Sandoval Wanderley.

Mesmo tendo o seu primo Sandoval na direção do CTP, Zete permaneceu no GDN e iniciou sua participação no conjunto com “Renúncia”, de Ivo Filho, a 23 de maio de 1940. Muitas foram as suas atuações no GDN, destacando-se os sucessos em “Iaiá Boneca” (5, 6 e 7 de dezembro de 1942), “Uma casa de bonecas” (23 de maio de 1944) e “Além do horizonte” (12 de março de 1950), sua última encenação com o GDN. Destaque-se a atuação de Zete como a Madre Superiora em “Os Anjos do Claustro”, (GDN, 24 e 28 de novembro de 1945), peça escrita por seu pai e completada por Stella, sua irmã.

Em 1951, Sandoval Wanderley desligou-se do Conjunto Teatral Potiguar e criou o Teatro de Amadores de Natal (TAN). A 4 de junho estreava o novo grupo com a peça “Simone” e, logo depois, “Sinhô escravo” (29 de outubro; 7, 8 e 10 de novembro), delas participando Zete. Iniciava-se uma longa série de atuações. Nos dias 7 e 8 de abril de 1968, o TAN comemorou o seu 17º aniversário encenando “A próxima vítima”, de Marcos Reis, sempre sob a direção de Sandoval Wanderley. Na ocasião, Zete Wanderley foi homenageada, por haver completado cento e dez encenações teatrais naquele conjunto.

O levantamento das atuações de Zete Wanderley no TAN a partir do número anterior levaria a uma extensa lista não cabível nesta ocasião. Em conclusão, registra-se sua última atuação, quando o TAN encenou “O beijo que era meu” (6 a 10 de abril de 1970), de José Wanderley, dirigida por Sandoval, ambos seus primos...

Faleceu aos 64 anos, a 26 de novembro de 1970. Talvez por coincidência, a fase áurea do teatro Norte-rio-grandense



Zete Wanderley (ao centro), em “Carlota Joaquina” (outubro de 1944). Foto do acervo do autor.

estava em declínio... Já longe iam os tempos de *Dona Honoria e Maria Epiphanea*. Didi Câmara, Lourdes Nascimento, Terezinha Maia, Clarice Palma, Edira Nascimento, Célia Bezerra, Áurea Barros Cavalcanti, Acidália de Oliveira, são gratas lembranças de um tempo feliz.



CLARICE PALMA



Foi, sem dúvida, uma das maiores participantes da vida do TAM. Como atriz, autora, poeta, sempre se destacou pelo entusiasmo e dedicação à sua arte. Filha do poeta Francisco Palma e Júlia da Silva Pereira Palma, nasceu a 12 de abril de 1911.

A primeira vez que pisou o palco do TCG deu-se a 2 de setembro de 1929, em uma festa em benefício da construção da Maternidade de Natal, como cantora... Em 1936, era atriz em “Natureza”, encenada pelo Centro Estudantal Potiguar.

Fundado o Grêmio Dramático de Natal (10 de abril de 1939), Clarice da Silva Pereira Palma estava na primeira diretoria, como 1ª secretária, junto a nomes de peso na época,

como Carlos Siqueira, Didi Câmara, Amaro Pedroza, Alberto Moura, Urbano Brandão, Ivo Cavalcanti, Jorge, Sebastião e Túlio Fernandes, Waldemar de Almeida, Garibaldi Romano, Deolindo Lima e seu pai, Francisco Palma. Na estréia do novo conjunto com “Beatriz”, Clarice iniciava sua carreira no grupo. A partir de 1945 passou a atuar no Conjunto Teatral Potiguar. Este conjunto encenou a sua peça de estréia, “A Cega” (5 de outubro de 1948).

A 11 de novembro de 1953 é a vez de Clarice fazer estreiar um conjunto por ela mesma fundado, o “Clube dos Sete”, encenando “Bicho do Mato”, e atuando como atriz e diretora. Inúmeras foram as apresentações deste grupo até 1968, com 15 anos de atividades.

Ao completar 70 anos, Clarice recebeu demonstrações de apreço de seus admiradores, em evento realizado no TAM, descerrando-se uma placa em sua homenagem. Na ocasião lançou seu livro de poemas, “Crepúsculo”. Dedicando-se à poesia, lançou ainda “Meus últimos degraus” (1984) e “E minha vida continua” (1986).

Faleceu a 10 de agosto de 1996; seu corpo foi velado no salão de entrada do TAM.



BIBLIOGRAFIA

Peças:

“A Cega” (5 de outubro de 1948).

Poesia:

Folhas que restam do meu outono, poemas, CERN, 1979.

Meu barco sem roteiro, FJA, 1983.

Meu coração, poemas, 1959.

Meus últimos degraus, 1984.

Últimos versos, 1975.

E minha vida continua, 1986.

Crepúsculo, 1981.

Cascata de Emoções

TEREZINHA MAIA



Em junho de 1944, os jornais de Natal publicaram o resultado de um inquérito realizado pela Coordenação de Assuntos Interamericanos, que escolheu a Principal Figura das Artes Cênicas em Natal: o 1º lugar foi conferido à atriz Terezinha Maia, do Grêmio Dramático de Natal, pelo seu destaque em “Yaya Boneca” e “Uma casa de bonecas”. Era o reconhecimento de um talento que, demonstrado a partir de 1941, no palco do Teatro Carlos Gomes, teve ali – e exclusivamente neste Teatro – grandes momentos artísticos.

Seus pais, José Maia da Rosa e Silva e Geórgia Paiva da Rosa e Silva, (alagoanos) transferiram-se para Natal por motivo de trabalho. Maria Tereza da Rosa e Silva (seu nome de batismo) nasceu em Natal, a 16 de agosto de 1929, estudou no Colégio Pedro II e no Atheneu. No Instituto de Música do RN, estudou violino com Thomaz Babini e José Galvão.

Na ocasião em que a Rádio Educadora de Natal, em fase de instalação, escolhia seus cantores, Tereza obteve o 1º lugar em uma seleção, juntamente com o seu irmão Jacinto Maia, passando a integrar o elenco da primeira emissora de rádio de Natal, tomando parte no programa de inauguração a 30 de novembro de 1941. Ali, também, participou da orquestra, como violinista.

No mesmo ano de 1941, associou-se ao Grêmio Dramático de Natal, estreando (maio) com a revista “Natal”, de Sandoval Wanderley, do nos papéis de “Praça Gentil Ferreira”, “A Graciosa” e “Praia do Meio”, “Praça Gentil Ferreira” e “Aluna de Canto”. No mesmo ano (julho) interpretou “Belinha”, em “O amigo da paz”, de Armando Gonzaga. Em 1942 (junho-julho), viveu Nede em “Silêncio”, de Ermógenes Viana, Margarida (setembro-outubro), em “O Burro”, de Joracy Camargo e o papel principal em “Iaiá Boneca”, (1942, dezembro 1943-janeiro-fevereiro e setembro) de Ernani Fornari. No ano de 1943 (janeiro), teve o papel principal em “Nuvens”, de Coelho Neto; Susana, papel principal em “Rosas de todo o ano” (março), de Júlio Dantas; fez Eliza, em “Beatriz”, de Urbano Brandão (maio) e Ângela, em “O bobo do rei”, de Joracy Camargo (julho-agosto).

Encerrou suas atividades teatrais em 1944, (maio) como Norma, em “Uma casa de bonecas”, de Ibsen, e Gertrudes, em “Carlota Joaquina” (setembro), de R. Magalhães Júnior. Na Rádio Educadora de Natal, já denominada Rádio Poti – onde era anunciada como “A bonequinha do microfone” – cantou até 1945.



Atriz amadora Terezinha Maia.
Elenco de “Uma casa de bonecas”
(1944). Foto do acervo da atriz.

Casando-se, deixou Natal em 1953 residindo, no momento, no Recife.

ORIANO DE ALMEIDA

O MUSICISTA QUE MAIS SE APRESENTOU

No dia 8 de novembro de 1930, o menino Oriane¹³⁶ de Almeida subiu pela primeira vez ao palco do TCG. Com apenas 9 anos, acompanhou o recital do cantor João Cavaliere. A 29 de janeiro de 1933, participou de um pequeno conjunto orquestral que acompanhou a apresentação do Duo Suzette-Alex, cantores italianos de árias de óperas. Caracterizados de índios, cantavam trechos de “O Guarani”, de Carlos Gomes. Muita repercussão na cidade. Banda de música na porta do Teatro, como ainda hoje se faz.

A 10 de março de 1933, Oriane subiu outra vez ao palco do TCG para acompanhar o recital do violinista Raul Laranjeiras.

Como solista, realizou seu primeiro recital a 2 de abril de 1936, aos 14 anos de idade. Depois do segundo recital –

^{136.} Adotou, posteriormente, o nome artístico de Oriano de Almeida.



Oriano de Almeida apresentando-se no TAM. Foto de autor não-identificado. Acervo do autor.



Oriano de Almeida e sua esposa, pianista Íris de Almeida. Foto de autor não-identificado. Acervo do autor.

21 de janeiro de 1938 – transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de continuar seus estudos. Retornou a Natal 5 anos depois, já profissional em música, apresentando-se a 22 de janeiro de 1945. Raros foram os anos em que o artista não vinha à cidade para apresentar recitais.

Em uma dessas vindas a Natal foi homenageado pelo Teatro do Estudante, a 7 de maio de 1946. Na sessão solene, presentes Prefeito e autoridades, inaugurou-se um seu retrato afixado no gabinete do Diretor do Teatro. O homenageado falou, agradeceu e tocou.

A 15 de julho de 1954, retornando de apresentações nos Estados Unidos, tocou a dois pianos com Íris Bianchi, sua esposa.

Neste mesmo ano de 1954 iniciou o Curso Oriano de Almeida, que formou uma geração de grandes pianistas em Natal. As aulas se realizavam no Salão Nobre do TAM. Este curso apresentou cinco Aulas de Interpretação Musical, até o ano de 1956. A partir de 1958, tais eventos passaram a se denominar Recital de Alunos do Curso Oriano de Almeida, apresentando o 1º a 15 de janeiro (o 2º foi em Mossoró) e o 3º a 20 de junho.

137.
Oriane Correa de Almeida nasceu em Belém, Pará, a 21 de julho de 1921.

Programa e ingresso do primeiro recital de Oriano de Almeida, aos 14 anos (2 de abril de 1936). Acervo do Memorial "Oriano de Almeida", Instituto Histórico e Geográfico do RN.



Oriano de Almeida (uma das últimas fotos). Foto do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do RN.



Uma vez somente Oriano de Almeida se apresentou com Orquestra no TAM: a 18 de agosto de 1965 executou o “Concerto Para Piano e Orquestra” n.2 em fá menor, *opus* 21, de Chopin, acompanhado pela Orquestra Sinfônica do Recife, regida pelo Maestro Vicente Fittipaldi.

Seu último recital no TAM se realizou a 23 de fevereiro de 1978. A partir de 1981 passou a residir em Natal. Problemas de saúde o afastaram definitivamente dos palcos.

O levantamento das apresentações do pianista Oriano de Almeida no TCG e, depois, no Teatro Alberto Maranhão indicam um número de trinta e quatro eventos, incluídas as sete vezes em que apresentou seus alunos.

Havendo falecido a 11 de maio de 2004 – na ocasião em que este trabalho era redigido –, faz-se este registro também como uma homenagem à sua memória destacando-se, pelo número de apresentações no TAM, seu arraigado amor pela cidade que o adotou.¹³⁷

LENÍCIO QUEIROGA

O ATOR NORTE-
RIO-GRANDENSE
QUE MAIS ATUOU



Teatrólogo Lenício Queiroga. Foto de seu arquivo particular.

Filho de Francisco Rosa e Silva e Rita Queiroga e Silva, nasceu a 22 de janeiro de 1951.

Sua primeira atuação no teatro se deu em 7 de setembro de 1972, participando do elenco do “O Inspetor Geral” (Nicolai Gogol) e de um jogral com textos de poetas brasileiros, encenado pelo TONUS (Teatro Novo Universitário), dentro do III Festival de Cultura Universitária. Com o mesmo grupo participou de *A bicicleta do condenado* (Fernando Arrabal, 1973), *O Auto da Barca do Inferno* (Gil Vicente), *O Barbeiro de Sevilha* (Beaumarchais), *A Pena e a Lei* (Ariano Suassuna), e outras.

Licenciado em História pela UFRN em 1974, foi admitido como funcionário da Fundação José Augusto em 1966, ali exercendo diversas funções, como também na Secretaria de Educação e Cultura do RN. Integrou como intérprete, nos anos 1976-1979, a equipe da TV Universitária.

Transferindo-se para o Rio de Janeiro, diplomou-se Bacharel em Artes Cênicas pela Escola Superior de Teatro do Centro de Letras e Artes da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO), em 1984.

Admitido como Técnico de Nível Superior do Instituto Nacional de Artes Cênicas, ali trabalhou entre 1985 e 1987. Trabalhou, igualmente, no Instituto de Teatro da Fundação Nacional de Artes Cênicas (1988-1990), no Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (1991-1993) e na Fundação Nacional de Artes, como Coordenador de Teatro do Departamento de Difusão Cultural (1993-1995). Nas instituições exerceu importantes funções de coordenação de mostras, festivais, projetos, concursos, prêmios e troféus e participou como jurado e debatedor de inúmeros festivais regionais e nacionais de Teatro, em diversos Estados.

Ingressando no Magistério, lecionou História e Educação Artística em Natal, por mais de doze anos. Na Escola Superior de Teatro da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO), lecionou durante três anos as disciplinas Interpretação e Teoria do Espetáculo, ministrando mais de 50 cursos de teatro em vários Estados.

Participou de diversos especiais na Rede Globo de Televisão e das novelas *Lampião e Maria Bonita* (1982), *Eu Prometo* e *Bandidos da Falange* (1983). Na área do cinema, participou como protagonista dos longas-metragens *Lampião no Paraíso* e *Boi de Prata* (1980).

Destaque especial em sua carreira teatral é a interpretação do personagem único de *Apareceu a Margarida*,



Ator Lenício Queiroga em “Apareceu a Margarida”. Foto de seu arquivo particular.

de Roberto Athayde. Encenado pela primeira vez no TAM, a 25 de março de 1977, levou o ator a percorrer todos os Estados brasileiros e a se apresentar em temporada de um ano e seis meses no Rio de Janeiro, estabelecendo o recorde na época de 1.438 apresentações. Tal performance lhe fez merecedor de 12 prêmios nacionais de teatro, entre estes o “Prêmio Nacional Grande Otelo”, “Prêmio Nacional Procópio Ferreira”, “Prêmio Mambembe” e “Prêmio Molière” entre 1977 e 1983.

Como dramaturgo, Lenício Queiroga escreveu e apresentou *Chão dos Simples*, baseado num texto de Manoel Onofre Júnior, encenada no TAM em julho de 1997. Ainda inéditas, escreveu *Amor, terrível amor* (1996), *Anjos da Paixão* (1997), *Às vezes falo que te amo* (1998), *As viúvas* (2000), *Nana e Tatuado* (2001), *Prazer em conhecer* (2002).

Desde 2004, exerce a função de Assessor Técnico da Direção do Teatro Alberto Maranhão.

RACINE SANTOS



Teatrólogo Racine Santos.
Foto de seu arquivo particular.

RACINE dos SANTOS Silva nasceu em Natal, a 6 de junho de 1948, filho de Waldemar Soares da Silva e Raimunda Santos Silva.

Iniciou sua percepção para o mundo da arte cênica na cidade de Macaíba, assistindo as ingênuas festas populares do pastoril e João-Redondo. Residindo no Recife, ampliou o universo de seus conhecimentos sobre as artes plásticas e cultura popular frequentando os teatros da cidade.

De volta a Natal, aproximou-se de Sandoval Wanderley e começou a fazer parte do Teatro de Amadores de Natal, atuando como ator.

Ingressando na Fundação José Augusto em 1976, idealizou e coordenou projetos culturais, como o Circo da Cultura, feiras culturais e festivais de teatro. Neste ano escreveu sua primeira peça: *A Festa do Rei*.

Em 1980 promoveu a I Semana Potiguar de Teatro, onde estreou sua peça *A Farsa do Poder*. Em 1988 criou e editou a revista *Palco Nordeste* e, dois anos depois, estreou em Portugal (Cidade do Porto) *À luz da lua, os punhais*. Em 1992, *A grande serpente* foi encenada em Madri e, no mesmo ano, *A luz da lua, os punhais* era traduzida para o espanhol. Em 1995, *Elvira do Ipiranga* estreou em São Paulo.

Entre outros, dois fatos confirmam a qualidade e apelo popular das peças de Racine Santos: *A Farsa do Poder* recebeu o Prêmio Nacional de Dramaturgia Paulo Pontes, em 1986. Por sua vez, *As aventuras de Pedro Malazarte*, encenada pela Companhia *Alegria, Alegria*, teve inúmeras encenações no TAM, em muitas cidades brasileiras e, em 1994, em nove cidades portuguesas, dentro do Projeto CUMPLICIDADES. Em 1998, a mesma Companhia tomou parte no 12º Encontro Latino-americano de Teatro Popular (ENTEPOLA), em Santiago do Chile e na EXPO/98, durante a Exposição Mundial, em Lisboa, obtendo o mesmo êxito com as aventuras do endiabrado personagem.

Fundador, em 1998, da Associação de Dramaturgos do Nordeste exerce, no momento, a sua presidência. É, igualmente, Presidente do Teatro de Amadores de Natal. Jornalista, edita a revista “Em Cena”.

PEÇAS DA AUTORIA
DE RACINE SANTOS

A festa do rei, 1976

A farsa do poder, 1979

As aventuras de Pedro Malazarte, 1980
Bye Bye Natal (Musical), 1985
Maria do Ó, 1986
O dia em que Jesus nasceu, 1987
Elvira do Ipiranga, 1988
O Congresso das Borboletas, (infantil) 1989
Á luz da lua, os punhais, 1990
A grande serpente, 1992
O menino e os galos (infantil), 1993
Quando o sol se reparte em crimes, 1997
Chico Cobra e Lazarino, 1998
O vôo do cavalo do cão, 1999
O auto do Boi de Prata, 2000
A Ópera do Malazarte, 2001
Sangrando no pátio derramado, 2004.

LIVROS PUBLICADOS

A Casa Nordestina (poesia), Edição do Autor, Natal, sem data.
Sandoval Wanderley: da política para o teatro, Fundação José Augusto, s/d.
Uma cidade vestida de sol, (poesia), Natal, 1986
A Festa do Rei (teatro), Fundação José Augusto, Natal, 1982
À luz da lua, os punhais (teatro), Editora Trapiá, Natal, 1992
Natal em cena (História dos Espetáculos Teatrais de Natal), Editora Trapiá, Natal, 1996
Romance da Fortaleza da Barra do Potengi (poema), Editora Trapiá, Natal, 1995
Duas Farsas Nordestinas (teatro) Editora Trapiá, Natal, 2001
Teatro de Racine (teatro), Editora Trapiá, Natal, 2003.

CARLOS FURTADO



CARLOS Roberto da Silva FURTADO Balduíno, filho de José Balduíno da Silva e Marfisa da Silva Furtado, nasceu em Cuité, Paraíba, a 6 de dezembro de 1941.

Muito criança ainda, começou a ler peças de teatro, textos de Gastão Tojeiro, Goethe, Cervantes e outros. Em 1956 participou de um curso de teatro com Raul Phrison, definindo sua preferência pela atividade. Em 1964 integrou-se

à Campanha de Educação Popular (CEPLAR), em Campina Grande, onde criou um grupo de teatro, escolhendo para montagem *A Beata Maria do Egito*, de Rachel de Queiroz. O golpe militar de 1964 impediu a estréia do espetáculo, pois a CEPLAR e sua produção foram consideradas subversivas. Mudando-se para o Recife, participou de cursos de teatro na Escola de Belas-Artes. Transferindo-se para Natal em princípios de 1965, passou a trabalhar no SESC (1966), onde criou o Teatro Social do Comerciário e montou duas peças. Trabalhando, ainda, no Setor de Ação Comunitária do CRUTAC - UFRN, em Santa Cruz, criou o grupo Teatro de Amadores de Santa Cruz, montando para a estréia, no final de 1966, um *Auto de Natal* de Dom Marcos Barbosa. Em 1968, estreou o recém-criado TONUS (Teatro Novo Universitário) com *As Troianas*, de Eurípedes, adaptação de Jean-Paul Sartre. Este espetáculo é considerado como o início da renovação técnica do teatro local, ao empregar as revolucionárias técnicas do teatro de Brecht. A audácia lhe acarretou pesada oposição das partes conservadoras, pois a peça trazia forte conteúdo político relacionado com a guerra do Vietnã.

Sobre a atividade teatral de Carlos Furtado, assim se pronunciou o ator e teatrólogo Lenício Queiroga, que iniciou sua carreira no TONUS:

A presença de Carlos Furtado na cena teatral potiguar tem significado especial. Pelo caráter inovador de seus trabalhos, eu diria que Natal teve pela primeira vez espetáculos onde todo o processo de montagem seguia parâmetros científicos. Razão dos surpreendentes resultados, que vinham desde a preparação teórica e física dos atores, e onde a conjunção cenário, figurino e sonoplastia se fazia presente. Daí os bons resultados em que o desenho cênico de suas peças sempre mostrava a sua marca.

Carlos, sem dúvida, influenciou toda uma geração de atores, diretores e estudiosos do teatro, e a sua histórica montagem de “A Bicicleta do Condenado”, de Arrabal, a qual tive a honra de protagonizar, assim como outras de igual importância, como o “O Inspetor Geral” (Gogol), “Auto da Barca do Inferno” (Gil Vicente), “O Barbeiro de Sevilha” (Beaumarchais), “A Pena e a Lei” (Suassuna), etc., me faz afirmar que o teatro do Rio Grande do Norte, em se tratando

*de renovação da linguagem ou escrita cênica,
se divide em antes e depois de Carlos Furtado.*

ESPETÁCULOS
TEATRAIS
DIRIGIDOS POR
CARLOS FURTADO

1966 - *Farsa do rapaz que casou com mulher geniosa*, (Alejandro Casona), ambas com o Teatro Popular do Comerciário, no Ginásio de Esportes do SESC, Natal.

O vaso suspirado, de Francisco Pereira da Silva, com o Teatro Popular do Comerciário, no Ginásio de Esportes do SESC, Natal.

Mutirão, colagens de música popular brasileira, música coral e texto teatral, com o Grupo de Teatro de Amadores de Santa Cruz, Santa Cruz, RN, no Trairi Clube, em Santa Cruz, RN.

O Mistério da Estrela do Natal, (Dom Marcos Barbosa), com o Grupo de Teatro de Amadores de Santa Cruz, Santa Cruz, RN, no Trairi Clube, em Santa Cruz, RN.

1967 - *A intriga do cachorro com o gato*, (Altimar de Alencar Pimentel), com o Teatro de Amadores de Santa Cruz, em Santa Cruz, RN.

1968 - *As Troianas* (Eurípedes), com o Teatro Novo Universitário, no TAM.

1970 - *A bicicleta do condenado* (Fernando Arrabal), com o grupo Picadeiro Elenco de Repertório, Natal, no TAM.

1972 - *O Inspetor Geral*, (Nicolai Gogol), Teatro Novo Universitário (TÔNUS), TAM.

Jogral, com textos de poetas brasileiros. Teatro Novo Universitário, no TAM.

1973 - *A bicicleta do condenado* (Nova montagem), (Fernando Arrabal), com o Picadeiro Elenco de Repertório, no Teatro Sandoval Wanderley, no Alecrim.

1974 - *Auto da barca do inferno* (Gil Vicente) Teatro do Instituto de Letras e Artes – TILA, UFRN, no TAM.

O velho da horta, (Gil Vicente), com o Grupo de Teatro da Escola Doméstica de Natal, no TAM.

O Barbeiro de Sevilha, (Beaumarchais), tradução de Mário Quintana. Teatro Novo Universitário, no TAM.

A pena e a lei, (Ariano Suassuna). Teatro Novo Universitário, TONUS, no TAM. Apresentada nos finais

de semana em mais de 130 municípios do Estado, através de convênio entre a UFRN e MOBRAL.

1975 - *Hoje a banda não sai* (Severino Marcos Tavares), com o Teatro Novo Universitário, no TAM. Apresentada, também, mais de 130 vezes nos finais de semana, no interior do Estado, através de convênio entre a UFRN e MOBRAL.

1976 - *A fogueira feliz* (José Luis Martin Descalço), Teatro Novo Universitário, na Capela do Campus Universitário e na Matriz de Nísia Floresta.

1977 - *A derradeira ceia* (Luis Marinho), com o Grupo Expressão, da TV Universitária, Apresentado no TAM e em Mossoró.

A bicicleta do condenado, (Fernando Arrabal), com o Grupo Expressão da TV Universitária da UFRN e TONUS. TAM. Participação no V Festival Nacional de Teatro Amador, realizado em Ponta Grossa, Paraná: prêmio de “Melhor Direção”, com o espetáculo “A bicicleta do condenado” (Fernando Arrabal). Do mesmo trabalho foram premiados Ivonete Albano (Melhor Atriz) e José Avelino (Melhor Figurinista).

1978 - *A Antígona*, (Sófocles, adaptação Brecht), tradução de José Carlos Gondim. Grupo Expressão da TV Universitária do RN - UFRN. Apresentação no TAM e em Campina Grande.

A linha do vento, (Homero Homem), Grupo Expressão da UFRN e Teatro Novo Universitário. TAM

O auto da cobiça, (Altimar de Alencar Pimentel) com o Teatro Novo Universitário, TAM

1979 - *O Nordeste em quatro tempos*, TONUS, TAM.

1980 - *Xipófagos*, (Enoch Domingos), Teatro Novo Universitário, TAM

Piquenique no front, (Fernando Arrabal) Teatro Novo Universitário, TAM

1981 - *A lição*, (Eugène Ionesco), com Picadeiro Elenco de Repertório, TAM.

1982 - *Tabarin guarda de honra* e *Tabarin salsicheiro*, Teatro Novo Universitário (TONUS), no Departamento de Arte da UFRN.

1983 - *O anjo negro*, (Nelson Rodrigues) com o Grupo Elenco Oficial do Teatro Alberto Maranhão.

1990 - *Contem Comigo*, de Ziraldo, com Joiran Medeiros e bonecos.

JESIEL FIGUEIREDO



Teatrólogo Jesiel Figueiredo.
Arquivo do Diário de Natal.

Nascido em Natal, a 11 de abril de 1938, era filho de Josué Figueiredo e Nair Galvão Maciel de Figueiredo.

JESIEL Maciel de FIGUEIREDO iniciou-se no teatro através de Clarice Palma, participando do elenco de “O nó de quatro pontas”, levado à cena em 1957 pelo “Clube dos Sete”, no Salão Paroquial da Igreja de São Pedro, no Alecrim. Após esta primeira experiência, criou o conjunto “Teatro de Amadores Unidos” – que manteria durante toda sua vida – estreando a 29 de janeiro de 1959 com “Paiol Velho”, de Abílio Pereira de Almeida. A partir daquela data, Jesiel Figueiredo dirigiu um vasto número de espetáculos, levando ao palco do TAM peças de renomados autores nacionais e estrangeiros.

Em 1968 participou do Festival do Teatro de Estudantes promovido no Rio de Janeiro pelo teatrólogo Paschoal Carlos Magno, recebendo o prêmio de Melhor Ator e Melhor Diretor, o que lhe valeu uma viagem à Europa para estudos e observações de teatro.

Foram igualmente destacadas as suas atuações como ator, encarnando personagens notáveis como João Grilo (“Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna), Zé do Burro (“O Pagador de Promessas”, de Dias Gomes), Calígula (“Calígula”, de Alberto Camus), Hamlet (“Hamlet”, de Shakespeare), entre tantos outros.

Licenciou-se em Educação Artística em 1979 (UFRN - Departamento de Artes), com opção para Artes Cênicas, ingressando, pouco tempo depois, no magistério daquele Departamento. Ocupou, ainda, as funções de Diretor do Teatro do Serviço Social da Indústria (SESI), entre os anos 1972 a 1994.

Em 1982, arrendou o prédio do Salão Paroquial da Igreja de São Pedro, no Alecrim, ali instalando o Teatro Jesiel Figueiredo, onde apresentou intensa atuação até o ano de 1992.



Sua mais importante atividade foi, sem dúvida, a criação de uma divisão de Teatro Infantil, dentro do Teatro de Amadores Unidos, que denominou Teatro Infantil Jesiel Figueiredo, estreando em 9 de setembro de 1967, com “Pluft, o Fantasminha”, de Maria Clara Machado. Pela primeira vez na cidade, o público infantil teve uma programação exclusiva e, até 1994, as tardes de domingo do TAM foram a ele inteiramente dedicadas. A 29 de março de 1992 iniciou as apresentações do projeto “Domingo Tem Teatro”, igualmente dedicado ao público infantil, estreando com “No reino do faz-de-conta”.

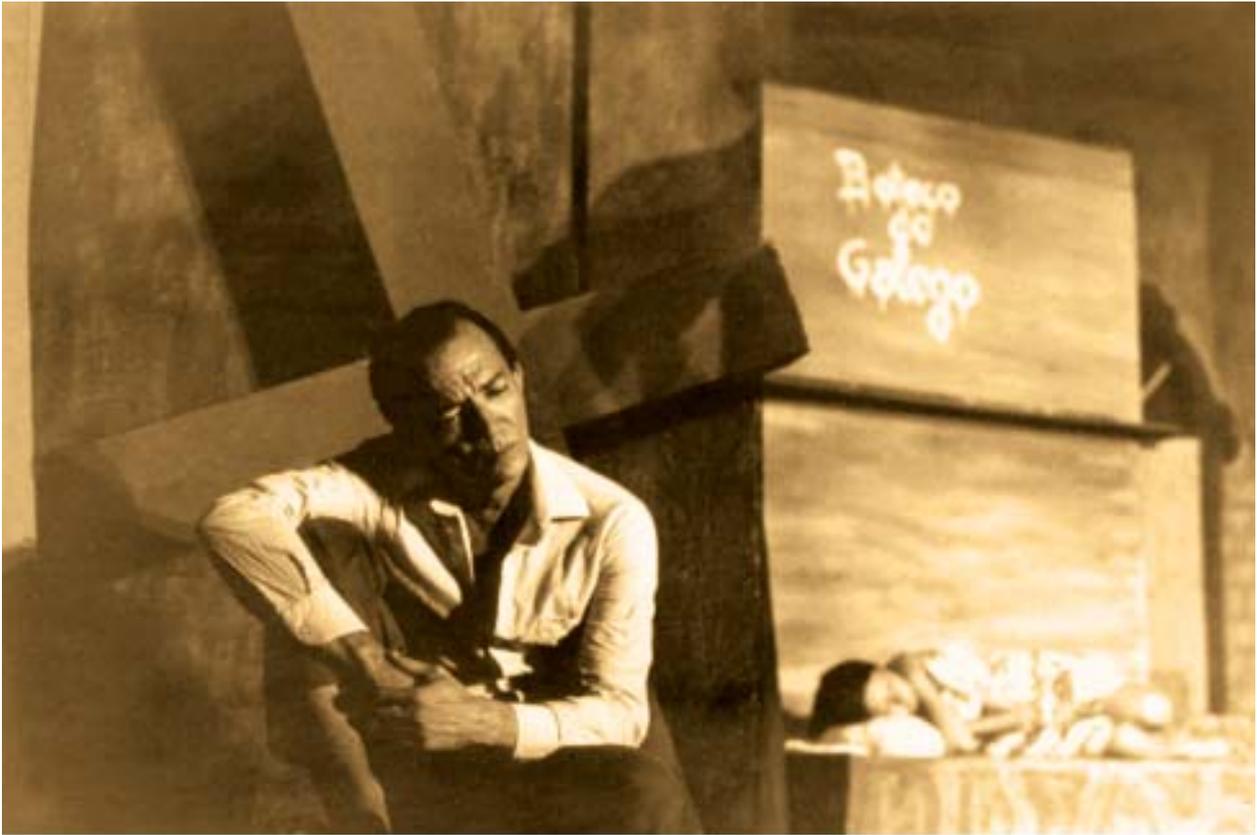
Além da encenação de autores nacionais, enriqueceu o repertório teatral infantil com a adaptação de fábulas e contos infantis, nacionais e estrangeiras.

A 16 de agosto de 1994, um acidente automobilístico vitimou o teatrólogo Jesiel Figueiredo. Seu velório se realizou no palco do TAM, que perdia um dos seus mais entusiastas e destacados artistas.

A Companhia Teatro de Amadores Unidos, na data presente, ainda continua em atividade, mantida por ex-alunos, amigos e admiradores, na tentativa de continuar o trabalho iniciado por Jesiel Figueiredo. “O casamento de Dona Baratinha”, estreada em 1972 – a mais encenada de suas adaptações –, continua a encantar o público infantil da capital e do interior, e também a muitos pais que recordam, com emoção, as cenas que também os encantaram, quando crianças, no palco do TAM.

PEÇAS INFANTIS
ADAPTADAS E
ENCENADAS POR
JESIEL FIGUEIREDO

1. *A bruxinha que era boa*
2. *A formiguinha e a neve*
3. *Alice no bosque da caipora*
4. *A nova história da Gata Borralheira*
5. *A princesa e a Moura Torta*
6. *A viagem do barquinho (Sílvio Ortoff)*
7. *A volta do Camaleão Alface (Maria Clara Machado)*
8. *Aladim o herói da lâmpada*
9. *Alice no Bosque Encantado*
10. *As aventuras de Peter Pan*
11. *As aventuras do Pequeno Polegar*
12. *Branca de Neve e os 7 anões*
13. *Chapeuzinho Vermelho (Maria Clara Machado)*
14. *Cinderela*



Jesiel Figueiredo em “O pagador de promessas” (agosto de 1967).
Arquivo do Diário de Natal.

Jesiel Figueiredo

15. *Grandão Pichote contra o Lobishomem*
16. *Joãzinho e Maria no Reino Encantado*
17. *No reino do Faz-de-Conta”*
18. *O casaco encantado*
19. *O casamento de Branca de Neve*
20. *O casamento de Dona Baratinha*
21. *O Gato de Botas*
22. *O Pequeno Polegar*
23. *O Pequeno Polegar e os prisioneiros da floresta*
24. *O Príncipe Valente e os Cavaleiros da Távola Redonda*
25. *O rei Lesco-Lesco*
26. *Pluft, o fantasminha (Maria Clara Machado)*
- Simbad, o marinheiro*

MEIRA PIRES



O ator Meira Pires.
Foto do arquivo do TAM.

Autor, diretor, ator. O Diretor do TAM que mais tempo permaneceu na função.

Durante os trinta anos em que dirigiu o TCG/TAM, Meira Pires marcou profundamente a História do teatro local com o sinal de sua dedicação. Polêmico, elogiado e combatido, não há como deixar de reconhecer que dedicou toda sua vida à arte teatral e ao patrimônio que dirigia. Vivendo exclusivamente desta atividade, entregou-se a ela com integral paixão, participando e provocando quase tudo o que aconteceu no TAM. Meira Pires e TAM, examinados à distância que o tempo hoje proporciona, tornam-se uma individualidade, fundem-se em uma só entidade. Um vivia para o outro e este viveu graças à sua paixão.

Nascido em Ceará-Mirim a 15 de março de 1928, Inácio Meira Pires era filho de Tibúrcio Gambarra Pires e Luíza Meira Dantas. Em Ceará-Mirim teve as primeiras letras e em Natal, estudou no Atheneu.

Foram tantos os fatos de sua vida teatral que, por restrição de espaço, a partir deste momento o texto passa a ela se referir em esquemática ordem cronológica.

1947 - 4 de novembro: encenada a primeira peça de sua autoria, *Destino*, pela Phoenix Dramática Segundo Wanderley, dirigida por Sandoval Wanderley, reprisada a 5, 6 e 7 do mesmo mês, no Teatro Carlos Gomes.

– fundou, com João Gurgel e José Maria Guilherme, o Teatro da Mocidade.

1948 - Teatro da Mocidade encena suas comédias *Lágrimas de Fogo* (28 de janeiro), *Um Rosário de Dor* (27, 28 e 30 de agosto) e *O biriba chegou* (15 de setembro) todas no TCG e sob sua direção.

1949 - Abril 30: estréia o Teatro do Bairro, por ele fundado no salão de festas do Alecrim Clube, encenando a sua comédia em três atos *As mulheres me pertencem*.

Novembro 3: criou a companhia Meira Pires e seus Artistas, levando ao palco *Lady Godiva*, de Guilherme Figueiredo.

1950 - Março 24: encena a comédia de sua autoria *O Bonitão da Família*, representada a 25, 26 e 28 do mesmo mês, com o Teatro Escola do Natal, por ele fundado.

Março, 26 e 28: Teatro Escola do Natal apresentou *Crime e Pecado*, de sua autoria.

Março, 27: levou ao palco a sua adaptação de *Espectros*, de Henrik Ibsen, reencenada a 17 e 19 de dezembro.

Junho, 25: Companhia Procópio Ferreira realizou quinze espetáculos no TCG e, na sua despedida, encenou *O Bonitão da Família*.

Neste ano começou a sentir os primeiros sintomas da surdez que prejudicaria sua carreira de ator.

1951- Dirigiu *De Braços Dados*, de Armando Mook (julho, 14, 17 e 18 e 19), *O homem que perdeu a alma*, de Jaime dos Guimarães Wanderley, (agosto 24 a 27), ambos com o Teatro Escola do Natal.

1952 - Janeiro 5 a 7: dirigiu *Alguém Chorou a perdida*, de Jaime dos Guimarães Wanderley.

Fevereiro 12: nomeado, pelo Ministro da Educação e Saúde para a função de Delegado do Serviço Nacional de Teatro para o Rio Grande do Norte.

Março, 5: assinatura do convênio entre a Prefeitura Municipal de Natal e o Serviço Nacional de Teatro: TCG passa à administração do SNT. Posse como Delegado do SNT, assumindo praticamente (e sem remuneração) a direção do TCG.

Julho 31 e 1º agosto: o Teatro Operário, por ele fundado, estréia com *As mãos de Eurídice*, de Pedro Bloch. Meira Pires foi o segundo intérprete brasileiro desta peça escrita para um único autor.

1953 - Janeiro, 22: como Delegado do Serviço Nacional de Teatro e através de Nota Oficial, proibiu a cessão do TCG para bailes de carnaval.

Março 31 e Abril 1º: encenou o seu monovox *A Mulher de Preto*.

Julho 4: iniciou grandes trabalhos de reforma no prédio do TCG.

Outubro 20: terminados os trabalhos, realizou reabertura solene.

1954 - Março 24: iniciou as festividades comemorativas do cinquentenário do TCG.

Maió 26: publicou a Revista do Cinquentenário.

Agosto 6: nomeado Diretor Efetivo do TCG pelo Prefeito Municipal (cargo remunerado, criado pela Câmara Municipal).

1955 - Maio 23: iniciadas novas reformas no Teatro Carlos Gomes.

Setembro 10: reabertura do TCG. Coordena o I Festival Nortista de Teatro Amador

1956 - Janeiro 19: iniciada a instalação do novo piso dos jardins do TCG.

Agosto 4: estréia do Teatro de Cultura do Natal (antigo Teatro Escola de Natal) com *Cândida*, de Bernard Shaw, direção Walter de Oliveira.



Teatrólogo Meira Pires, como ator.
Foto do arquivo do TAM.

1957 - Janeiro 7 a 25: promoveu o Curso Intensivo de Teatro, ministrado pelo ator e Diretor Graça Melo.

Agosto 23: depois de movimentada campanha, conseguiu a aprovação pela Câmara Municipal de lei que mudava o nome do TCG para Teatro Alberto Maranhão.

Outubro 2: afixa o nome de Alberto Maranhão no frontispício do Teatro.

1958 - Outubro, 10 a 20: instalou e presidiu o I Congresso Brasileiro de Teatro Amador. Durante o evento, fundou a Sociedade Nacional de Teatro Amador (SONATA), sendo eleito Presidente.

1959 - Maio 2: suspensas para obras as atividades do Teatro.
Junho 30: nomeado Presidente da Comissão Estadual de Teatro, criada por lei estadual.

Outubro 2: por sua sugestão, o Governador do Estado criou a Medalha do Mérito Alberto Maranhão.

Dezembro 19: lei municipal mudou para Superintendente o antigo cargo de Diretor do TAM; nomeado Meira Pires.

1960 - Janeiro 28: o TAM, administrado pela Prefeitura desde 1943, retorna ao Governo Estadual através de ato do Governador Dinarte Mariz.

Março 24: reinauguração do TAM após a conclusão das obras de restauração. Reabertura das atividades; promoveu o I Festival Nortista de Amadores do Autor Teatral Brasileiro que reuniu grupos teatrais até 4 de abril.

Novembro, 30: Governo do Estado cria o Quadro de funcionário do TAM: função de Superintendente passa a Superintendente Geral.

1961 - Agosto 2: instalação do Curso de Balé do TAM.

1962 - Abril 10 a 20: promoveu o Festival do Teatro através do Cinema: exibição de filmes baseados em peças teatrais.

Abril 28 a 30: promoveu o I Encontro dos Diretores de Teatro do Norte – Nordeste.

Maio 14: nomeado representante do Ministério da Educação para assuntos teatrais do Nordeste.

1963 - Julho 31 e agosto 1 a 4: Teatro Escola do Natal encenou *João Farrapo*.

1964 - Março 17 a 24: promoveu Curso Intensivo de Teatro ministrado pelo professor Joel Pontes, em comemoração ao 60º aniversário de fundação do Teatro Alberto Maranhão.

Agosto 15 a 30: Teatro Escola de Natal encenou *Terras de Arisco*, permanecendo quinze dias consecutivos em cartaz no TAM.

1966 - Setembro 23 a 30, outubro 1 a 3: Teatro Escola de Natal encenou *Senhora de Carrapicho*.

1967 - Abril 7: nomeado para o cargo de Diretor do Serviço Nacional de Teatro e passou a residir no Rio de Janeiro.

Dezembro 8: visita oficial ao TAM, como Diretor do Serviço Nacional de Teatro.

1968 - Maio 14: reassume a superintendência do TAM.

Novembro 20: inauguração do seu busto em bronze e lançamento do texto de *Terras de Arisco*.

1972 - Outubro 2: Centenário de Alberto Maranhão: o Governo do Rio Grande do Norte lhe concede um diploma de Honra ao Mérito.

Dezembro 7: solenidade de lançamento do Complexo Cultural do Teatro Escola de Natal – TENAT. O edifício, a ser construído em terreno à Praça André de Albuquerque, além das dependências propriamente teatrais, teria dependências que, alugadas, permitiriam a auto-sustentação da entidade. O projeto, elaborado pelo arquiteto Acácio Gil Bolsoi, foi entregue por Meira Pires ao Governador Cortez Pereira, juntamente com a escritura do terreno e projeto de viabilidade econômica. Incluiria cinema, cinema de arte, teatro, boate, restaurante, hotel, lojas. Custo total: 8 milhões de cruzeiros, a serem custeados pelo Governo do Estado, Ministério da Educação e Cultura, Banco do Nordeste, Conselho Nacional de Cultura, Embaixada dos Estados Unidos.

O diretor Meira Pires em uma de suas numerosas reformas do TAM.

Foto abaixo.
Meira Pires em “De braços dados”,
com Marinês Santos (julho de 1951). Foto
Jaei Galvão. Arquivo do TAM.



Meira Pires

NEIRA PIRES
DIRETOR DO TEATRO



1977 - Março 5 – completa vinte e cinco anos na direção do TAM.

Novembro 4: 30º aniversário de sua estréia como autor teatral.

1980 - Outubro 28: Lançamento do seu livro *História do Teatro Alberto Maranhão*.

1982 - Novembro 18: Falecimento, após haver exercido a função de direção durante trinta anos.

Além de suas atividades como ator, autor e diretor, Meira Pires mantinha colunas diárias nos diversos jornais da cidade, abordando os mais variados aspectos da vida artística e teatral de Natal. A 19 de agosto de 1953, publicou no “Diário de Natal”, uma crônica onde definia sua vida e seu universo de ideais:

*Vivo, unicamente, de Teatro e para o Teatro.
Outra coisa, dentro da vida, não aprendi a fazer,
graças a Deus.*



BIBLIOGRAFIA DE MEIRA PIRES

Teatro:

A Mulher de Preto, Vilar, Natal, 1952.

João Farrapo, Editora do Livro, Rio de Janeiro, 1967.

Teatro, DEI, Natal, 1968.

Terras de arisco, Editora do Livro, Rio de Janeiro, 1968.

Cabeça do Mundo, SNT, Rio de Janeiro 1972.

OUTROS TRABALHOS

Aderbal de França – O homem e o jornalista, CERN, Natal, 1975.

Alberto Maranhão e o seu tempo, SEEC, Natal, 1963.

História de Teatro Alberto Maranhão, FJA, Natal, 1980.

Papel da reserva militar, DEI, Natal, 1971.

Teatro Alberto Maranhão e seu patrono, CERN, Natal, 1975.

Teatro Infantil na Escola, Imprensa Oficial, Natal, 1972.

Teatro que aprendi CERN, Natal, 1975.

que, a
missões administrativas trat
tractam de lugar à de
tins aos S^{tos} Roman
ca propriedade, que
de thateo vista le ap
n'ellas suas dadas
itaculos, e que se pr
uma sociedade.
Secretaria de 24 de

OS DIRETORES

JOAQUIM SCIPIÃO (1908-1919)

O PRIMEIRO DIRETOR

Joaquim Scipião de Albuquerque Maranhão nasceu em Macaíba, a 8 de janeiro de 1867 (gêmeo com Luís Carlos, falecido em Canguaretama, 2/02/1925), numa família que haveria de exercer grande influência no cenário político e cultural norte-rio-grandense. Filho de Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão e Feliciano Maria da Silva Pedroza de Albuquerque Maranhão, era irmão do aeronauta Augusto Severo, do pianista Amaro Barreto Filho e dos governadores do Estado Pedro Velho e Alberto Maranhão. Casou-se em Canguaretama, a 25 de agosto de 1889, com Débora Carolina Pessoa de Melo (falecida em Natal, a 17 de março de 1931).

A primeira notícia de Joaquim Scipião músico data de 1898 quando participou, com o seu violino, do 1º concerto do *Club Symphonico*, na ocasião em que também se apresentavam o seu irmão Alberto Maranhão, cantando uma ária, e sua cunhada Ignez Maranhão – esposa de Alberto –, acompanhando ao piano todos os demais participantes; exercia o cargo de promotor público interino de Canguaretama, para o qual foi nomeado em agosto de 1897.

Na administração de seu irmão Alberto Maranhão – 1º período, de 1900 a 1904 – ocupou a função de Oficial de Gabinete. Durante aquela fase, Joaquim Scipião promoveu muitos recitais com músicos da cidade – muitos deles, seus alunos –, participando sempre com solos ao violino.



Joaquim Scipião (assinalado) em foto datada de 1898. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do RN. Sua assinatura em livro de registros do TAM. Arquivo do TAM.

Alberto Maranhão voltou ao Governo a 25 de março de 1908; a Joaquim Scipião estavam reservadas importantes atribuições. A 28 de março era nomeado Diretor do Teatro Carlos Gomes¹³⁸ e a 1º de abril assumia a direção da *Eschola de Musica*, fundada a 31 de março.

A 12 de junho, aniversário da Escola de Música, Joaquim Scipião organizou um concerto para comemorar a data, com a participação de alunos da escola e realizado no TCG.

Em 1910 iniciava-se um trabalho de grandes reformas no prédio do Teatro que, certamente, muito ocupou o tempo do seu diretor. A 16 de julho de 1912 o novo prédio foi entregue ao Governador Alberto Maranhão. Para as festividades de inauguração, Joaquim Scipião viajou ao Recife e negociou a vinda a Natal da Gran Cia. de Zarzuela, Ópera e Opereta Pablo Lopez. As comemorações se verificaram entre 19 de julho a 1º de agosto, quando óperas e operetas foram apresentadas, em espetáculos diários.

Com o início do Governo Ferreira Chaves a 1º de janeiro de 1914, o movimento musical de Natal sofreu sério abalo e quase tudo o que havia sido feito pelo seu antecessor foi suprimido, sob a justificativa de economia. Joaquim Scipião continuou, entretanto, em seu cargo de Diretor do TCG, mas sem as atribuições de Diretor de Escola de Música, então desativada.

É deste período o início de sua atividade como compositor de músicas para peças teatrais: 31 de outubro, o Grêmio Dramático de Natal encenou, no TCG, uma burleta em um ato, letra e música de sua autoria, denominada *O Vinagre*, reapresentada também em janeiro de 1915; a 15 de agosto, o mesmo Grêmio Dramático de Natal levou á cena a alta comédia *O flagelo*, com texto de Ivo Filho e músicas de Joaquim Scipião e Armando Lameira.

Em 1916, é encenada pela mesma companhia de amadores natalenses uma nova revista de Joaquim Scipião – *Canela de Ferro* –, a 26 de fevereiro. No ritmo de produzir revistas teatrais, em 1917 Joaquim Scipião teve encenadas, pelo Grêmio Dramático de Natal, *Mundo*, *Diabo e Carne* e *Jerimum... Não há!*, a 11 e 16 de fevereiro.

A 24 de fevereiro de 1919 era nomeado Milton Varela, como seu substituto na direção do TCG. Não são mais encontradas notícias suas nos jornais da época.

Luís da Câmara Cascudo, que o entrevistou, escreveu:

Obrigado a ganhar o pão fora de sua terra, já cinquentão, imagino quanto sofreu e sonhou. Nos derradeiros anos organizava “mambembes”,

138.

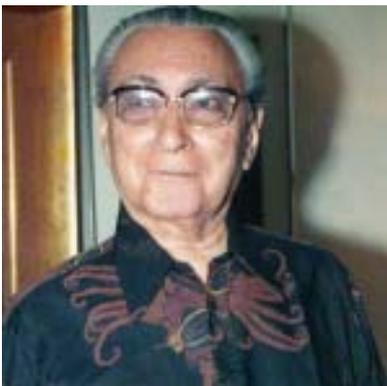
Não há informação sobre um diretor anterior. Decerto não existia o cargo

*conjuntos de cantoras sem voz e artistas vencidos pelas cidades-grandes, e percorria o interior do Amazonas, do Acre, a zona fronteiriça do Peru e da Bolívia, representando. O maestro, com seu velho violino, às vezes era a orquestra inteira. Escrevia comédias, revistas locais, burletas eróticas, musicando-as numa obstinada peregrinação.*¹³⁹

139.
CASCUDO, Luís da Câmara,
O TEMPO E EU, p. 182.

Instalado pelo seu sobrinho Sérgio Severo no Abrigo Juvino Barreto, ali faleceu a 17 de abril 1947, aos 80 anos.

MILTON VARELLA (1919-1926)



Nasceu em Ceará - Mirim, a 5 de fevereiro de 1894, e faleceu no Rio de Janeiro, a 10 de julho de 1986.

Sua primeira função pública parece ter sido a de Funcionário da Secção do Gabinete de Identificação e Estatística do Estado. Nomeado Diretor do Teatro Carlos Gomes a 24 de fevereiro de 1919, teve várias licenças da função, sendo substituído por Alcides Cicco.¹⁴⁰

Durante sua administração foram realizados os festejos comemorativos do Centenário da Independência do Brasil, em 1922. Posteriormente, Milton de Gouvêa Varella dedicou-se ao ramo empresarial, possuindo engenhos de açúcar no vale do rio Ceará - Mirim.

140.
Nomeado Diretor de TCG a 24 de fevereiro de 1919, ato publicado no jornal A República, Natal, 1 mar. 1919.

ALCIDES CICCO (1926-1954)

ALCIDES Brunetti CICCO, filho de Vicente Cicco e Ana de Albuquerque Cicco, nasceu em São José de Mipibu, em 1886. Em 1908 estava matriculado nos cursos preparatórios de Solfejo e de Piano, da recém-criada *Eschola de Musica*. Apresentando desde cedo inclinação para o canto lírico, recebeu do Governo do Estado, do qual era funcionário (4º escriturário do Tesouro), autorização para estudar



Alcides Cicco
Diretor do TCG
1926-1932

Alcides Cicco. Foto do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

canto no Rio de Janeiro, através da Lei n. 516, de 2 de dezembro de 1921 (Governo Antônio de Souza).

Viajando em 1923, retornou a 1º de novembro de 1924; noticiou-se que deveria continuar seus estudos em Milão, o que não se verificou.

A 9 de janeiro de 1926 foi nomeado Diretor do Teatro Carlos Gomes¹⁴¹ e, a 1º de maio, fundou o Instituto Santa Cecília, que ali funcionou cerca de dois anos – onde ensinou canto. No mesmo ano, a 27 de junho, fundou no Salão Nobre do TCG o Centro de Cultura Musical, com o objetivo de criar uma nova orquestra. Em 1932 instalou, a 14 de janeiro, o Curso Lírico de Canto, funcionando também no TCG. Fundou a Academia Artística do RN, a 23 de janeiro de 1935, de que foi Presidente. Ensinou, em 1936, no curso noturno da Sociedade Artístico-Musical, que funcionava nas dependências do Grupo Escolar Antônio de Souza¹⁴².

Luís da Câmara Cascudo o descreve como *modesto, tímido, raras vezes se apresentou em público*. Quanto ao seu objetivo artístico, comentou: *Preparou-se a vida inteira para ser o que não conseguiu realizar: um artista dramático, um tenor de óperas, de óperas especialmente italianas, Verdi, Puccini, Leoncavallo, Mascagni*. Sobre seu trabalho como administrador do TCG, evocava: [...] *prestou inolvidáveis serviços, batendo-se pela manutenção, trabalhando diretamente na sua conservação. Quantas vezes o vi, de pincel na mão, pintando paredes e gradis, com tinta paga do seu bolso*.¹⁴³

Exerceu a função de Diretor do TCG até 6 de agosto de 1954, quando se aposentou, falecendo em Natal, a 19 de junho de 1959. Tem seu nome na rua ao lado do Teatro que dirigiu durante muitos anos.

141.

A República, Natal, 9 jan. 1926.

142.

Prédio onde hoje se localiza a Fundação José Augusto.

143.

CASCUDO, Luís da Câmara, O maestro Scipião. A República, Natal, 20 jun. 1959. Acta Diurna. Ver, também, *O tempo e eu*, 1968, p. 178.

DORIAN GRAY (1967-1968)



A Dorian Gray Caldas, quinto Diretor.
Foto do arquivo do Diário de Natal.

Pintor, tapeceiro, escultor e poeta. Expôs no “II Salão de Arte Moderna” (março de 1950), juntamente com Newton Navarro e Ivon Rodrigues, tornando-se um dos pioneiros da Arte Moderna no Rio Grande do Norte. Teve exposições individuais locais, nacionais e internacionais, participando, também, de coletivas nos mesmos níveis.

Exerceu as funções de Assessor da Secretaria de Educação e Cultura do RN (1967-1968) e da Fundação José Augusto (1974), Diretor da Escolinha de Arte “Cândido Portinari” (1967-1968) e Membro do Conselho Estadual de Cultura (1967-1973).

Dorian Gray Caldas dirigiu o Teatro Carlos Gomes no período de 15 de abril de 1967 a 14 de maio de 1968.

IAPERI ARAÚJO (1982-1987)



Iaperi Araújo, sexto Diretor.

Médico, Professor da UFRN. Artista Plástico, realizou a primeira exposição individual de pintura em 1965, havendo participado em cerca de 250 exposições individuais e coletivas. Publicou 53 trabalhos (ensaios médicos, poesia, romances). Um dos fundadores do Teatro Novo Universitário (TONUS), atuou como ator, nos anos 1967 e 1968.

Durante a sua administração, foram criados e instalados o “Projeto Janelas do Potengi” (apoio ao artista local) e a Escola de Danças do TAM.

No período de 1989 a 1990 exerceu o cargo de Secretário Municipal de Cultura e, entre 1991 e 1995, a presidência da Fundação José Augusto. É membro da Academia Norte-riograndense de Letras e dos Institutos Históricos e Geográficos do Rio Grande do Norte e de Goiás.

Período em que dirigiu o TAM: 22 de dezembro de 1982 a 8 de abril de 1987.

DIANA FONTES (1987 A 1989)



Diana Fontes, sétima Diretora.

Bailarina e coreógrafa. Iniciou seus estudos no Recife, especializando-se em dança moderna e contemporânea no Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1979, 1980 e 1981 participou, como bailarina e coreógrafa, do espetáculo “Paixão de Cristo”, em Nova Jerusalém, Pernambuco. Em 1982 e 1983, residiu nos Estados Unidos e no México.

Passando a residir em Natal em 1984, fundou o Grupo de Danças Sementes (1985), o Corpovivo Estúdio de Dança (1986), e a Corpovivo Companhia de Dança (1990), que passou a se denominar Duncan Companhia de Dança, em 1999.

Em 1994 realizou temporada nos Estados Unidos, apresentando-se e ministrando oficinas de dança em Atlanta e Oxford, na Geórgia, no Texas e na Carolina do Sul. Neste mesmo ano a Corpovivo Companhia de Dança recebeu o prêmio internacional “The Year’s Best”, como um dos 10 melhores espetáculos da Geórgia/USA. No mesmo ano, participou do Festival de Dança de Guimarães, Portugal.

Na Fundação José Augusto ocupa a função de Sub-Coordenadora de Artes Cênicas desde fevereiro de 2000.

Exerceu a função de Diretora do TAM no período de 8 de abril de 1987 a 4 de outubro de 1989.



OLGA ARANHA (1989 A 1991)



Olga Aranha, oitava e décima primeira Diretora.

Licenciada em Educação Artística, e Professora da Escola de Música da UFRN, Maria Olga de Araújo Aranha exerceu (período de 1974 a 1995) as funções de Professora de Teoria Musical, de Piano e de Iniciação Artística. Exerceu, ainda, o cargo de Coordenadora do Curso de Iniciação Artística. No Departamento de Artes da UFRN foi Professora de Prática de Ensino de Educação Artística e Prática de Ensino de Música. Dirigiu, também, o Núcleo de Arte e Cultura da UFRN durante três anos.

Entre 1980 e 1991, trabalhou no Departamento Regional do SESI/RN, como Professora de Prática de Ensino de Música, de flauta doce e de Arte Integrada, Coordenadora do Curso de Formação de Instrumentistas e da Orquestra Infanto-Juvenil.

Na Secretaria de Educação Superior (SESU-MEC, Brasília, 1995-1996), exerceu o cargo de Assistente de Coordenação das Comissões de Especialistas de Ensino. Ainda em Brasília, ocupou o cargo de Gerente de Lazer e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI - Departamento Regional do Distrito Federal). Em setembro de 2001, participou do projeto de implantação da primeira Agência Cultural do País (SEBRAE/SESI-RN), exercendo, em seguida, o cargo de Gerente do referido órgão até o final de 2002.

Na Fundação José Augusto, foi Diretora da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte (período de 1988 a 1991) Diretora do Teatro Alberto Maranhão (período de 4 de outubro de 1989 a 22 de março de 1991). Além de ter acumulado os dois cargos na FJA, foi Diretora do Centro de Promoções Culturais da instituição (período de junho de 1998 a maio de 2000). De janeiro a outubro de 2003 dirigiu, mais uma vez, o Teatro Alberto Maranhão.

SELMA BEZERRA (1991 A 1995)



Licenciada em Letras na UFRN, a nona diretora do TAM, Selma Meira e Sá Bezerra exerceu as funções: vice-Diretora do Núcleo de Artes e Cultura (1979), Professora Assistente do Departamento de Artes (1981-2002).

Exerceu, ainda, as funções de Diretora do TAM, Diretora da Orquestra Sinfônica do RN e Diretora Ad-Referendum do Coral Canto do Povo, no período de 1991 a 1994. Artista Plástica, com exposições no País e no exterior, foi Diretora da Pinacoteca do Estado (2003-2004).

SILVANA BEZERRA (1995-2002)



Silvana Gomes, décima Diretora.

Silvana Bezerra de Mesquita Gomes é Bacharel em Comunicação Social com Habilitação Jornalismo. Como Técnico de Nível Superior da Fundação José Augusto, exerceu as atividades de Chefe de Núcleo de Divulgação, da Coordenadoria de Atividades de Divulgação e Promoção; Chefe de Núcleo de Desenvolvimento Artístico da Coordenadoria de Atividades Artísticas do Centro de Promoções Culturais; Administradora da Galeria de Artes da Biblioteca Pública Câmara Cascudo e Coordenadora de Atividades Artísticas.

Nomeada a 4 de janeiro de 1995 para exercer, em comissão, o cargo de Diretora do Teatro Alberto Maranhão, cumpriu seu mandato até 30 de dezembro de 2002. Durante sua gestão, coordenou o Projeto de Reestruturação do Sistema de Iluminação e Maquinaria do Teatro Alberto Maranhão (2001), que resultou na aquisição de um ciclorama móvel, um piano de cauda, um linóleo dupla face, tapete vinílico, para dança. No mesmo período foi instalado um completo sistema de iluminação para o palco, constando de 64 novos refletores, 8 módulos de potência e uma mesa de iluminação com programação digital.

Em 2002, coordenou o Projeto de Reestruturação e Modernização do Teatro Alberto Maranhão, através do qual foram instalados no TAM 360 poltronas com *design* ergonômico e 106 cadeiras para galerias. Na ocasião, fez-se a ampliação e substituição do piso do palco, aquisição de sistema de som digital, e substituição de alcatifas.

OLGA ARANHA (2003)

Durante o breve período administrativo de 14 de janeiro a 7 de outubro, teve a oportunidade de coordenar a elaboração do projeto para as comemorações do centenário do TAM, na condição de Presidente da Comissão do Centenário.

HILNETH CORREIA (2003-)



Hilneth Correia, décima segunda
Diretora.

Socióloga pela Faculdade de Sociologia e Política da Fundação José Augusto.

Como jornalista profissional, atuou nas rádios Rural e Trairy, nos jornais Correio do Povo, Tribuna do Norte, Jornal da Semana (Recife), Folha da Manhã, O Poti e Dois Pontos.

Em São Paulo, exerceu funções de Assessoria de Imprensa e Administração e trabalhou como Coordenadora de Vendas do I Festival Internacional de Teatro e das promoções “Augusto dos Anjos Poeta Cidadão Brasileiro”. Participou, ainda, da Campanha de Popularização de Teatro, promovida pela Associação dos Produtores de Teatro do Estado de São Paulo e, na TV Tupi, participou de diversos programas, como jornalista.

No Rio de Janeiro exerceu a função de Secretária do Embaixador Paschoal Carlos Magno, em seu projeto referente à Aldeia de Arcozelo e o Teatro do Estudante, atuando, também, como Assessora de Imprensa e Produtora de *shows* com artistas nacionais e estrangeiros. No período de 1980 a 1985, exerceu as funções de Assessora da Presidência e Coordenadora de Exposições de Artes Plásticas.

Na Empresa de Promoção do Turismo do Rio Grande do Norte (EMPROTURN) a partir de 1980, desempenhou as funções de Assessora de Imprensa e Superintendente do Centro de Convenções (1991). *Hilneth Maria Correia* dos Santos assumiu, em 2003 (de janeiro a outubro), as funções de Coordenadora do Centro de Promoções Culturais da Fundação José Augusto e, em 14 de outubro, foi nomeada Diretora do Teatro Alberto Maranhão.

"CARLUO

Empreza L. MEDEIROS & Cia.

HORAS PARA "NOVIETONE" E "VITAPHONE"
CORPORATION DE ROCHESTER, NEW YORK

SOIREE AS 8 HORAS
do ruídooso successo alcançado

ADA DAS MARA

dução WARNER-FIRST distribuída
BARRYMORE - Richard
ista toda colorida, cantada, falada, m
\$300 - Galeria 2\$200 - G



ALBERTO MARANHÃO O PATRONO

O Governador Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão é figura por demais conhecida e sobre quem muito se escreveu. No momento em que se comemoram os cem anos do Teatro que hoje tem o seu nome, não seria justo que não se fizesse uma nota – ainda que breve, pois se completa se tornaria muito longa – sobre sua vida e principais obras.

Nascido em Macaíba, RN, aos 2 de outubro de 1872, era filho de Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão e Feliciano Maria da Silva Pedroza de Albuquerque Maranhão, irmão de Pedro Velho, Augusto Severo, Amaro Barreto Filho, Joaquim Scipião, Fabrício e Ignez Augusta.

Concluiu o curso de Direito no Recife, em 1892, casando-se em 1895 com Ignez, filha de sua irmã de mesmo nome e do industrial Juvino Barreto. O casal teve seis filhos: Paulo, Laura, Judite, Juvino, Cleanto e Caio.

Já no ano de sua formatura assumia a Secretaria de Governo, no mandato de seu irmão Pedro Velho. Passou a Procurador Geral do Estado em 1898 e exerceu a função de Diretor do jornal oficial, A República.

Eleito para o 1º mandato – 25 de março de 1900 a 25 de março de 1904 – destacou-se, na área cultural, pela sanção da Lei n. 145, de 6 de agosto de 1900, através da qual o Estado assumia os encargos da publicação de obras literárias



Albert H. Maramba

de comprovado valor. Terminou a construção e inaugurou o Teatro Carlos Gomes, conforme já comentado.

Ao concluir sua administração, elegeu-se Deputado Federal para o período 1904-1905 e 1906-1908. Reeleito para governar o Estado de 1908 a 1915, teve a oportunidade de empreender valiosas medidas em benefício da cultura, como a reforma do TCG, a Escola de Música ali instalada, responsável pelas audições musicais de sua orquestra.

Retornou à Câmara Federal, exercendo o mandato de 1915 a 1930.

Depois da Revolução de 1930, perdendo o prestígio de que gozava, tornou-se agricultor e industrial em Parati, Rio de Janeiro. Exerceu a função de Delegado do Estado do Rio Grande do Norte junto ao Instituto de Expansão Comercial do Ministério de Agricultura, Comércio e Indústria e, depois, o de Inspetor do Instituto do Sal e Açúcar, em Curitiba e João Pessoa.

Depois de 25 anos de ausência, chegou a Natal em companhia da esposa, a 12 de março de 1943; exercia a função de Inspetor do Instituto de Açúcar e do Alcool, em João Pessoa. A 24 daquele mês, foi homenageado no 39º aniversário de fundação do TCG. Sua última visita ao Teatro deu-se a 12 de maio, quando realizou conferência sobre Augusto Severo.

Em setembro (dia 4) faleceu sua esposa. Esteve pela última vez em Natal a 19 de novembro.

Retornando ao Estado do Rio de Janeiro, faleceu em Angra dos Reis, a 1º de fevereiro de 1944, foi sepultado em Parati e seus restos mortais trasladados para o Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro. No momento da redação do presente texto, estava definido o traslado de suas cinzas e de sua esposa para Natal.

A maior homenagem ou manifestação de gratidão ao governador a quem se deu o título de Mecenas, verificou-se no ano de 1957: após uma restauração, reabriu-se a 28 de julho o Salão Nobre que tinha o seu nome e, a 23 de agosto, a Câmara Municipal aprovou e o Prefeito sancionou a lei que mudava o nome do Teatro.

A 2 de outubro, finalmente, o nome de Alberto Maranhão foi elevado ao alto da fachada do prédio, por mais alto não poder estar.



Teatro Alberto Maranhão. Unindo o erudito ao popular. Foto de Giovanni Sérgio.

Fachada do Teatro Alberto Maranhão.
Foto de Giovanni Sérgio.



ANO DO CENTENÁRIO

PROGRAMAÇÃO



Meses de janeiro, fevereiro e março: atividade suspensas para serviços de restauração do prédio. O valor total da obra foi de R\$ 350.000,00 (trezentos e cinquenta mil reais), com mais R\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil reais) da iniciativa privada.

Reabertura do Teatro, dia 24 de março: inauguração dos serviços realizados e placas comemorativas, presença da Governadora Wilma de Faria. Na entrada, apresentaram-se a Banda de Música da Polícia Militar e grupos de danças populares das escolas da rede pública de ensino.

À noite: entrega dos prêmios aos vencedores do Concurso Nacional de Poesia – Prêmio “José Wanderley”, que recebeu 255 inscrições de todos os Estados brasileiros.

1º lugar: Flávio Marinho (RJ) com o texto “Um Caminho para Dois”. 2º lugar: Teresa Frota (RJ), “O Dom Quixote de Bangu”. 3º lugar: Cristina Matogrosso (MS): “O Mistério das Marias”.

Menções Honrosas: 1ª – Daniel Adjafre (RJ), texto “Um Instante Antes da Queda”. 2ª – Rosane Suartman (RJ), “O Pacto das Três Senhoras”. 3ª – Marcelo Góes (RN), “Um Amor, Um Santo e Um Bode”. 4ª – Jarbas Capusso Filho (SP), “A Verdadeira História do Astronauta”. 5ª – Celso Parcionik (SP), “Fantasia e Carnaval na República Brasil”.

Apresentação do espetáculo “Bye Bye Natal”, de Racine Santos, abrindo a temporada teatral do Centenário.

Apresentou-se no calçadão a Banda de Música do município de Cruzeta.

DIA MUNDIAL DO TEATRO 27 DE MARÇO.

Café da manhã no pátio interno do Teatro, além da celebração de missa em memória dos artistas Fernando Athayde, Jesiel Figueiredo, Rofran Fernandes, Sandoval Wanderley e Meira Pires.

Lançamento do Edital do Programa de Auxílio-Montagem de Espetáculos de Teatro em parceria com a Secretaria de Educação, Cultura e Desporto.

Grande homenagem ao Teatrólogo Meira Pires, com exposição fotográfica sobre sua vida e obra, além da aposição de placa comemorativa.

ENCONTRO DE DIRETORES DE TEATROS- MONUMENTOS

Presente o Diretor de Artes Cênicas da FUNARTE, Antonio Gilberto, que apresentou o plano de ação daquele órgão para este ano, com parceria do Teatro Alberto Maranhão. Compareceram os diretores do Teatro Municipal de São Paulo, Artur Azevedo (São Luís) e Deodoro (Maceió), quando foram discutidos trabalhos de parceria.

Na oportunidade, foi lançado do endereço *teatroalbertomaranhao@rn.gov.br*, objetivando uma maior integração através da internet.

DANÇANDO NA QUARTA

Implantação de um projeto que visa integrar as companhias de dança do Estado e oportunizar seus espetáculos para o público estudantil. Uma vez por mês um espetáculo é apresentado, unindo 12 companhias de Dança do Estado.

No decorrer de 2004 foram realizados, os espetáculos: “Movimento e Luz”, (EDTAM, 14 de abril); “Para Ver o Tempo Passar”, (Gaia Cia de Dança, 19 de maio); “Missa de Alcaçus”, (Cia Dança dos Meninos, 16 de junho); “Divertissement”, (Ballet do SESC, 14 de julho); “Trinta”, (Ballet Cidade do Natal, 18 de agosto); “Recusa”, (Cia Domínio, 15 de setembro); “Les Sylphides”, (Stúdio Corpo de Baile, 13 de outubro); “Três Tempos”, (Cia de Dança da UFRN, 17 de novembro). Estas apresentações contabilizaram 7.315 (sete mil, trezentos e quinze) espectadores, em sua maioria estudantes da rede pública.

PROGRAMA DE AUXÍLIO- MONTAGEM

Concessão de subsídios a espetáculos de teatro. Habilitadas 25 companhias e grupos, contemplados nas categorias teatro adulto, infantil, rua, mamulengo e escolar. Custo: R\$ 152.500,00 (cento e cinquenta e dois mil e quinhentos reais), realizado em conjunto com a Secretaria de Educação, Cultura e Desportos. Vinte e cinco novos espetáculos serão montados até março de 2005.

Espetáculos que receberam auxílios: “Promessa é Promessa”, direção de Ana Francisca (Escola Tiradentes), “Amantes no Infinito”, direção Celeste Borges (Escola Estela Gonçalves), “O Conto dos Contos Não Contados”, direção Marcelo Chaves (Grupo Ditirambo), “Alice no Bosque da Caipora”, direção Pinho Montinelli (Companhia Jesiel Figueiredo), “Branca de Neve e os Sete Anões” direção Costa Filho (Cia. Manacá) “Depois Que Papai Se Foi” direção Maria Luiza Conceição (Escola Presidente Roosevelt – Parnamirim), “As Relações Naturais” – direção de Genildo Mateus (Grupo Estalho), “À Luz da Lua os Punhais” – direção Augusto Pinto (Grupo Arruaça – Mossoró), “Alguém Lá Fora”, direção Clotilde Tavares (Engenho de Artes), “Arlequim e Seus Amores”, direção Lindemberg Farias (Grupo Brincante), “Que Mulesta de Vida” – direção Bárbara Cristina (Sociedade Beneficente São Sebastião), “Caboré, A Ópera da Moça Feia”, direção Gláucia Russo (Grupo Nocaute – Mossoró), “A Construção do Caldeirão”, direção Grimário Farias (Companhia Alegria Alegria) e “Mamulengo” de Chico Daniel, “Tem História Sim Senhor”, de Josivan de Chico Daniel (Mamulengo).



CURSOS E RECICLAGENS

No período de 3 a 7 maio: Treinamento dos Técnicos da Caixa Cênica do Teatro, ministrado pelo Diretor do Centro Técnico da FUNARTE. O treinamento obteve resultado altamente favorável, além de ter resultado num relatório de consultoria cenotécnica e iluminação, com minucioso levantamento das necessidades prementes para o palco do Teatro.

De 12 a 17 de abril: Oficina de Reciclagem Técnica de Dança, para 250 alunos da Escola de Dança do Teatro (EDTAM).

Maio: oficina para os bailarinos da EDTAM, ministrado pelo coreógrafo português José Manoel de Oliveira, por ocasião do espetáculo “Mar é Moradia di Sodade”.

Curso para os bailarinos do Corpo de Baile da EDTAM aberto a outras companhias da cidade, pelo coreógrafo belga Marc de Graf.

LIVRO
SOBRE A
HISTÓRIA
DO TAM

Encomendado ao Professor Cláudio Galvão a redação do livro “Theatro Carlos Gomes – Alberto Maranhão, cem anos de arte e cultura”, com vistas à publicação de 2.000 exemplares, com lançamento previsto para 31 de março de 2005.

SARAU
DOS POETAS

Em 31 de maio, no Salão Nobre, foi realizado o primeiro Sarau dos Poetas, iniciando uma série de encontros dessa natureza. Augusto Severo Neto foi primeiro homenageado e a apresentação contou com performances de atores e músicos, utilizando seus textos poéticos.

PARCERIA FUNARTE /
MINC / INTEGRAÇÃO
COM PRODUTORES

Em 6 de maio, a Direção do TAM convocou produtores, atores e diretores teatrais para em reunião com a Delegada do Ministério da Cultura para o Nordeste, discutiram sobre a participação do Rio Grande do Norte nos Projetos Pixinguinha e Caravana FUNARTE. O resultado tornou-se num marco de estreitamento de relações profissionais entre aquele órgão e a categoria, sob intermediação do Teatro.

PARTICIPAÇÕES,
HOMENAGENS
E APOIOS

O Teatro Alberto Maranhão, através de sua Escola de Dança (EDTAM) foi selecionado para participação oficial do 22º Festival de Dança de Joinville, Santa Catarina. No período de 20 de julho a 01 de agosto, com as coreografias “Éramos 5 em um 5 x 5 na Figueiredo Magalhães” e “Deixe-me”, a EDTAM se classificou em segundo lugar num Festival que recebe anualmente cerca de 3.000 inscrições de todo o Brasil.

A Domínio Cia de Dança, com a coreografia “Olhos Insanos” e o Balé da Cidade do Natal, com “Pelos Ares”, também classificados em Joinville, tiveram o apoio do Teatro, com folhetaria e passagens aéreas fornecidas pelo Governo do Estado e entregue solenemente pela Governadora Wilma de Faria.

Outras ações que contaram com apoio logístico, organizacional e técnico do TAM:

- Espetáculo infantil “Couro de Piolho” (Cia Cristal, Rio de Janeiro, destinado à rede pública de ensino. Dias 31/julho a 01 de agosto.

- Espetáculo Teatral “Diálogos do Nuestra América”, de João Pessoa (Pb.)

- Quadrilha Junina estilizada “Arraiá do Cabaço”, abordado o tema “Centenário do TAM” e vencedora do Festival de Quadrilhas, concorrendo com 110 agremiações.

- Espetáculos Teatrais / Dança “Bogi-Buá” e “Cazumbá”, (São Luiz-Ma.), no dia 26 de outubro para a rede estadual de ensino.

- Apresentação da Orquestra Sinfônica de São Paulo, (4 de novembro), incluindo telão no pátio externo para transmissão instantânea.

- Concerto de Piano e lançamento de CD de Nalva Nóbrega Fonseca (20 de setembro), no Salão Nobre.

g) Lançamento do livro “Prisma” da poeta potiguar Maria Célia (27 de julho), no Salão Nobre.

- Lançamento da 6ª edição do “Prêmio Hangar de Música”, (2 de abril).

- Homenagem especial do Centenário ao Teatrólogo Jesiel Figueiredo, por sua ausência de 10 anos, com uma exposição fotográfica de sua vida e obra, além da aposição placa comemorativa.

j) Exposição de Bonecas “Gêmeas de Fino Trato”, Plínio Faro(16 de dezembro), no Salão Nobre.

- Premiação dos vencedores de Concurso de Trovas sobre o Centenário do Teatro e vida de Jesiel Figueiredo, pela Academia Norte-Riograndense de Trovas, (27 de dezembro), no Salão Nobre.

VISITAS

Intensificação das visitas de estudantes ao Teatro Alberto Maranhão: cada turma agendada recebe informações sobre sua história, ministrada pela responsável do setor de Documentação. Durante o ano do Centenário, cento e três escolas públicas e privadas da capital e interior visitaram o Teatro, num total de três mil, seiscentos e cinco alunos.

O numero de turistas visitantes foi bastante significativo, recebendo todos folhetaria completa sobre os100 anos do TAM.

ESCOLA DE DANÇA DO TAM

Com seus 700 (setecentos) alunos matriculados nos turnos matutino, vespertino e noturno – em sua maioria alunos da rede pública e crianças carentes – a escola prioriza a integração e inclusão social, oferecendo espetáculos reconhecidos nacionalmente, tendo destacada atuação em festivais do gênero.

Fundação José Augusto e a Aliança Francesa mantêm convênio, com o objetivo da troca de experiências técnicas, coreográficas e intercâmbios entre professores e alunos.

PROJETO RIBEIRA DAS ARTES

Idealizado como forma de incentivar as diversas manifestações culturais da cidade e com enfoque especial ao turismo cultural no antigo e tradicional bairro da cidade.

Foram realizados shows musicais, espetáculos de dança, feiras de artesanato, feiras de antiguidades, feiras de sebo, gastronomia, oficinas de artes plásticas, oficinas de música. Cerca de 30 espetáculos cênicos e musicais foram levados a efeito no pátio externo e palco do TAM, em suas quatro edições, sempre nos primeiros domingos de cada mês (5 de setembro, 10 de outubro, 7 de novembro e 12 de dezembro). Participaram do evento cerca de 32 mil visitantes.

PROGRAMA AGENTE CIDADÃO VOLUNTÁRIO

Desenvolvido pelo Teatro, conjuntamente com a Secretaria de Segurança Pública e da Defesa Social, tem como finalidade a inserção social e profissional dos “flanelinhas” (guardadores de automóveis estacionados) que operam no entorno do Teatro.

Foram distribuídas camisetas, jalecos e crachás com a respectiva identificação. Serão ministrados cursos de relações humanas, higiene, com acesso a cortes de cabelo, dentistas e médicos, em convênio com a Polícia Militar.

PROJETO NATAL NA RIBEIRA

Realizado no período de 12 a 30 de dezembro, objetiva o resgate da cultura popular e das tradições natalinas potiguares, com apoio de vários segmentos sociais, comerciais e institucionais do bairro.

Constou da participação de bandas de músicas, corais, folguedos populares, saraus de poesia, shows de música com artistas locais, balé e um carro alegórico conduzindo Papai Noel.

PROJETO VERÃO NO TEATRO

Pela primeira vez o Teatro Alberto Maranhão continuará em atividade no período de verão, como tentativa de atrair o afluxo de turismo verificado nessa época, quando a cidade foi incluída como segundo maior destino turístico de 2005, conforme declaração da Agência Brasileira de Agentes de Viagem. Foram agendados espetáculos de teatro e dança, especialmente para este fim.

TRANSLADO DOS RESTOS MORTAIS DE ALBERTO MARANHÃO

Serão transferidos para Natal os restos mortais de um dos maiores Governadores do Estado, construtor e patrono do Teatro, concretizando um antigo projeto do Instituto Histórico e Geográfico do RN. Do Rio de Janeiro onde se encontra sepultado, juntamente com sua esposa Ignez Maranhão, será trazido para guarda definitiva no Teatro que tem o seu nome. Está prevista a realização de um cortejo do aeroporto até o Teatro, envolvendo toda a comunidade. Esse evento encerrará o Centenário do Teatro a 31 de março de 2005 e deverá contar com a presença de familiares do Governador.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BARROSO, Gustavo. *O Consulado da China*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, [19—].
- BARROSO, Oswald. *Theatro José de Alencar: o teatro e a cidade*. Fortaleza: Terra da Luz, 2002.
- CASCUDO, Luís da Câmara. A mais antiga atriz norte-rio-grandense. *A República*, Natal, 15 dez., 1956, Acta Diurna.
- _____. Alberto Maranhão, o último mecenas, *A República*, Natal, 5 fev., 1944. Acta Diurna
- _____. Alcides Cicco. *A República*, Natal, 20 jun., 1959. Acta Diurna.
- _____. *Antologia de Pedro Velho*. Natal: Departamento de Imprensa, 1954.
- _____. Herculano Ramos. *A República*, Natal, 26 jul., 1944. Acta Diurna.
- _____. Lembrando o maestro Smido, *A República*, Natal, 9 ago., 1956. Acta Diurna.
- FERNANDES, Anchieta. *Écran natalense*. Natal: Sebo Vermelho, 1992.
- FERNANDES, Juvenal. *Levantamento de obras de Carlos Gomes*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Musicologia, 1987.
- GALVÃO, Claudio. O centenário de Sandoval Wanderley. *Diário de Natal*, 16 out., 1993. DN/Revista.
- _____. Tributo ao centenário do genial Sandoval Wanderley. *O Poti*, Natal, 25 dez., 1993.
- GÓES, Ulisses de. *60 Anos de Marianismo*. Natal: Nordeste Gráfica, [197-].
- HESSEL, Lothar; READERS, Georges. *O teatro no Brasil*. 3 v. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1986.
- MIRANDA, João Maurício Fernandes de. *380 anos de história foto-gráfica da cidade de Natal: 1599-1979*. Natal: Prefeitura Municipal de Natal, UFRN. Editora Universitária, 1981.
- MURICY, Andrade. *Carlos Gomes: uma obra em foco* [S.L.]: MEC-FUNARTE, 1987.
- NOBRE, Manoel Ferreira. *Breve notícia sobre a Província do Rio Grande do Norte*. Vitória: Typographia Espírito-Santense, 1877.
- OTHON, Sônia Maria de Oliveira. *Dramaturgia da cidade dos Reis Magos*. Natal, EDUFRN, 1998.
- PALMA, Clarice. *Meus últimos degraus*. Natal: Fundação José Augusto, 1984.
- PIRES, Inácio Meira, *Teatro Alberto Maranhão e seu patrono*. Natal: Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 1975.
- _____. *Alberto Maranhão e seu tempo*. Natal: Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 1963.
- RIO GRANDE DO NORTE. Lei nº. 145, de 6 de agosto de 1900. O Estado assume os encargos da publicação de obras literárias. *Atos Legislativos e Decretos do Governo do Estado do Rio Grande do Norte 1900*. Natal, Tipografia d'A República, 1901.
- ROCHA POMBO, José Francisco. *História do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil; Porto: Renascença Portuguesa, 1922.
- SALLES, Vicente. *Bibliografia brasileira de Antônio Carlos Gomes*. Belém Prefeitura. Fundação Cultural do Município. 1996.
- SANTOS, Racine. *Natal em cena*. Natal: RN Econômico, 1996.
- TAVARES DE LYRA, Augusto. *História do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1912.
- VETRO, Gaspare Nello, Antônio Carlos Gomes. Milão, [19—]
- WANDERLEY, Jaime dos G. *Sandoval Wanderley, um homem de teatro*. Natal, Fundação José Augusto, 1973.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A REPÚBLICA, Natal, 28 jun. 1892.
_____. Natal, 21 out. 1893.
_____. Natal, 21 abr. 1897.
_____. Natal, 11 maio 1897a.
_____. Natal, 18 maio 1897b
_____. Natal, 8 out. 1897c.
_____. Natal, 30 mar. 1898.
_____. Natal, 15 abr. 1898a.
_____. Natal, 8 jun. 1900.
_____. Natal, 24 jun. 1900a.
_____. Natal, 27 out. 1902.
_____. Natal, 4 nov. 1902a.
_____. Natal, 4 jul. 1903.
_____. Natal, 10 out. 1904a.
_____. Natal, 24 mar. 1904.
_____. Natal, 24 abr. 1904a.
_____. Natal, 15 out. 1904b.
_____. Natal, 29 ago. 1904c.
_____. Natal, 11 maio de 1905.
_____. Natal, 6 dez. 1905a.
-- _____. Natal, 7 abr. 1906.
_____. Natal, 9 abr. 1906a.
_____. Natal, 14 abr. 1906b.
_____. Natal, 16 abr. 1906c.
_____. Natal, 18 abr. 1906d.
_____. Natal, 24 abr. 1906e.
_____. Natal, 25 nov. 1906f.
_____. Natal, 2 dez. 1906g.
_____. Natal, 6 dez. 1906h.
_____. Natal, 8 dez. 1906i.
_____. Natal, 20 dez. 1906j.
_____. Natal, 25 dez. 1906k.
_____. Natal, 27 dez. 1906l.
_____. Natal, 7 maio 1907.
_____. Natal, 15 jun. 1908.
_____. Natal, 15 jan. 1909.
_____. Natal, 7 out. 1910.
_____. Natal, 10 abr. 1912.
_____. Natal, 16 nov. 1913.
_____. Natal, 1 mar. 1919.
_____. Natal, 9 jan. 1926.
_____. Natal, 8 maio 1930.
_____. Natal, 24 set. 1933.
_____. Natal, 26 ago. 1939.
_____. Natal, 2 fev. 1945.
_____. Natal, 14 nov. 1945.
- ANDRÉ, J. P.; DUCÉL, J. J. *Album de la Société Anonyme des Hauts-Fourneaux et Fonderies du Val d'Osne, Anciennes Maisons*. Paris, 1903.
- ATA da Assembléia Geral de 27 de maio de 1894. *Livro de Atas do Club Carlos Gomes*, Natal, 1892-1903, p. 26.
- ATA da Assembléia Geral de 24 de julho de 1896. *Livro de Atas do Club Carlos Gomes*, Natal, 1892-1903, p. 42.
- ATA da 1ª reunião. *Boletim da Sociedade Libertadora Norte-Rio-Grandense*, Natal, n. 1, 8 jan. 1888a
- ATA da 2ª reunião. *Boletim da Sociedade Libertadora Norte-Rio-Grandense*, Natal, n. 2, 23 jan. 1888b

BEVILACQUA, Octavio. Carlos Gomes: a época e o meio em que viveu – suas modinhas *Revista Brasileira de Música*. Instituto Nacional de Música da Universidade do Rio de Janeiro, p. 143-159, jul. 1936.

BOLETIM da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, nº 257, Rio de Janeiro, jul./ago./set. 1950.

CÂMARA, Clementino. Perfil de um homem. *Revista do Cinquentenário*, Natal, mar. 1954, [p. 31]. Edição comemorativa do cinquentenário do TCG, distribuída gratuitamente.

CÂMARA Municipal de Natal. *Postura da Câmara Municipal de Natal de 14 de julho* Natal, 1830.

CARTAS Régias sobre a Capitania do Rio Grande do Norte; LX. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 14, n. 1-2, 1916, p. 42-3.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma Patrícia; crítica literária*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998.

_____. Bibliografia de Segundo Wanderley. *A República*, Natal, 14 jan. 1946.

_____. Herculano Ramos. *A República*, Natal, 26 jul.1944. Acta Diurna.

_____. *História da cidade do Natal*. Natal. 2. ed. UFRN; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL. 1980.

_____. *Histórias que o tempo leva*. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia., 1924.

_____. *Nosso amigo Castriciano*. Natal: Imprensa Universitária, 1965.

_____. O centenário do professor Joaquim Lourival. *A República*, Natal, 20 de jun. de 1949. Acta Diurna.

_____. O maestro Scipião. *A República*, Natal, 20 jun. 1959. Acta Diurna.

_____. O teatro em Natal. *A República*, Natal, 15 ago.1940a. Acta Diurna.

_____. _____. *A República*, Natal, 17 ago.1940b, Acta Diurna.

_____. O Teatro em Natal (V): Teatro Santa Cruz. *A República*, Natal, 21 ago. 1940c. Acta Diurna.

_____. *O tempo e eu*. Natal: Imprensa Universitária, 1968.

_____. Panqueca. *A República*, Natal, 6 de março de 1940. Acta Diurna.

_____. _____. *A República*, Natal, 20 jun.1959.

_____. Um Mathurin Moreau na cidade do Natal. *A República*, Natal, 15 ago. 1946a.

_____. Vamos ouvir os Anjos do Claustro, *A República*, Natal, 18 nov. 1945. Acta Diurna.

CHILONIDAS, Chilon pseud. [cinemas que têm vindo a Natal...] *A República*, Natal, 30 de nov., 1907.

CLUB Carlos Gomes. *Oásis*, Natal, v. 3, n. 45. out. 1896.

COSTA, Lucas da. *Disfarçados*. Natal:Fortunato Aranha, 1924.

[CRÔNICA teatral]. *Correio do Natal*, 15 set. 1888. Assinada com o pseudônimo de Winckelmann.

DANTAS, Manoel. (Braz Contente, *pseud.*). [... A primeira ópera em Natal...] *A República*, Natal, 25 jul. 1912.

_____. [... a falta de companhias teatrais... cinematógrafos...] *A República*, Natal, 22 abr. 1910m.

_____. O pano de boca do “Carlos Gomes”. *A República*, Natal, 17 jul. 1912.

DIÁRIO, Natal, 5 fev. 1945.

DIÁRIO DE NATAL, 1 dez. 1943.¹

_____. 19 ago.1954.

_____. 22 ago. 1954a.

DIÁRIO DO NATAL, 28 maio 1896

_____. 5 out. 1896.

_____. 19 nov. 1899.

_____. 12, jan. 1901.

_____. 15, jan. 1901a.

_____. 20 mar. 1904

_____. 9 abr. 1904b.

_____. 7 maio 1907.

_____. 8 maio 1907a.

1. Foram três periódicos diferentes publicados em Natal com títulos muito semelhantes:
 Diário do Natal (1893 a 1912),
 Diário de Natal (1924 a 1930),
 Diário (1939 a 1947), atual
 Diário de Natal (a partir de 1947).

- EXÉQUIAS. *Oásis*, Natal, v. 3. n. 46, out. 1896.
- FERNANDES, Juvenal. Levantamento de obras de Carlos Gomes. São Paulo: Sociedade Brasileira de Musicologia, 1987. p.48
- FERREIRA ITAJUBÁ, Manoel Virgílio. *Gracioso Ramallete*. Pesquisa e apresentação de Claudio Galvão. Natal, UFRN-CCHLA; Fundação José Augusto, (Coleção Humanas Letras, 10) 1993.
- _____. *Poesias Completas*: Terra Natal (Poema) e Harmonias do Norte (Poesias esparsas). Natal, Imprensa Diocesana. 1927.
- _____. _____. 2 ed. Natal, Fundação José Augusto, 1965.
- _____. *Terra Natal – Poema*. Natal, [s. n], 1914.
- _____. [... não aceita que o artista tenha assumido o papel a pedido de amigos...] *Diário do Natal*, 15 maio, 1907.
- _____. [... quanto a haver assistido o ensaio e concordado com tudo...] *Diário do Natal*, 12 maio, 1907.
- [FINALIDADE dos bailes do TCG...] Natal: [19—]. Recorte de jornal localizado nos livros de assentamentos do TAM.
- [FOLHETO de propaganda] Natal, s.n., 1942. Arquivo do TAM.
- FRANÇA, Aderbal de (Danilo pseud.de): Crônica Social. *A República*, Natal, 28 nov. 1945).
- FREI Miguelinho: festa cívica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RN*, Natal, v. IV, n. 2, p. 308-93, jul. 1906.
- GALVÃO, Claudio. *A modinha Norte-Rio-Grandense*. Recife: Editora Massangana; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. EDUFRN, 2000.
- _____. Deolindo Lima: seu centenário de nascimento. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RN*, Natal, v. 77-8, 1985-6.
- GAZETA DO NATAL, 19 maio 1888.
- _____. 9 ago. 1890.
- GOMES, Carlos. [Capa da Revista] *Som*, Natal, n. 1, 1936.
- GONÇALVES, Augusto de Freitas Lopes. *Dicionário histórico e literário do teatro no Brasil*, v.3, letra C, 1979.
- GUERRA, Otto de Brito. Opção urbana. *Tribuna do Norte*, Natal, 23 out. 1983.
- GUIMARÃES, João Amorim. 2. ed. *Natal do meu tempo*. Natal, FIERN-SESI, 1999.
- JORNAL DO COMÉRCIO, Natal, 21 de ago. 1954.
- LIMA, Deolindo. Abelardo Bezerra de Mello. [Revista] *Som*, Natal, n. 9, 1938.
- LIVRO de Matrícula da Sociedade Apóllo Riograndense [*manuscrito de 24 de setembro de 1854*]. [Natal], 1854. Acervo do Memorial Luís da Câmara Cascudo.
- MARANHÃO FILHO, Luis. Ao palácio e não ao teatro o nome de Alberto Maranhão. *Diário de Natal*, 19 ago.1957.
- _____. Injustiça a Carlos Gomes. *O Poti*, 20 ago.1957a.
- NOBRE, Manoel Ferreira. *Breve notícia sobre a Província do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1971.
- O ESTADO, Natal, 18 out. 1894.
- _____. Natal, 10 mar. 1895.
- O NORTISTA, Natal, 20 abr. 1894.
- _____. Natal, 23 maio 1895.
- _____. Natal, 6 jun. 1895 a.
- _____. Natal, 26 jul. 1895b.
- _____. Natal, 23 out. 1895c.
- O POTI, Natal 20 ago. 1954.
- _____. Natal, 20 ago. 1957.
- O RIO GRANDE DO NORTE, Natal, 19 jan. 1894.
- _____. Natal, 31 maio 1895.
- _____. Natal, 28 jun.1895a.
- O SANTELMO, Natal, 15 ago. 1892.
- O THEATRO, Natal, n.1, maio 1916.
- PAULO, J. [... publicou suas explicações...] *A Republica*, 8 maio,1907.
- PIRES, Meira. *História do Teatro Alberto Maranhão*. Natal, Fundação José Augusto; Secretária de Educação e Cultura do RN, 1980.

_____. Não foi Alberto Maranhão quem escolheu o nome de Carlos Gomes para o nosso Teatro. *O Poti*, Natal, 20 ago., 1957.

_____. Teatro – Meira Pires. *A República*, Natal, 18 maio, 1960.

_____. Terra queimada e o Teatro do Estudante. *Diário de Natal*, 19 ago., 1953.

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS, Natal, v. 8, n. 6, 1960.

REVISTA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, v.1, n.1 1968.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal, v. 19, n. 1 e 2, p. 1- 363, 1922.

RIO GRANDE DO NORTE. Decreto nº. 176, de 31 de março de 1908. Cria a Eschola de Musica. *A República*, Natal, 22 abr. 1908.

RIO GRANDE DO NORTE. Decreto nº 1, de 6 de janeiro de 1914. *A República*, Natal, 5 fev., 1914.

RIO GRANDE DO NORTE. Decreto-Lei nº. 9.524 de 26 de março de 1986. Regulamenta a Escola de Dança do TAM. *Diário Oficial [do] Estado do Rio Grande do Norte*, 27 mar., 1986.

RIO GRANDE DO NORTE. Governo do Estado. *Mensagem de 14 de julho de 1903 [...] do Governador Alberto Maranhão [...] Natal, Typ. d' A República*, 1905.

_____. *Mensagem de 14 de julho de 1900 [...] do Governador Alberto Maranhão [...] Natal, Typ. d'A República*, 1900.

_____. *Mensagem de 14 de julho de 1902 [...] do Governador Alberto Maranhão [...] Natal, Typ. d' A República*, 1904.

_____. *Mensagem de 24 de março de 1904 do Governador Alberto Maranhão ao passar o Governo ao Dr. Augusto Tavares de Lira [...] A República*, Natal, 25 mar. 1904.

_____. *Mensagem de 22 de janeiro de 1905 do Governador Augusto Tavares de Lira. [...] Natal, [s. n] 1905.*

_____. *Mensagem de 1º de novembro de 1914 do Governador Joaquim Ferreira Chaves [...] Natal, Typ. d'A República*. 1914.

RIO GRANDE DO NORTE. Lei nº. 678, de 6 de agosto de 1873. *Coleções de Leis Provinciais do Rio Grande do Norte dos anos 1872 a 1873*. Rio de Janeiro, Tipografia Americana, 1873. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

_____. Lei nº 820, de 11 de dezembro de 1877. *Coleções de Leis Provinciais do Rio Grande do Norte ano 1877*. Natal, Tipografia do Correio do Natal, 1878. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

_____. Lei n. 744, de 23 ago. 1957. Denomina Alberto Maranhão o atual Teatro Carlos Gomes, pertencente a este município. *Diário Oficial do Município*, Natal, 27 ago. 1957.

_____. Lei n. 270 de 18 de novembro de 1909. In: _____. *Atos Legislativos e Decretos do Governo 1909*. Natal, Typ. d'A República, 1910. 111 p., p. 4.

RIO GRANDE DO NORTE. (Província) *[Relatório de 7 de setembro de 1843... apresentado à Assembléia Legislativa Provincial, pelo Presidente da Província, André de Albuquerque Maranhão]*. Natal, [1843?] In.: FALAS e relatórios dos Presidentes da Província do RN; 1835-1888. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2001. (Coleção Mossoroense, série G 5-8)

_____. *[Projeto apresentado... à Assembléia Legislativa Provincial em 24 de fevereiro de 1860]*. Natal, [1860 ?]

RIO GRANDE DO NORTE. Regulamento do Teatro Carlos Gomes, de 8 de abril de 1908. *Atos Legislativos e Decretos do Governo 1908*. Natal, Typ. d'A República, 1909. 111 p., p. 100-11.

ROBERT-DEHAULT, Elisabeth; JUNQUEIRA, Eulália; BULHÕES, Antonio. *Fontes d'art : chafarizes e estátuas francesas do Rio de Janeiro*. Paris: Les Éditions de l'Amateur; ASPM; FBM, 2000.

SALLES, Vicente. *O teatro na vida de José de Lima Penante: um ator do século XIX*. Brasília: MicroEdição do Autor, 2000.

SANTOS, Racine. O dramaturgo que conquistou o Brasil. *Em cena*, Natal, abr., 2003.

SARAIVA, Gumercindo. A orquestra do Teatro. *Jornal do Comércio*, Natal, 8 ago. 1961.

- _____. [... carta ao Superintendente do TAM...] Natal, 1961. Arquivo do autor.
- _____. *O povo de Natal contra a Câmara de Vereadores*. *Jornal do Comércio*, Natal, 21 ago., 1954.
- SOUZA, J. Galante de. *O Teatro no Brasil*. Rio Janeiro: INL, 1960.
- TEATRO Brasileiro. n. 28, Rio de Janeiro, 1935.
- TEATRO Carlos Gomes. *Diário do Natal*, 25 mar. 1904.
- [TEATRO Santa Cruz] *O Correio do Natal*, 24 mar. 1886.
- _____. *O Correio do Natal*, 6 ago. 1880.
- WANDERLEY, Palmira. Os Anjos do Claustro, Segundo Wanderley e as irmãs dorotéas. *A República*, Natal, 20 nov. 1945.
- WANDERLEY, Walter. *Família Wanderley*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1966.



O AUTOR

Claudio Augusto Pinto Galvão, Bacharel (1961) e Licenciado em História (1962), especialista em recursos audiovisuais pelo Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (1963). Especialista em Estudos Medievais pelo Instituto Interfacultaire d'Études Médiévales da Universidade Católica de Louvain, Bélgica, 1971-1972. Professor Emérito aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da Sociedade Brasileira de Musicologia.

TRABALHOS PUBLICADOS

OSWALDO DE SOUZA, O CANTO DO NORDESTE, Minc-Funarte, Rio de Janeiro, 1988.

Pesquisa e introdução de ARA DE FOGO-ABYSMOS, (poemas de Othoniel Menezes) Clima, Natal, 1989.

MODINHAS BAIANAS NO RN, Revista ARTEunesp, São Paulo, 1991.

Biografia em OTO GUERRA O BIBLIOGRAFIA, Fundação José Augusto, Natal, 1992.

Pesquisa e introdução de O GRACIOSO RAMALHETE (poemas inéditos de Ferreira Itajubá), Coleção Humanas Letras, UFRN, Natal, 1993.

Pesquisa e organização de POESIA INÉDITA (poemas de Sebastião Fernandes), Edição de Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1994.

Pesquisa e introdução de A CIDADE PERDIDA - DESENHO ANIMADO, (poemas de Othoniel Menezes), Coleção Humanas Letras, Natal, 1995.

Pesquisa, introdução e grafia musical do CANCIONEIRO DE OTHONIEL MENEZES, Coleção Humanas Letras, Natal, 1995.

Biografia em MANOEL RODRIGUES DE MELO - BIOBIBLIOGRAFIA, Editora Universitária, Natal, 1995.

A DESFOLHAR SAUDADES - Uma biografia de Tonheca Dantas, Departamento Estadual de Imprensa / Editora Santa Maria, Natal, 1998.

CAMPO DA ESPERANÇA, Editora da Universidade Sagrado Coração, Bauru, São Paulo, 1999.

A MODINHA NORTE-RIO-GRANDENSE, coedição Editora da UFRN - Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, Recife, PE, 2000.

CANCIONEIRO DE AUTA DE SOUZA, pesquisa, textos e grafia musical - Editora da UFRN, 2000.



TEATRO
ALBERTO
MARANHÃO
100 anos de Arte



FUNDAÇÃO
JOSÉ AUGUSTO



GOVERNO DE TODOS

Trabalhando pra valer

Secretaria da Educação,
da Cultura e dos Desportos

ÍNDICE